

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
SERRO/MG

PROJETO DE RESTAURAÇÃO

ELEMENTOS DE ARTE APLICADA

DIAGNÓSTICO

VOLUME 01

Março de 2016

SUMÁRIO

1 - APRESENTAÇÃO 3

2 - IDENTIFICAÇÃO DOS BENS 5

2.1 – Síntese Histórica 6

2.2 - Descrição formal-estilística 11

3 - DIAGNÓSTICO 36

3.1 - Estado de conservação 37

3.2 – Testes de Solubilidade 72

4 - PROPOSTAS DE RESTAURAÇÃO 75

4.1 - Propostas de intervenção 76

4.2 – Especificações Técnicas 108

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 121

6 – FICHA TÉCNICA 124

ANEXO 1 – FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO

ANEXO 2 – MAPEAMENTO DE DEGRADAÇÕES DE PATOLOGIAS

ANEXO 3 – DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

1 - APRESENTAÇÃO

1 - APRESENTAÇÃO

O presente trabalho faz parte do Contrato Nº 11-2015, celebrado entre o IPHAN/MG e a Século 30 Arquitetura e Restauro.

O objetivo deste é o Projeto de Restauração dos Elementos de Arte Aplicada, da Igreja do Rosário, na cidade do Serro/MG. A etapa que agora apresentamos é o Levantamento, Diagnóstico do Estado de Conservação e Proposta de Tratamento.

No caso de alteração substantiva no que foi sugerido no presente projeto aconselha-se a discussão com as autoras do mesmo antes da definição final.

2 - IDENTIFICAÇÃO DOS BENS

2.1 – Síntese Histórica

2.1 – Síntese Histórica

2.1.1 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Serro/MG

A *"Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Freguezia da Conceição da Villa do Príncipe do Serro do Frio"*, presente na cidade desde a criação da antiga vila colonial, em 1714, teve seus estatutos aprovados em 1728, sendo reconhecida pelo bispado em fevereiro de 1729.

Os primeiros indícios históricos para a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Serro aparecem em 1749, com a abertura do *"Livro de Registro de Concordatas da Irmandade do Rosário – 1749/1874"* – até a construção de templo próprio, a Irmandade reunia-se na sacristia da Matriz de N. Sra. da Conceição. Em 15 de outubro de 1758, uma *"Petição dos Irmãos Pretos"* informava *"*[...] *que a nossa Capella se acha em termos de poder benzer para nella se celebrarem os ofícios divinos* [...]*"* faltando, para tanto, *"fazerse patrimônio"*. Não há informação quanto à autoria do projeto e das obras de construção do templo.

Em 07 de julho de 1763, em reunião da Irmandade, todos *"concordarão uniformemente se pintasse a Igreja de N.ª Snr.ª do arco para dentro e as portas e janelas do coro..."*. Registros de *Visitas Pastorais* datadas de 1764 e 1777, e posteriores, mencionam a Capela do Rosário dos Pretos – as de 1777 e 1784 fazem referência aos cuidados e asseio com que a Irmandade conservava sua Capela. Em 13 de junho de 1799, um registro no mesmo *"Livro de Concordatas"* referia-se à *"necessidade que havia de vários consertos na dita capela e assentiram todos uniformemente em que o Procurador mandasse fazer as obras e consertos necessários na dita capela de N. Sra. do Rosário"*. Em 07 de março de 1830, conforme o *"Termo de Concordata sobre a pintura e decência da Capela Mor, e douramento do Trono"*, os pintores Liberato Nepomuceno Leão e Anacleto Gomes Ferreira propuseram à Irmandade *"dourar o trono e fazer o preparo do retábulo para o futuro oratório dourado, pela quantia de 400$000* [...] *mais fazer a pintura do altar, o branqueamento da capela-mor e a pintura da respectiva cimalha barrada, tudo pela quantia de 50$5000* [...] *tendo sido a proposta aceita pela Mesa"*.

Entre 1867 e 1888, aparecem diversos registros sobre a necessidade de concertos estruturais no templo religioso, em especial relativos à extinta torre lateral primitiva, além de reparos diversos. Presume-se que a torre lateral tenha existido entre os anos de 1830 a 1885, então substituída pela torre de madeira central – que existiu até a década de 1960, quando foi suprimida por deliberação da DPHAN, no contexto de uma restauração efetivada em 1961.

Em 16 de maio de 1941, um relatório de Aires da Mata Machado Filho informa: *"A Igreja é pobre em trabalhos de talha. A pintura do teto é de data recente. Acha-se o templo quase em ruínas."*

Em 1979, num projeto de restauração para o templo religioso anotou-se que *"o armário do Senhor dos Passos deveria ser restaurado, com retirada total das tábuas de friso das laterais e todo o piso"*. Nas obras efetivadas em 1980/1981, houve a recuperação da cimalha, do arco-cruzeiro e da sineira instalada na primeira janela da fachada lateral esquerda – um dos sinos, datado de 1810, foi fundido no Serro, conforme a história preservada pela Irmandade.

No contexto do projeto de restauração para as obras de 1980/1981, aparece uma vistoria realizada pelo IEPHA/MG, de 02/02/1980 – restaurador Adriano Reis Ramos:

- Altar-mor: *"Altar característico da transição do rococó para o neoclássico. Apresenta frontão com dois arcos concêntricos e tarja ao centro. Colunas, quartelões e nichos laterais rodeiam nicho central que comporta quatro tronos. Sacrário e mesa tendem para frente, decorados em talha baixa e simétrica."*
- Altar da sacristia: simples, com mesa e nicho central contendo três aberturas envidraçadas; talha baixa simétrica. Procedência local.
- Altar Santa Luzia: simples, com tímido dossel, arcos frisados centralizados por tarja, nicho comportando três tronos e mesa lisa insinuando, pictoricamente, entalhes. Encontrava-se desmontado.
- Altar São Benedito: simples, com tímido dossel, arcos frisados interrompidos por tarja ao centro; nicho com três tronos e mesa mais à frente, lisa, insinuando, pictoricamente, talhas.
- O arco-cruzeiro e as cimalhas da nave e da capela mor estão situados estilisticamente num mesmo plano; são bem simples, decorados timidamente.
- Representando o Santíssimo, a pintura do forro da capela-mor ocupa pequena parte no centro do forro. Tem medalhão interrompido por moldura envolta por decoração fitomorfa. Simetricamente dividida, a pintura situa-se estilisticamente no neoclassicismo.
- Imagem: Ressurreição. José Tameirão e Padre José André Coimbra. Sofreu intervenção em 1968.

Datada do dia 04/02/1980, aparece uma *"Especificação dos serviços de restauração dos elementos de Artes Aplicadas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Serro/MG"*, com as seguintes indicações:

- Imunização e consolidação do suporte; remoção de repintura; fixação de pintura e recomposição cromática; montagem do altar do cruzeiro, lado Epístola – altar de Santa Luzia – e do forro da nave.

- Equipe: 1 técnico em restauração; 1 auxiliar técnico; 1 carpinteiro; 4 ajudantes.
- Prazo: 5 meses;
- Cronograma: 1º e 2º meses – altar-mor; 3º mês – forro da capela-mor; 4º mês – Arco-Cruzeiro e altares colaterais; 5º mês – altar da sacristia e forro da nave.

Cumpre ressaltar que dois elementos integrados foram alterados durante a intervenção arquitetônica de 1980/1981: o lavabo de pedra foi retirado da sacristia esquerda, sem que tenha retornado ao local original; sua bacia de pedra-sabão desapareceu:



Lavabo ainda em seu local original, com sua bacia – à direita na foto, ao fundo.
Fotografia de janeiro de 1980. Fonte: IEPHA/MG.

A pintura exitente no forro da nave foi retirada, e seu paradeiro é desconhecido:



Detalhe do forro da nave. Fotografia do dia 15 de janeiro de 1980.
Fonte: IEPHA/MG.



Tela retirada do forro da nave. Fotgrafia do dia 22 de abril de 1980.
Referente ao Relatório nº 07. Fonte: IEPHA/MG

O *"Relatório da Retauração do Sino da Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Serro"*, do IEPHA/MG, de outubro/novembro de 1985, informava que o sino datado de 1810 permanecera em uma igreja em Belo Horizonte por mais de 50 anos, e seria devolvido à Igreja do Rosário; o objeto sofrera restauração anterior, com remendos e alteração na estrutura original, e uma repintura em tom alumínio; a restauração se deu com aplicação de removedor, ácido clorídrico (HCL), água e produto abrasivo (pasta Jóia), com a retirada das oxidações com ácido fosfórico; para a apresentação, aplicação de verniz de cera de abelha, cera microcristalina e toluol.

Em 2005, a Irmandade do Rosário instalou um tablado de madeira em prolongamento ao supedâneo da capela mor, para ampliar o espaço útil da capela durante as celebrações religiosas.

No ano de 2009, foi edificada a singela sineira lateral – uma necessidade e uma referência ao passado arquitetônico da Igreja do Rosário do Serro.

2.2 - Descrição formal-estilística

2.2 - Descrição formal-estilística

2.2.1 – Retábulo mor

No retábulo mor pode ser observada uma mistura de elementos do barroco joanino com elementos do rococó, sugerindo uma possível transição de estilos. A redução de ornamentos, que evidencia mais características arquitetônicas do que escultóricas, é um dos aspectos desde último estilo encontrados no retábulo mor, em conjunto com a simplificação do coroamento – aqui composto de arcos, poucas ornamentações e uma tarja de pequenas proporções ao centro – presença de colunas retas, ausência de decorações zoomorfas/antropomorfas, presença de rocailles e do trono escalonado. Estes aqui evidenciam outro aspecto da transição de estilos pois configuram-se em simetria orientada pelo eixo vertical do retábulo, também observada nas demais ornamentações presentes. O barroco joanino se manifesta na separação da coluna em seu terço inferior, na presença de quartelões, que emolduram o camarim, no arremate dos nichos laterais em dossel e na presença de folhas de acanto.

O coroamento do retábulo mor é constituído majoritariamente por três arcos que são emoldurados lateralmente por tábuas esverdeadas, frisos superiores dourados e elementos laterais semelhantes a entablamentos em marrom e dourado. Este complemento lateral dá a continuidade ao coroamento – assim como ao restante do retábulo – atingindo as paredes da capela mor. O primeiro arco, predominantemente marrom, apresenta poucos rocailles dourados, localizados em suas extremidades que, juntamente com elementos fitomórfos (duas flores douradas) são emoldurados por frisos também dourados. O arco seguinte é côncavo e raionado com molduras finas compostas por frisos dourados sobre fundo verde claro. O terceiro arco, similar ao primeiro em cores, apresenta rocailles que ocupam toda a sua extensão. Ao centro dos três arcos nota-se uma tarja decorada com volutas, rocailles, formas em “C” e “S”, que juntos formam a ornamentação do objeto em dourado sobre verde claro. Nota-se também alguns elementos fitomórficos e, arrematando superiormente, uma coroa dourada de três hastes em volutas sob uma cruz.

Abaixo encontra-se o entablamento superior, constituído de frisos retos de ondulados, de diferentes espessuras e inclinações. Em tons de ocre e marrom avermelhado, são intercalados por finos frisos dourados. À extrema esquerda e direita, em contato com as paredes da capela mor, há elementos decorativos em volutas em “S”, nas cores marrom avermelhado e dourado.



Figura 1 - Coroamento, tarja e entablamento superior do retábulo mor



Figura 2 - Tarja do retábulo mor

Dando continuidade ao primeiro arco do coroamento observa-se colunas retas estriadas – em marrom avermelhado e dourado – com o terço inferior separado por finos frisos dourados ondulados. Cada estria é arrematada por volutas douradas e cada coluna é encimada por capitel com elementos compósitos. No intercolúnio, de formato côncavo, encontra-se nichos compostos por dossel em marrom avermelhado com ornamentos em volutas e elementos fitomórfos estilizados dourados; e peanha em marrom avermelhado decorado com volutas em "C" e "S", assim como formas onduladas douradas. Cada nicho é emoldurado por finos frisos dourados posicionados sobre fundo em verde claro. Ladeando o camarim há quartelões em marrom avermelhado decorados com rocailles, grandes volutas e elementos fitomórfos. Nota-se aqui a separação do terço inferior, semelhante à coluna encontrada, assim como um capitel igualmente similar àquele encontrado nesta.



Figura 3 - Sessão central do retábulo mor

A renda do camarim existente encontra-se em toda a extensão da abertura e é composta por conjuntos de volutas e formas em "C" e "S" alternantes dourados. Em pontos específicos, como próximo à tarja do coroamento, nota-se a presença de pequenos elementos fitomórficos dourados. As paredes e forro do camarim são lisas e pintadas do mesmo verde claro encontrado no retábulo, sendo constituídas por tábuas mais largas nas paredes e tábuas estreitas no forro, que apresenta formato de abóbada de berço. O trono do camarim é escalonado, apresentando quatro níveis distintos. O primeiro (base) é formado por linhas retas e decorado por frisos finos e dourados e formam molduras. O segundo nível possui três grandes faces côncavas, decoradas ao

centro por painéis com frisos verticais dourados ladeados por composições verticais de elementos fitomórficos. É arrematado superiormente por frisos ondulados dourados e encimado pelo segundo nível, também em três faces, porém convexas. A face frontal é decorada por composição de rocailles e volutas que é emoldurada por finos frisos dourados e elementos fitomórficos estilizados. O quarto nível, em três faces, ter formato de cântaro invertido e é decorado por frisos dourados ondulados e elementos compostos por volutas e formas em "C" e "S". O trono é predominantemente verde claro com dourado em seus frisos e elementos decorativos.

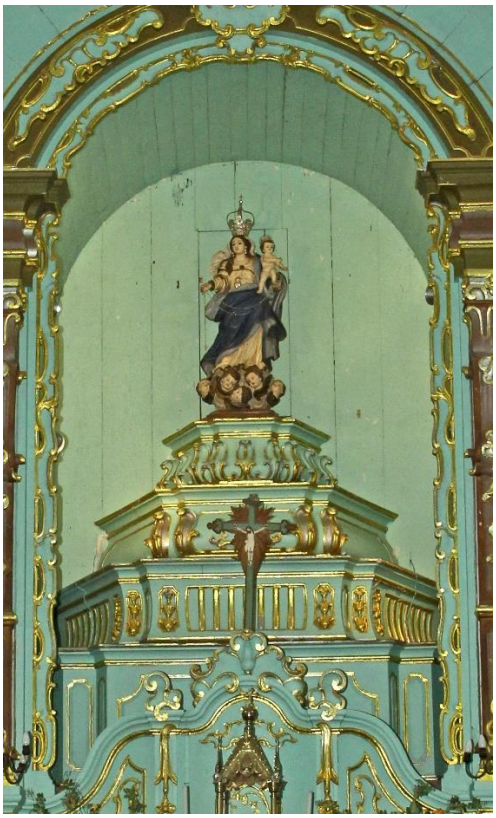


Figura 4 - Camarim e trono do retábulo mor

Abaixo do camarim encontra-se o sacrário, de formato semi-retangular, arrematado superiormente por composições de volutas em "C" e "S" e frisos ondulados em verde claro e dourado, que se estendem por toda esta sessão, latitudinalmente, até as mísulas mais externas. A porta do sacrário, de formato ovalar e em verde claro, é emoldurada por frisos retos e ondulados em dourado, possui espelho da fechadura estilizado – aqui recoberto pela tinta verde claro – e apresenta em seu centro elementos fitomórficos – uma videira, com folhas e frutos, e três ramos de trigo, que simbolizam respectivamente o vinho e o pão, presentes na Última Ceia e na comunhão. Em volta da porta do sacrário há volutas e rocailles em dourado.



Figura 5 - Sacrário do retábulo mor



Figura 6 - Porta do sacrário

Duas pequenas pilastras – decoradas com elementos fitomórficos em dourado – ladeiras o sacrário e fazem a transição para os painéis laterais. Estes são decorados com composições de rocailles e volutas, emolduradas por frisos dourados em linhas retas e curvas. Abaixo dos quartelões e da coluna encontram-se mísulas de similar caracterização, apresentando grandes volutas e decoração fitomórfica estilizada. Na sessão correspondente ao intercolúnio encontra-se um conjunto de frisos dourados que constituem uma "moldura".



Figura 7 – Lateral esquerda ao sacrário do retábulo mor



Figura 8 – Mísulas da lateral direita

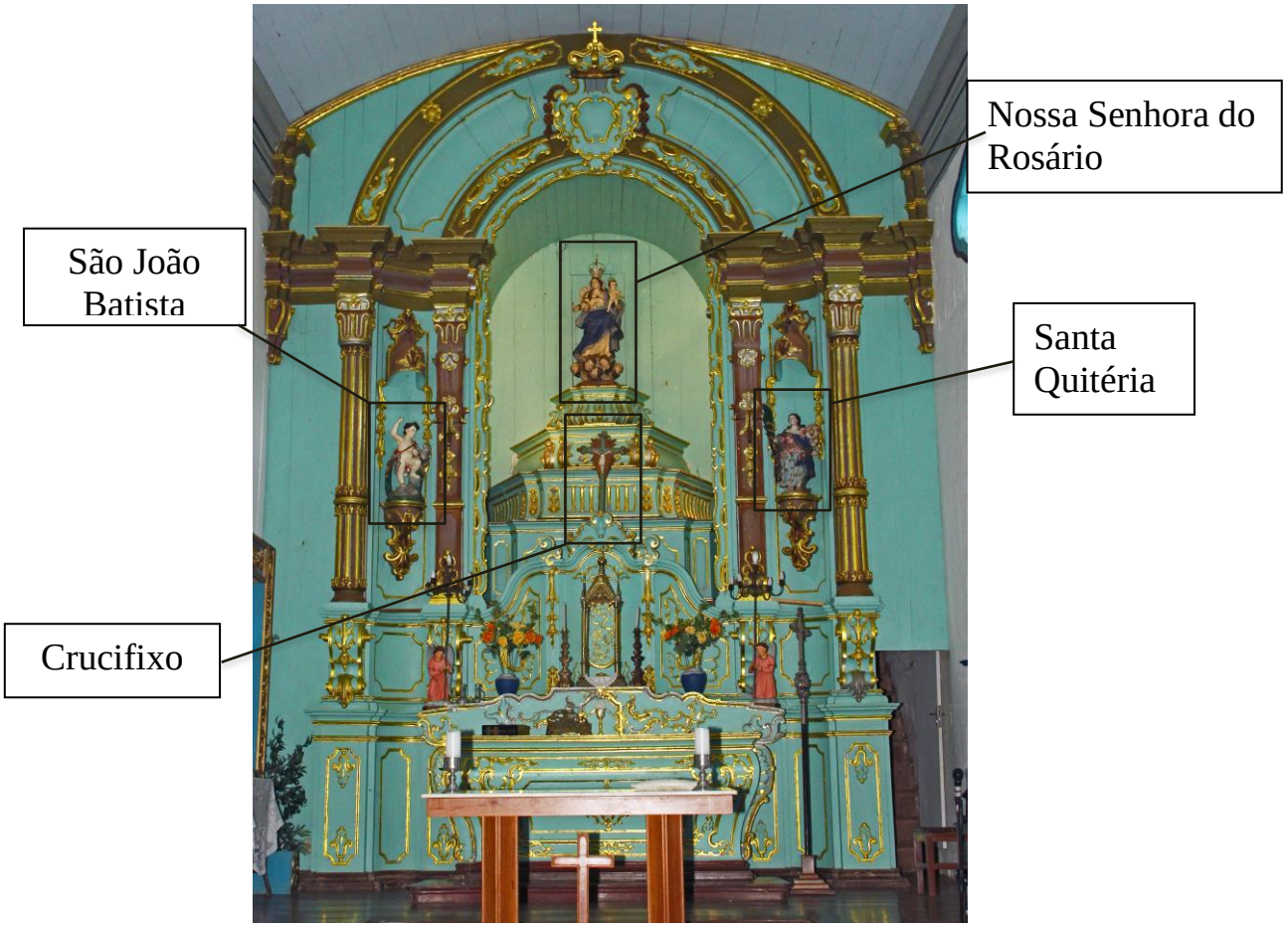
Seguem na parte inferior do retábulo – em cada lateral – o entablamento inferior com frisos ondulados em verde claro e dourado e painéis contendo composições de frisos dourados (em moldura) e elementos fitomórficos com volutas. A parte central inferior é constituída de tábuas de madeira lisas pintadas de verde claro. A mesa do altar encontra-se em avanço, sendo emoldurada por uma estrutura em verde claro contendo rocailles e volutas em composições em dourado. Estas encontram-se tanto nas laterais da estrutura quando na parte central superior, na qual ladeiam uma representação de um cálice encimado por um círculo claro (ambos representando a comunhão com o cálice de vinho e a hóstia). O frontal da mesa apresenta frisos dourados que compõem

cercaduras sucessivas, intercalando conjuntos de rocailles e volutas, também encontrados ao centro da mesa. O tampo é em madeira sem camada de pintura.



Figura 9 – Parte inferior do retábulo mor

Identificação de bens móveis



2.2.2 – Forro da capela mor

O forro é formado por três seções de tábuas sendo que a primeira, com aproximadamente 24 tábuas que se encaixam no retábulo mor, as peças são mais curtas, e as outras duas seções são de tábuas maiores com número aproximado de respectivamente 22 e 20 tábuas, somando-se então 66 tábuas em abóboda de berço. As larguras das tábuas também são variadas, com exceção da última seção junto ao arco cruzeiro onde elas são regulares.



Figura 10 – Visão frontal do forro da capela mor



Figura 11 – Visualização das três sessões de tábuas

A pintura central é apresentada como uma grande moldura em perspectiva, essa rodeada por rocailles, frisos em forma de "C", volutas e elementos fitomórficos dispersos em tons de branco e vermelho. Na parte central da composição, encontram-se um ostensório em tons de branco, amarelo e marrom, utilizado para expor a hóstia consagrada sobre o altar ou para transporta-la em procissão. O ostensório está rodeado por querubins com asas em três cores, verde, azul e vermelho. Os querubins encontram-se em nuvens com tons terrosos, branco e amarelo, ao todo 9 deles. Na parte inferior da moldura pode ser observado o cordeiro de deus – referência a Jesus Cristo e o seu sacrifício para salvação da humanidade - segurando uma cruz sobre a mesa do altar, essa em tons de azul com seu tampo em tons de amarelo.

A moldura é retratada com pequenos frisos ondulados e algumas conchas. Sua coloração não difere de outras rocailles espalhadas pela composição da pintura central. As rocailles são representadas em diferentes tamanhos e diferentes tons de vermelho, amarelo e branco junto as áreas em tons de verde que preenchem a composição. As extremidades e as laterais da composição apresentam rocailles mais elaboradas com voltas e contra voltas. Na parte superior é representada uma falsa arquitetura com 2 lados separados por frisos, conchas, volutas e uma figura central em tons de amarelo e vermelho na parte superior da moldura.



Figura 12 – Pintura central do forro da capela mor

2.2.3 – Cimalha da capela mor

As cimalhas laterais que arrematam o forro da capela mor são constituídas de frisos escalonados ondulados e retos, este último com marcas de trabalho com serra. Os frisos não apresentam talha decorativa, somente suas formas “serrilhadas” na parte superior e ondulada na parte inferior. As cimalhas laterais apresentam pintura simples que por sua vez foram distribuídas de forma uniforme pelas peças, sendo essas pintadas nas cores cinza claro no fundo e três faixas em cinza escuro, distribuídas da metade para baixo nas cimalhas. Analisando sua pintura atual, não foram observados indícios de pinturas decorativas nas cimalhas laterais da capela mor.



Figura 13 – Cimalha da lateral esquerda da capela mor



Figura 14 – Cimalha da lateral direita da capela mor

2.2.4 – Decoração do Presbitério

A escada, parcialmente coberta por uma adição de novas peças em madeira – que aumentam a sua extensão – apresenta linhas sinuosas, que se opõem às linhas retas do supedâneo do retábulo mor. As faces frontais do supedâneo são pintadas predominantemente de marrom avermelhado, com seus ornamentos em prata. Nota-se a presença de frisos prateados – formando almofadas – que marcam a presença de suas pilastras em cada lateral e do painel central. Neste encontra-se uma composição de relevos em forma de volutas e rocailles em forma de "C" e "S", com uma calota central. O rodapé apresenta frisos ondulados de diferentes espessuras, também em marrom avermelhado.



Figura 15 –Decoração lateral direita do supedâneo



Figura 16 –Decoração lateral esquerda do supedâneo, coberta pela nova estrutura

2.2.5 - Arco cruzeiro

O Arco cruzeiro, constituído de madeira, exibe arco, colunas e socos com predominância de formas simples e linhas retas. O arco apresenta os mesmos frisos retos da coluna que o segue e, centralizado sobre a chave, nota-se a presença de um rosário de grandes dimensões, com contas de madeira envernizada unidas por cordão e correntes (elos metálicos), peça central que contém a letra "M" e uma cruz em sua ponta. Nos entablamentos, frisos dos socos e das bases observa-se a presença de frisos retos e ondulados de diferentes dimensões, que se alternam.



Figura 17 –Parte superior posterior do Arco Cruzeiro

Encontra-se recoberto por repintura em cinza médio, presente na maioria de sua extensão, e cinza escuro, presente em frisos diversos. Em regiões com perdas de camada pictórica é possível observar a presença de mais de uma camada de pintura.



Figura 18 – Pilastra direita da face frontal



Figura 19 – Soco direito da face frontal

As características formais deste arco cruzeiro em muito se assemelham a outros bens de mesma categoria, encontrados em diversas igrejas do período colonial, compondo acervos com aspectos do barroco e do rococó mineiro.

2.2.6 - Retábulos colaterais do Arco cruzeiro (2 unidades)

Os retábulos colaterais do arco cruzeiro apresentam talha com aspectos similares entre si, sendo sua descrição formal-estilística apresentada em conjunto. Nota-se a presença de elementos do barroco como arcos concêntricos, cuja configuração formal se estende à região central, elementos fitomórficos na renda do camarim e simetria das formas. Também observa-se elementos do estilo rococó, como a presença de um

guarda-pó com lambrequins sobre o coroamento, ausência de elementos antropomorfos e zoomorfos, sugerindo um período de transição de estilos.

No retábulo colateral do evangelho o coroamento é arrematado superiormente por um guarda-pó – que se estende horizontalmente pela extensão do retábulo – com finos frisos ondulados em cinza e azul e lambrequim em marrom com prata. Abaixo segue o conjunto de arcos concêntricos, sendo dois arcos marrons com painéis de volumetria ovalada, intercalados por tabuado em leque, e um arco inferior em azul claro. Nas laterais superiores observa-se elementos geométricos semelhantes a triângulos em azul com frisos interiores em prata e painel menor em marrom. Ao centro encontra-se um pequeno escudo brando com talha decorativa de elementos fitomórficos e volutas na cor marrom escuro. No retábulo colateral da epístola observa-se a ausência de frisos prateados e almofadas nos arcos. A tarja presente, de maiores dimensões, não apresenta talha decorativa, apenas com pinturas de volutas e elementos fitomórficos. Ao centro observa-se a representação de uma folha de palma.



Figura 20 – Coroamento e entablamento do retábulo colateral do evangelho



Figura 21 – Coroamento e entablamento do retábulo colateral da epístola

O entablamento do retábulo do evangelho, que segue abaixo do coroamento, é formado com frisos em marrom e prata que se intercalam, variando também em largura, espessura e ondulação. No lado da epístola, o entablamento é constituído de placas em madeira pintada de marrom, sem frisos.

Pilastras marrons com frisos em prata, intercaladas por painéis em azul dão continuidade ao padrão de arcos do coroamento, abaixo do entablamento. Não se observa área para nichos laterais, sendo estes improvisados pela fixação de chapa de madeira pintada de azul claro na altura do sacrário. Os frisos presentes no retábulo do evangelho não se encontram no retábulo da epístola, observando-se apenas a pintura de moldura em prata que emolduram as pilastras.



Figura 22 – Pilastras e intercolúnio do retábulo colateral do evangelho



Figura 23 – Pilastras e intercolúnio do retábulo colateral da epístola

O camarim, de formato triangular, é recoberto por uma camada de tinta azul clara e possui renda em prata com talha de elementos fitomórficos simples. Esta renda que se estende por toda a abertura do camarim do retábulo do evangelho ocupa somente o arco superior no retábulo da epístola. O trono em azul claro – embutido no camarim – sugere a junção de suas partes distintas pelas diferenças formais entre elas. A parte superior, com três faces apresenta ondulações e um arremate reto. A parte inferior, também com três faces, representa meio hexágono, sem ondulações. Entre cada face pode-se observar pequenas pilastras com painel central prateado e frisos superiores ondulados. A simplicidade encontrada no retábulo da epístola também é observada em seu trono, composto de duas formas de três faces retas, com ondulações ou frisos além daqueles encontrados em seu arremate superior.



Figura 24 – Camarim do retábulo colateral do evangelho



Figura 25 – Camarim do retábulo colateral da epístola

Abaixo, no retábulo do lado do evangelho encontra-se o sacrário liso, sem porta ou talha decorativa, arrematado superiormente por frisos prateados ondulados, que se estendem lateralmente pelo retábulo. À esquerda e à direita observam-se pequenos painéis retangulares que dão continuidade às pilastras marrons e painéis azuis

encontrados superiormente. No retábulo do lado da epístola o sacrário, de menores dimensões é formado por várias peças retangulares de madeira, indicando uma possível substituição. Ao seu lado, apenas peças ligas de madeira pintadas em marrom e azul claro, sem frisos.

A mesa de ambos retábulos é lisa, recoberta por camada de tinta azul clara, encimada por chapas de madeira com as laterais pintadas de prata. É emoldurada por painéis em azul claro com frisos também em prata.



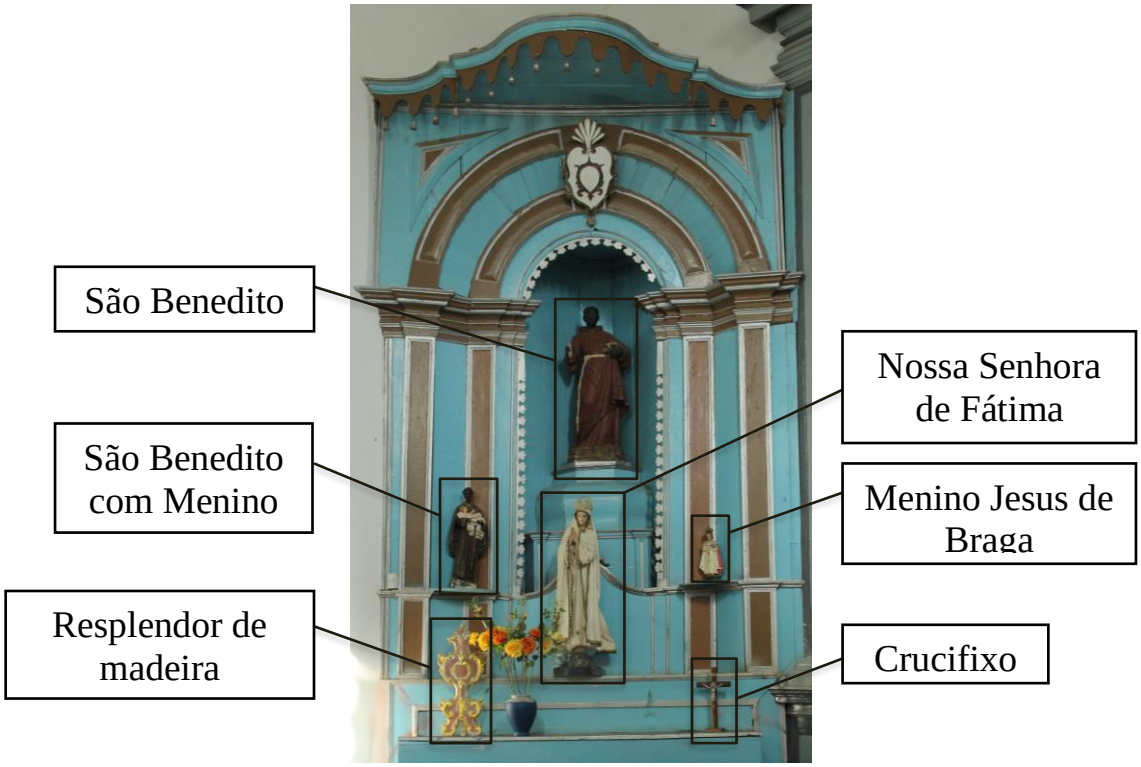
Figura 26 – Sessão inferior do retábulo colateral do evangelho



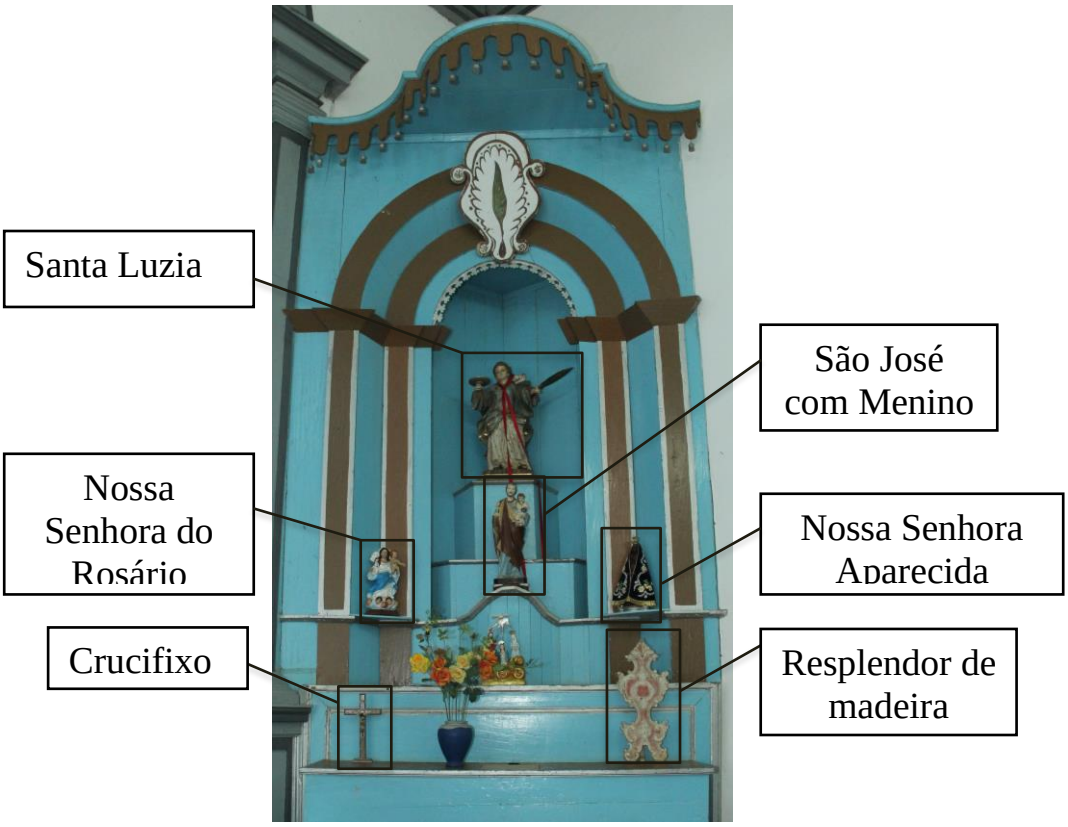
Figura 27 – Sessão inferior do retábulo colateral da epístola

Identificação de Bens Móveis

Retábulo colateral do Arco Cruzeiro – lado do Evangelho (esquerdo)



Retábulo colateral do Arco Cruzeiro – lado da Epístola (direito)



2.2.7 – Cimalha da Nave

O conjunto de cimalhas da nave é constituído de frisos escalonados ondulados e retos, distribuídos nas laterais da nave e próximo ao arco cruzeiro. Diferentemente da cimalha da capela mor, a cimalha da nave apresenta frisos maiores que alternam entre ondulações e áreas retas. Assim como na cimalha da capela mor, os frisos não apresentam talha decorativa, somente suas formas retas alternadas pelas áreas onduladas, predominantes na peça.

O conjunto de cimalhas da nave possui uma pintura simples distribuída de forma uniforme pelas peças, sendo essa nas cores cinza claro no fundo; três faixas em cinza escuro distribuídas na parte superior com uma faixa, e na parte inferior com duas faixas. Analisando sua pintura atual, não foram observados indícios de pinturas decorativas nas cimalhas laterais da capela mor.



Figura 28 – Parte central da capela mor, acima do arco cruzeiro



Figura 29 – Cimalha da lateral esquerda da nave



Figura 30 – Cimalha da lateral direita da nave

2.2.8 – Balaustrada da nave (mesa de comunhão)

A balaustrada da nave, que nos rituais anteriores tinha o papel de mesa de comunhão, apresenta suporte totalmente entalhado e torneado. É separada em três sessões por 4 montantes curvos – em forma de suas letras "C" sobrepostas – posicionados em cada extremidade e nos apoios da cancela central. Cada sessão lateral é formada por 11 balaústres, e a cancela, dividida em duas partes, tem 3 balaústres para cada uma delas. Portanto a mesa de comunhão é formada por 28 balaústre e quatro montantes. Cada balaústre apresenta formas cilíndricas, sendo três de dimensões similares na parte superior, um grande semicírculo iniciando o terço inferior e uma forma circular logo abaixo. Notam-se frisos finos e pontuais próximos aos semicírculos. O apoio superior é liso com frisos ondulados em escalonamento nas laterais, enquanto o apoio inferior é liso, com leve escalonamento nas arestas superiores. A madeira possui apenas acabamento em verniz, não apresentando camada pictórica.



Figura 31 – Visão geral da balaustrada da nave



Figura 32 – Lateral esquerda da balaustrada da nave



Figura 33 – Lateral direita da balaustrada da nave

2.2.9 - Balaustrada do coro

A balaustrada do coro, mais simples que a da nave, é constituída de em madeira recortada, sem a volumetria cilíndrica observada na balaustrada anterior. Formada por 27 balaústres interrompidos por duas peças de sustentação do coro, apresentando três seções da esquerda para a direita com 9, 10 e 8 peças respectivamente. As peças de sustentação são recobertas por pintura branca e o restante da balaustrada foi pintada de azul médio. Cada balaústre apresenta formas onduladas: sua sessão superior apresenta forma de cântaro invertido, repetida na sessão inferior em proporções mais esguias. Ambas partes são separadas por reentrâncias semicirculares ao centro de cada peça. Tanto o apoio superior quanto o inferior são retos, de arestas simples e sem ornamentações.



Figura 34 – Visão geral da balaustrada do coro



Figura 35 – Sessão central da balaustrada do coro



Figura 36 – Lateral esquerda da balaustrada do coro

2.2.10 - Retábulo da capela lateral esquerda

O retábulo da capela lateral esquerda é composto pela mesa do altar, uma base recuada com gavetões laterais e uma estrutura de três arcos sustentada por quatro colunas. Sua composição reduzida sem muitos entalhes demonstra simplicidade.
Suas colunas possuem fuste liso com base e capitel escalonados. Os três arcos superiores começam onde termina o entablamento, não possuem detalhes além de frisos e de recuos nas áreas do fuste. Os arcos possuem complemento fechando sua parte superior e em sequência são arrematados por frisos ondulados e retos compondo a parte superior. Internamente a estrutura possui um pequeno trono central com as faces lisas e policromia uniforme junto a pequenos frisos escalonados na parte superior e inferior. Nas laterais estão outros dois tronos com detalhes fitormórficos em relevo nas laterais e na parte da frente, mais os detalhes dos frisos como no trono central. O trono da lateral esquerda do retábulo apresenta inscrições de data (“6 de Julho de 1884”).



Figura 37 – Parte superior do retábulo da capela lateral esquerda



Figura 38 – Detalhes de talha e policromia do trono lateral



Figura 39 – Inscrições na parte posteiror do trono lateral direito.

A base que sustenta essa estrutura de arcos possui grandes gavetões na lateral esquerda com dois puxadores cada e sua respectiva fechadura. A lateral direita apresenta abertura em porta, que dá acesso ao interior da parte inferior do retábulo, hoje utilizado como área de guarda de objetos.



Figura 40 – Visão lateral da base recuada e seus gavetões



Figura 41 – Abertura (porta) da lateral direita do retábulo

A mesa do altar possui forma simétrica com curvas laterais em “S” tendo maiores dimensões na parte superior que na parte inferior. As laterais da mesa são lisas sem presença da talha. Já o frontal possui partes lisas e partes recuadas dentro da área talhada que emolduram o sagrado coração de Jesus pintado de vermelho, verde, amarelo e marrom ao centro da moldura com voltas e contra voltas rodeadas por frisos e áreas recuadas na madeira.



Figura 42 – Retábulo da capela lateral esquerda – Visão frontal da mesa do altar.

A policromia das partes constituintes do retábulo são similares com predominância da cor azul claro e tons de prata. Esse azul claro está presente na maioria das áreas lisas e recuadas do retábulo sendo o branco utilizado em pequenas partes e o prata nos frisos, áreas talhadas e contorno dos arcos e colunas.

Identificação de bens móveis



2.2.11 - Divisória da capela lateral da esquerda

A capela lateral da esquerda é separada por uma divisória vasada com fileira de borlas no arremate superior, três espaços retangulares formados por quatro colunas frisadas e balaustrada com cancela dupla central no terço inferior central. As colunas são de fuste liso com capitel simplificado, em composição de frisos e base em friso escalonado. A balaustrada é formada por dois conjuntos de 7 balaústres em cada lateral, e quatro balaústres para cada parte da cancela. Os balaústres são recortados em madeira com sequências de curvas, bolachas e cinturamento. A divisória e coberta predominantemente de tinta azul médio/escuro brilhante, com alguns detalhes em branco.

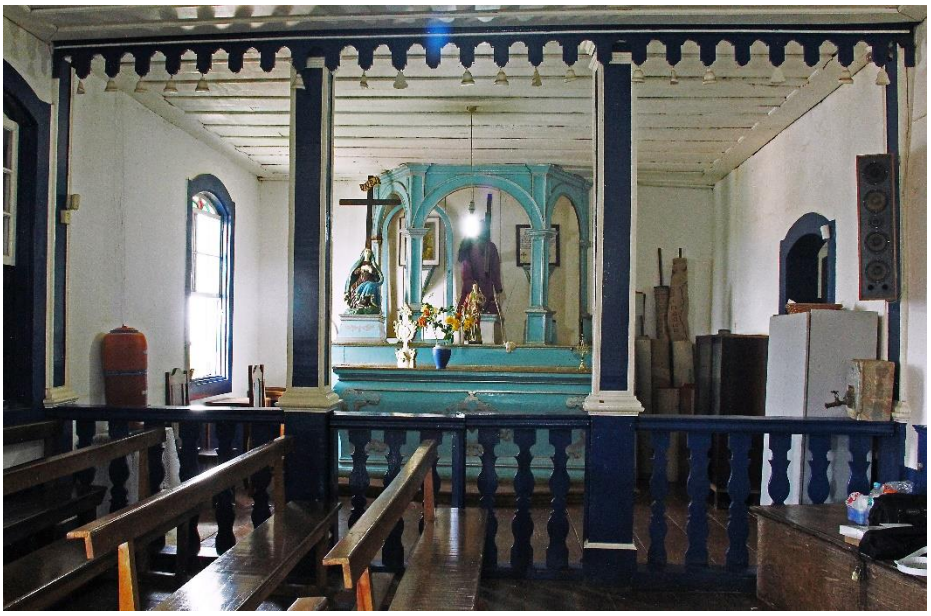


Figura 43 – Divisória da capela lateral esquerda

2.2.12 - Retábulo da capela lateral direita

O retábulo da capela lateral direita apresenta composição de três partes distintas: a mesa do altar, a base recuada que sustenta as pilastras e quartelões, que estão posicionados de forma a criar um espaço para o conjunto escultórico.

A parte superior do retábulo possui duas pilastras retas com a presença de volutas próximas a suas extremidades, seguidas por um capitel escalonado na parte superior e uma base escalonada na parte inferior. Possui talha decorativa com elementos fitomórficos distribuídos entre as duas volutas. Atrás estão presentes, próximo à parede, dois quartelões com talha decorativa, presente em dois terços da coluna. É possível observar elementos fitomórficos, volutas, conchas e uma área com recuos na madeira próximo ao seu capitel escalonado. As pilastras são ligadas na sua parte superior e inferior por meio de acréscimo de talha com curvas e contra curvas. Os quartelões são ligados às pilastras na parte superior por meio de área talhada com recuos e frisos na madeira.



Figura 44 – Visão frontal das pilastras do retábulo da capela lateral direita



Figura 45 – Pilastra e quartelões da esquerda



Figura 46 – Pilastra e quartelão da direita

Sua base recuada possui talha decorativa com conchas e elementos em “C” junto a elementos fitomórficos compondo seus detalhes laterais. Em sua visão frontal observamos na parte superior esquerda e direita da base um detalhe talhado rodeado por conchas um elemento da talha se destaca, sendo este elemento circular composto por várias semiesferas. Lateralmente a base não possui talha decorativa, apesar a presença de uma abertura - porta – que dá acesso ao seu interior, utilizado como área de guarda de objetos.



Figura 47 –Visão lateral da talha da mesa do altar e da base recuada.

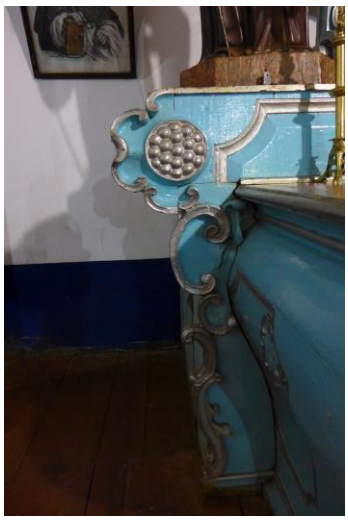


Figura 48 – Visão frontal da talha da mesa recuada

Assim como na capela lateral esquerda, a mesa do altar possui forma simétrica com curvas laterais em "S" tendo maiores dimensões na parte superior que na parte inferior. No seu tampo de madeira lisa encontra-se o recorte destinado a pedra de ara, seguido por um friso abaixo do tampo da mesa, encontra-se uma moldura talhada em recuo na sua parte frontal, tendo essa moldura frisos com elementos em concha, fitomórficos nas extremidades da moldura e em sua área central um conjunto de conchas e flores que aprisionam três cravos, símbolos referentes à Paixão de Cristo, sendo objetos utilizados em sua tortura e crucificação. O número três também faz alusão à Divina Trindade. Nas laterais da mesa encontram-se também talha decorativa novamente com a presença de molduras.

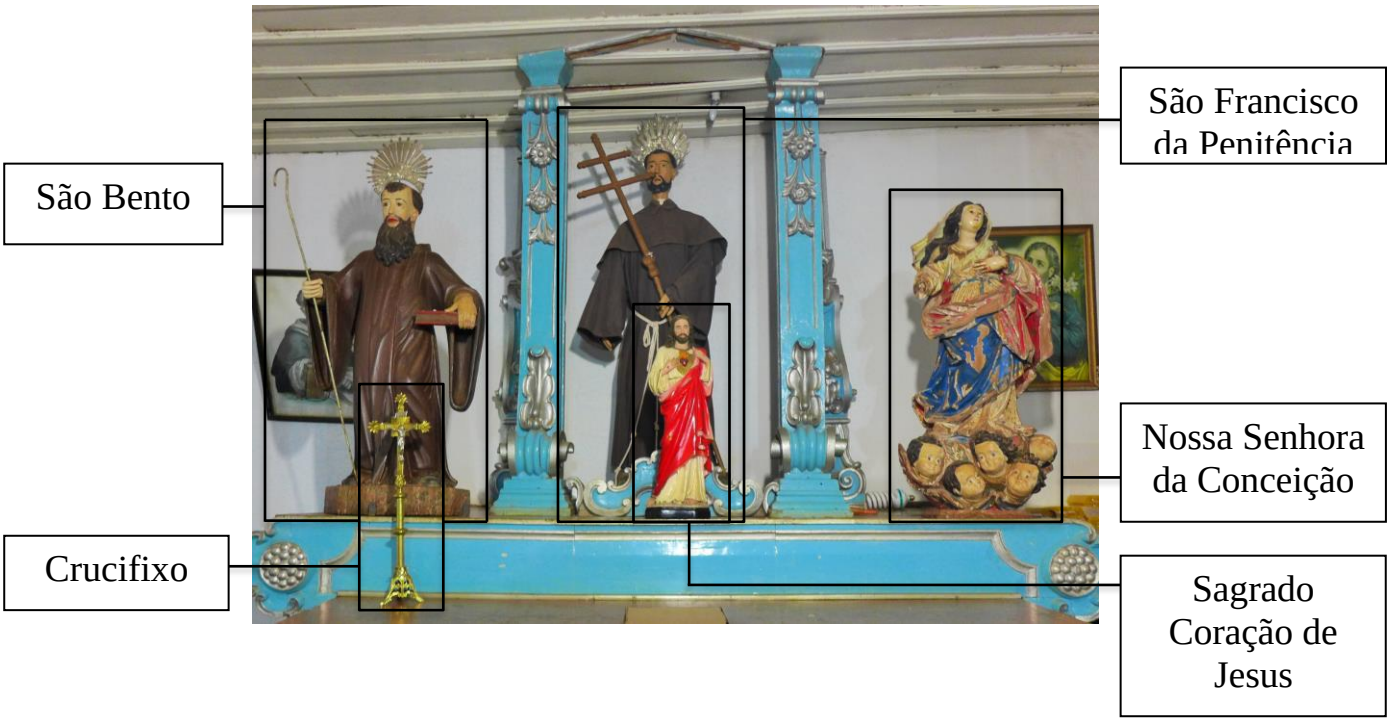


Figura 49 – Mesa do altar e decoração da base em recuo

Quanto sua policromia o retábulo da capela lateral direita se assemelha muito ao retábulo lateral esquerdo. Possui um azul claro que foi utilizado em grande parte, tendo sido priorizado em suas áreas lisas e áreas de recuo. Já o tom prateado é

utilizado junto a talha decorativa, conchas, elementos fitomórficos, volutas, frisos, capiteis e bases escalonadas.

Identificação de bens móveis



2.2.13 - Divisória da capela lateral da direita

A divisória da capela lateral direita segue o modelo da capela da lateral esquerda, apresentando o as mesmas características formais e estilísticas. Porém nesta divisória observa-se a presença de detalhe decorativo no arremate superior das pilastras de união com a parede: rocalhas com volutas entalhadas, descendo verticalmente a partir do capitel, na face interior das pilastras. Assim como a divisória da capela lateral esquerda, esta é predominantemente azul escuro, com detalhes pintados em branco.



Figura 50 – Divisória da capela lateral direita



Figura 51 – Rocalha do canto superior esquerdo



Figura 52 – Rocalha do canto superior direito

2.2.14 – Lavabo

O lavabo é constituído em sua maioria por material pétreo, com adição de peças em metal amarronzado (torneira e seu ornamento). O corpo em pedra possui formato em bloco, com maior altura do que largura. Nas laterais e face posterior é possível observar as marcas de ferramentas. A face frontal apresenta entalhe de friso ondulado – com cantos recortados em semicírculos – que emoldura a sessão central. Nesta encontra-se uma inscrição com possivelmente oito caracteres não legíveis. Acima deste nota-se um orifício e, abaixo, a torneira em metal com fecho em formas sinuosas em formado de dois “S”, bocal semelhante a uma cabeça de animal e uma pequena carranca com elementos semelhantes a concheamentos em sua base. Nota-se uma camada de tinta prateada somente sobre a face frontal.



Figura 53 – Face frontal do lavabo



Figura 54 – Face frontal e lateral do lavabo

3 - DIAGNÓSTICO

3.1 - Estado de conservação

3.1 - Estado de conservação

3.1.1 - Retábulo mor

A primeira impressão que este retábulo sugere é de uma peça antiga que foi revestida para uma festa com muita cor e material de qualidade inferior. O tom vibrante de verde claro contornado com papel dourado ordinário e linhas pontuais em tons quentes de marrons e rosado dissimula uma estrutura bastante atacada por insetos xilófagos. (fotos fl 01/52)

De imediato depara-se com grande acúmulo de excrementos de cupins que se espalham pelos cantos e especialmente nas áreas de mais difícil acesso para a manutenção de limpeza (e esta é feita com bastante constância como pode ser imediatamente percebido) como no interior do camarim e em toda parte de trás. Nestas partes são também onde se concentram sujidades diversas como poeira, teias de aranha, insetos vivos e mortos, excrementos de animais (insetos, morcegos, pássaros), pedaços de fitas adesivas, flores artificiais etc. A fiação elétrica também perpassa os degraus do trono do camarim e é fixada com pregos diretamente sobre este. (fotos fl 02/52)

O suporte apresenta ataque generalizado e severo de insetos xilófagos, com diversos orifícios e galerias. Estes ataques geram áreas de fragilidade, concentradas principalmente na estrutura, por trás com algumas peças com significativo percentual de perda, no camarim e na decoração frontal onde são observadas regiões que apresentam apenas uma fina camada de suporte e tinta sobre regiões de galerias. (fotos fl 03/52)

Quanto às intervenções posteriores, além da repintura soma-se a presença de pregos industriais atuando junto ou em substituição dos cravos originais que confirmam atuações mais recentes. Várias áreas de perda de suporte exibem preenchimentos com massa rígida que estão muito distante dos parâmetros de conservação e restauração desejados. (fotos fl 04/52)

A porta do sacrário encontra-se trancada, não sendo possível observar o seu interior. O espelho da fechadura de metal está recoberto com a mesma tinta que recobre o restante do móvel. (fotos fl 05/52 – figuras 9 e 10)

Na parte da frente do retábulo é visível uma movimentação, provavelmente da edificação que gerou aberturas das junções com a parede, em ambos os lados, na parte superior principalmente, sendo que do lado esquerdo ela é bem maior que no lado direito.

Outra movimentação é observada na base da coluna da direita que está desnivelada em relação ao piso e apresenta aí uma abertura. (fotos fl 05/52 – figuras 11 e 12)

Houve alteração na estrutura original do retábulo com avanço da mesa e da banqueta que foram separadas do restante do móvel. Na parte posterior desta última foi acrescentado estante para guarda de objetos rituais e ligações elétricas precárias fixadas diretamente na madeira. (fotos fl 06/52)

O camarim se apresenta com os mesmos problemas do restante do retábulo como: ataques de cupim; acúmulo de excrementos de cupins; preenchimento do suporte com massa sem nivelamento; perfurações de pregos; resquícios de cola de decoração para as festas; fios elétricos fixados diretamente na madeira; tabuado de revestimento com acabamento rústico; rachaduras e repintura. (fotos fls 01,02,03 e 04 /52 – figuras 2,3,4,5,6,7 e 8)

Aparentemente as tábuas do forro, muito estreitas são de substituição relativamente recente.

Por baixo e por trás da estrutura, nas tábuas cruas sem pintura ou verniz é possível detectar que houve penetração de água, possivelmente pluvial (goteira de telhado) ou mesmo resultado de decoração com jarros de flores no trono, através das manchas remanescentes. A parte de trás é também área para guarda dos mais diversos objetos, e serve de sacristia na parte inferior, onde o tabuado foi todo pintado de branco. Na parte superior ele está sem pintura, mas serviu de suporte para croquis informais realizados com tinta branca. (fotos fl 07/52)

Nesta região é possível avaliar ainda perdas de suporte, principalmente por ataques de insetos xilófagos, rachaduras, manchas, cravos enferrujados e sujidades localizadas.

As cambotas do forro do camarim aparentam sanidade e as grandes peças de sustentação de todo o retábulo, apesar de algumas delas estarem comprometidas pelos ataques de cupins, no conjunto elas permanecem atendendo a sua função de sustentação. (fotos fl 03,04 e 07/52 – figuras 4,5,7,15 e 16)

A mesa do altar foi avançada em relação ao restante do altar deixando uma área livre entre os dois, onde foi acrescida uma estante para apoio de objetos ritualísticos. Ela tem a frente repintada, como todo o restante do retábulo. Apresenta ataque de insetos xilófagos com galerias de cupins e pequenas perdas de suporte, o mesmo se percebendo na banqueta posicionada logo acima dela.

O supedâneo apresenta os desgastes naturais de intenso uso com desgastes e abrasões na madeira e no verniz e pequenas perdas. (fotos fl 08/52)

Prospecções:

Nas várias prospecções realizadas, foram selecionados diversos pontos para que pudessem ser checadas as informações apuradas, foi percebido que a pintura mais antiga e até mesmo douramentos podem ter sido removidos pelo menos parcialmente – possivelmente nas áreas de descolamento. Sendo assim só mesmo uma remoção cautelosa retirando um estrato de cada vez e avaliando cautelosamente cada um deles poderá oferecer uma resposta mais objetiva quanto ao colorido original dos elementos artísticos desta igreja. Isto foi observado em toda a decoração do monumento.

No retábulo mor o que pode ser tirado de conclusão até agora é que sobre a camada azul clara atual existe uma tinta verde esmeralda, que encobre um azul cobalto que por sua vez recobre um azul mais claro, bem diferente do atual a base de tinta têmpera, uma base de preparação amarelada e fina e a madeira.

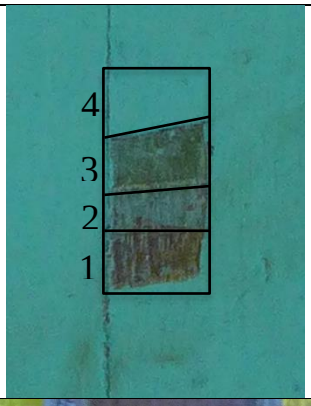
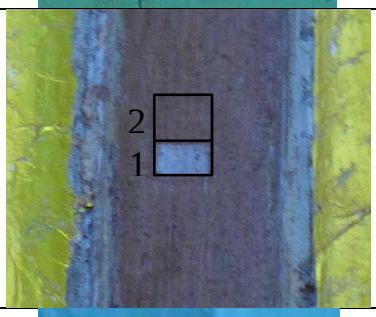
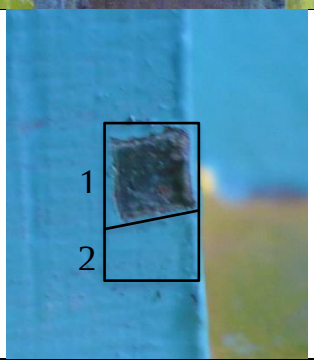
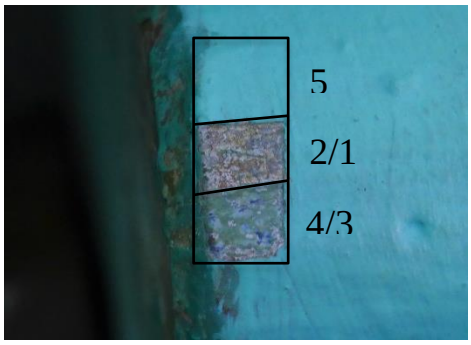
Sobre o papel dourado que hoje se apresenta, vê-se um revestimento com tinta esmalte prateada e sob ele um douramento de qualidade duvidosa que aparece em alguns pontos, desconfia-se ainda que um estrato avermelhado que se mistura com este último douramento pode significar presença de bolo armênio.

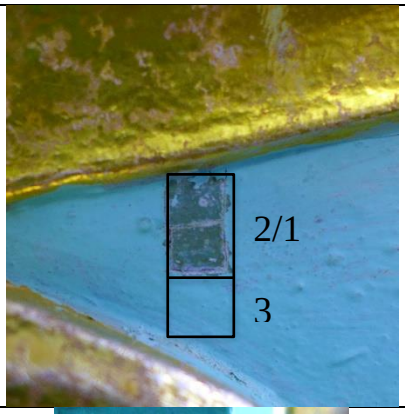
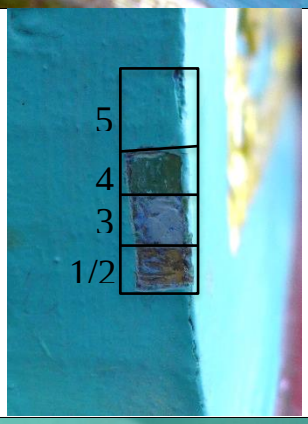
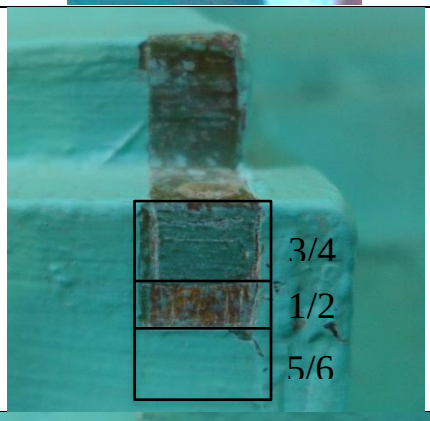
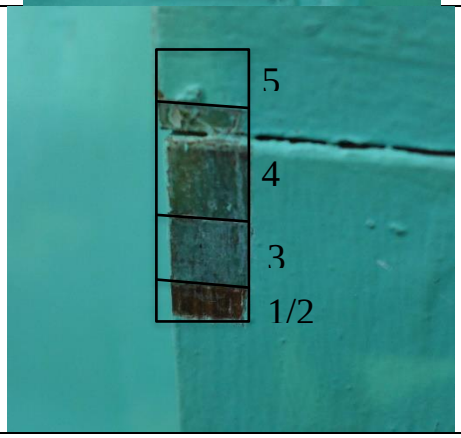
Nas paredes laterais do camarim foram percebidas camadas em tons quentes abaixo do azul atual, iniciada num vermelho forte, seguido de um rosado mais delicado e um tom bege com linhas sugerindo presença de decoração ilustrativa. A parede do fundo é onde pode ser mais evidenciada a presença de desenhos sob a camada de tom bege. A delicadeza do estrato sobre a pintura é tal que não foi necessário removê-la, mesmo porque o risco de perda da referência se mostrou muito grande. O trabalho de remoção definitiva para desnudamento da decoração deverá ser executado após inúmeros testes e com muita cautela.

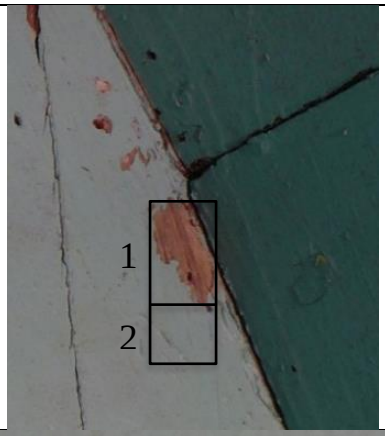
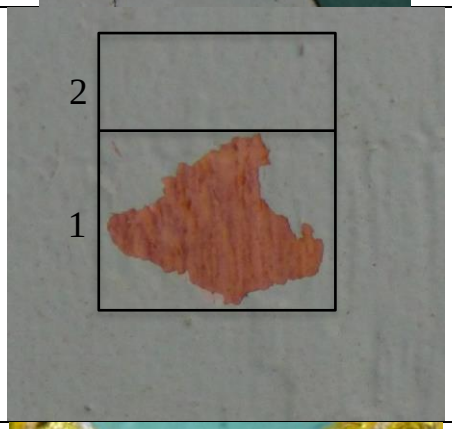
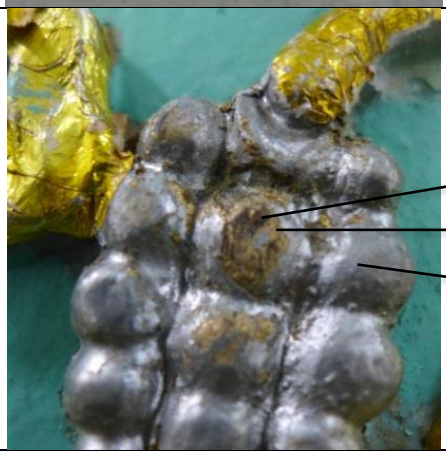
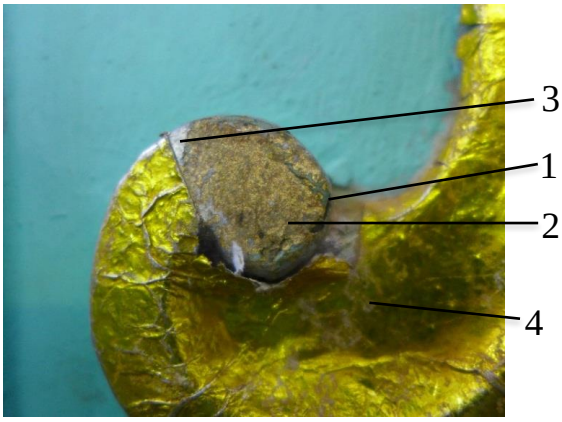
Foram encontradas no IPHAN fotos do acervo, desde a década de 50 do século XX, onde se vê o retábulo, mas sendo elas preto e branco não é possível comparar as cores com os resultados das prospecções. (fotos fl 09/52).

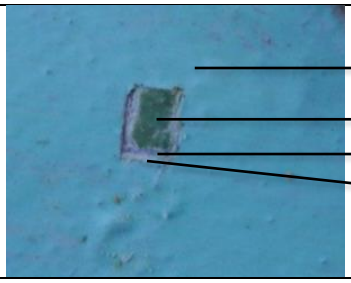
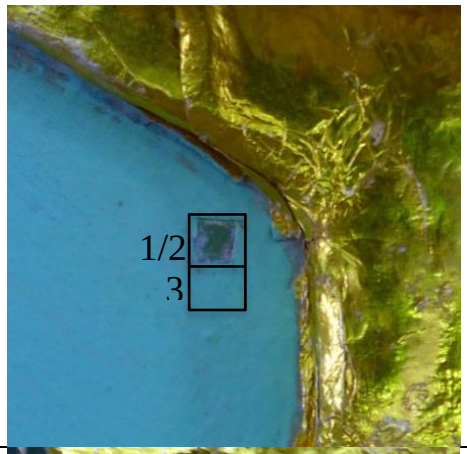
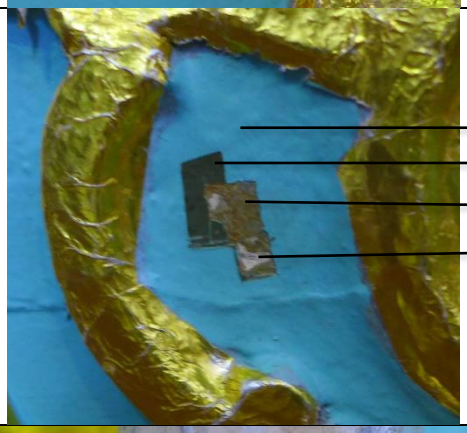
Já o trono do camarim tem abaixo do azul atual um branco perolado, que pode ser uma base de preparação; duas camadas de azuis mais claros à têmpera, como no corpo do retábulo; resquícios de um bege bem amarelado, base de preparação e madeira. E sob o papel aparece a tinta prateada e resquícios de douramento, nada muito evidente ou exibindo boa qualidade.

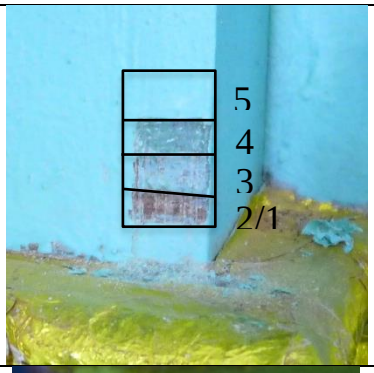
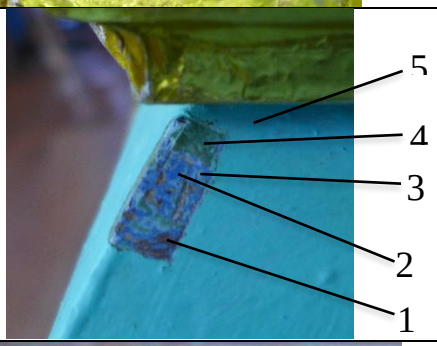
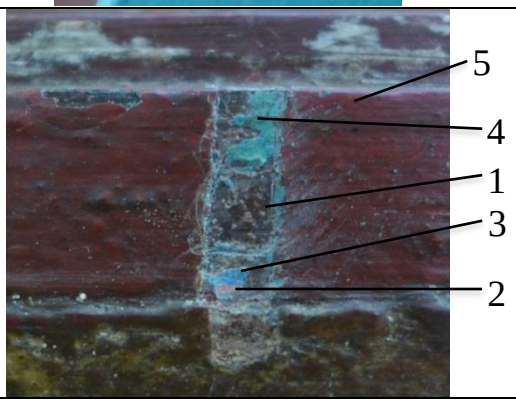
O forro foi substituído não restando, portanto, pinturas mais antigas.
No rodapé abaixo do vermelhão atual foram detectados dois tons de azul e a madeira envernizada.

Tabela 1: Prospecções – Retábulo mor	
	Local: tabua à esquerda da coluna esquerda do retábulo • Camada 4: Repintura em verde azulado • Camada 3: Verde médio • Camada 2: Azul claro • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Terço inferior da coluna direita, próximo às decorações inferiores • Camada 2: Vermelho terroso • Camada 1: Branco acinzentado
	Local: Canto extremo direito acima do friso dourado inferior • Camada 2: Repintura em verde azulado • Camada 1: Verde escuro
	Local: Lateral direita do prolongamento da mesa do altar • Camada 5: Repintura em verde azulado • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Azul médio e azul claro • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)

	Local: Ponta superior esquerda da mesa do altar • Camada 3: Repintura em verde azulado • Camada 2: Verde médio • Camada 1: Azul médio e azul claro
	Local: Canto da mesa do altar • Camada 5: Repintura em verde azulado • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Azul médio e azul claro • Camada 2: Dourado • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Canto esquerdo abaixo da mísula • Camada 6: Repintura em verde azulado • Camada 5: Verde médio • Camada 4: Verde claro • Camada 3: Azul claro • Camada 2: Amarelo • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Aresta direita do painel liso abaixo do sacrário • Camada 5: Repintura em verde azulado • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Azul claro • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)

	Local: Canto superior direito do camarim • Camada 2: Repintura em verde azulado • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Lateral esquerda, à esquerda da porta de acesso • Camada 2: Repintura em verde azulado • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Decoração central do sacrário • Camada 3: Prata • Camada 2: Dourado • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Elemento decorativo do painel inferior à extrema direita • Camada 4: Folha dourada • Camada 3: Prata • Camada 2: Dourado • Camada 1: Verde médio

	Local: Canto superior direito do sacrário • Camada 4: Repintura em verde azulado • Camada 3: Verde médio • Camada 2: Azul médio • Camada 1: Azul claro
	Local: Lateral direita do cálice, acima da mesa do altar • Camada 3: Repintura em verde azulado • Camada 2: Verde médio • Camada 1: Azul médio
	Local: Canto inferior esquerdo da mesa do altar • Camada 4: Repintura em verde azulado • Camada 3: Verde escuro • Camada 2: Dourado • Camada 1: Brando
	Local: Lateral da mísula direita • Camada 4: Resquício de papel dourado • Camada 3: Prata • Camada 2: Azul claro • Camada 1: Suporte (madeira)

	Local: Friso intermediário abaixo do painel curvado à direita • Camada 5: Repintura em verde azulado • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Azul claro • Camada 2: Branco (resquícios) • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Aresta superior direita do frontal da mesa do altar • Camada 5: Repintura em verde azulado • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Azul claro • Camada 2: Azul médio • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Friso inferior avermelhado à direita, próximo ao chão. • Camada 5: Repintura vermelho escuro • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Azul médio • Camada 2: Rosa claro • Camada 1: Suporte (madeira)

3.1.2 - Forro da capela mor

O forro é formado por três seções de tábuas sendo que na primeira, com aproximadamente 24 tábuas que se encaixam no retábulo mor, elas são mais curtas, as outras duas seções são de tábuas maiores com número aproximado de respectivamente 22 e 20 tábuas, somando-se então num total de 66 tábuas em abóboda de berço. As larguras das tábuas também são bem variadas, com exceção da última seção junto ao arco cruzeiro onde elas são regulares.

O que se percebe neste forro é um conjunto de tábuas fixadas por cravos e pregos (estes provavelmente de intervenção posterior), com muitas rachaduras na direção do corte da madeira, em sua grande maioria iniciadas nos pontos de encontro entre elas e onde também se concentram os cravos e pregos. Essas rachaduras podem ter sido provocadas tanto pelas variações de umidade com a movimentação da madeira, quanto pelo impacto do martelo no momento de fixá-las. (foto fl 10/52)

No entorno destes cravos/ pregos percebe-se que a oxidação provocou manchas e apodrecimentos em torno dos mesmos. (fotos fls 11 e 12/52 – figuras 23 e 26)

A umidade provocou também o empenamento das tábuas que se apresentam com deformação tanto na direção longitudinal quanto nas transversais. Principalmente na região central, correspondente à cumeeira do telhado e de onde normalmente aparecem as maiores concentrações de penetração de águas pluviais.

Através das perdas e dos encontros entre as tábuas é possível perceber que o suporte apresenta sujidades vindas pelo verso e que sofreu ataques de insetos xilófagos. (fotos fls 11 e 12/52)

Devido à total inacessibilidade para avaliação – ausência de espaço entre o forro da capela mor e o telhado para – não foi possível avaliar o seu verso. O acesso só estará disponível através do desmonte do telhado ou das tábuas do forro, o que só será possível no desenvolvimento e com a estrutura da restauração.

A pintura mais antiga é visível só no medalhão central que se encontra grosseiramente recortado pela repintura azul claro lisa que recobre todo o fundo original. O tom branco amarelado do fundo é visível nos detalhes vazados da composição decorativa central

A pintura do medalhão tem muitas marcas de penetração de água pluvial, que provocaram: o apodrecimento do suporte; o descoramento das cores que se mostram muito lavadas; perdas das nuances e detalhes do desenho; criaram manchas escurecidas e ocasionaram e muitas perdas. Algumas das perdas na camada pictórica atingem até a base de preparação ou até o suporte. (fotos fls 10,11 e 12/52- figuras 21, 22, 25 e 26)

Não foram realizadas prospecções nas partes muito altas e sem acesso como o forro e a cimalha da capela mor.

Nas fotos pesquisadas no acervo do IPHAN foram encontradas algumas delas que ilustram o forro e são da década de 50 do século XX, nelas se vê a complementação do medalhão central com linhas que se prolongam sugerindo uma arquitetura em balcões. (fotos fls 13 e 14/52)

3.1.3 - Cimalha do Forro da Capela mor

A cimalha do forro da capela mor passou por intervenções anteriores identificáveis através de complementações com madeira e/ou massa realizada de maneira irregular. Destas as que chamam mais atenção estão concentradas, em ambos os lados, na região correspondente aos óculos da capela-mor e junto ao arco cruzeiro. (fotos fl

15/52) Na parte central, também nos dois lados percebe-se movimentação nas junções entre as partes deixando-as desniveladas.

Perdas esparsas, algumas localizadas nos cantos e nas bordas denunciam que houve ataques de insetos xilófagos e ou apodrecimentos por penetração de águas pluviais. (fotos fls 15 e 16/52- Figuras 31 e 34)

A cimalha está completamente recoberta por repintura com grossa camada de tinta esmalte o que dificulta e mascara a identificação de problemas no conjunto.

Pela foto do acervo do IPHAN da década de 50 do século passado vê-se que esta cimalha já foi pintada com decoração imitando mármore. (foto fl 9/52- Figura 19)

3.1.4 – Decoração do Presbitério

O que pode ser visto da decoração do presbitério se resume a lateral direita e relances, vislumbrados através das frestas, do recorte do primeiro degrau da escada e das paredes laterais.

Quase todo ele está recoberto por tablado de madeira onde foi posicionado uma nova mesa de altar e o cadeiral da festa de Nossa Senhora do Rosário. Portanto não foi possível deslocar já que está fortemente assentado para suportar todo este aparato. Ressaltando ainda que o cadeiral e coroado por peça entalhado com motivos rococós em madeira e policromada, trabalho recente. (fotos fls 18 e 20 /52– figuras 37 e 42)

Percebe-se que a escada tem linhas sinuosas, rebatendo as linhas do supedâneo do retábulo mor. As laterais são almofadadas, com frisos e relevos em foram de rocalhas e calotas. O rodapé é também elegante com linhas curvas e frisado.

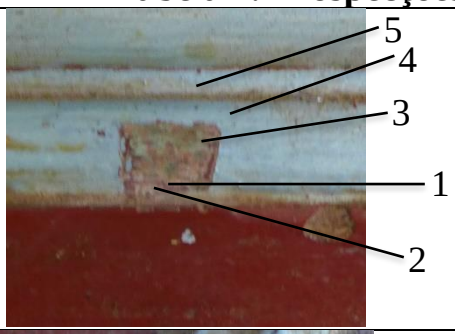
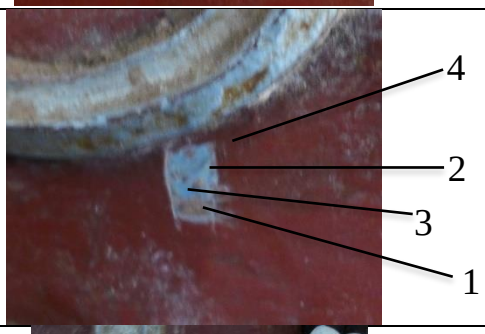
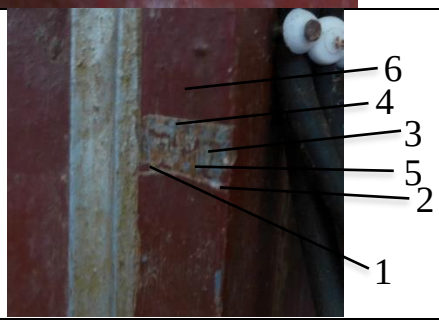
Foi possível identificar uma grande complementação em madeira no intervalo do primeiro degrau da escada; rachaduras; pregos levantados; resquícios de vela e cera; sujidades e manchas. (foto fl 20/52 – figura 43)

Todo ele está repintando, com tons de bordeaux e prata, que é uma pintura bem antiga. Abaixo dela foram detectados outros estratos de tinta e ouro ainda mais antigos.
Fotos antigas doa cervo do IPHAN exibem a decoração completa com a escada central em recorte sinuoso. (fotos fls 18 e 19/52 – figuras 38, 39, 40 e 41)

Prospecções:

No presbitério, que hoje se encontra parcialmente encoberto pelo anteparo de sustentação da nova mesa do altar, vê-se que as repinturas pararam de se suceder a mais tempo. O período desta interrupção corresponde ao uso de tinta prateada nos relevos utilizada também no retábulo mor.

As cores encontradas foram apenas o tom vermelho carminado atual com relevos em prateado, em pontos muito localizados próximos a área central foi detectada a presença da folha de papel dourado encobrindo esta tinta prata. Logo abaixo desta tinta tem a cor azul e em alguns frisos um tom levemente esverdeado.

Tabela 2: Prospecções – Decoração do Presbitério	
	Local: Friso prateado superior próximo à decoração central • Camada 5: Prata • Camada 4: Azul claro • Camada 3: Tons de verde claro e médio • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Abaixo de voluta superior à esquerda • Camada 4: Vermelho escuro • Camada 3: Azul claro • Camada 2: Verde claro • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Lateral vermelha ao lado de friso vertical à extrema esquerda • Camada 6: Vermelho escuro • Camada 5: Dourado • Camada 4: Azul claro • Camada 3: Verde claro • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)

3.1.5 - Arco cruzeiro

Num primeiro momento observa-se acúmulo generalizado de sujidades como poeira, particulados, teias de aranha pontuais e diversos excrementos de insetos xilófagos sobre a superfície e também mesclados à camada mais externa de pintura. Estes excrementos também se acumulam em cantos, como junções entre frisos e entre o arco cruzeiro e os retábulos colaterais. (fotos fl 21/52 – Figura 44)

O suporte apresenta ataques de insetos xilófagos, perceptível pela presença de excrementos - destacada no parágrafo acima – por agrupamentos pontuais de orifícios e por diversas perdas que evidenciam galerias pela madeira. Este ataque, provavelmente de maior extensão do que aparenta, pode fragilizar estruturalmente o bem analisado, principalmente por se notar uma concentração maior de perdas nas bases dos socos. (fotos fl 21 e 22/52 – Figuras 45, 46 e 47)

Além das galerias, foram encontradas rachaduras e fissuras no suporte. Estas se apresentam menores quando próxima a pregos e maiores, provavelmente seguindo o veio da madeira, atravessando todo um bloco, como é possível observar na face interna de um dos socos. A movimentação do suporte, além de causar rachaduras e fissuras, também pode ocasionar o distanciamento de blocos, que é observado entre junções.

Perdas em regiões de arestas, de dimensões medianas a pequenas, também foram identificadas. Regiões de desníveis, com afundamentos e textura mais lisa do que aquela encontrada predominantemente no suporte, indicando possíveis regiões de intervenção. (fotos fl 23/52)

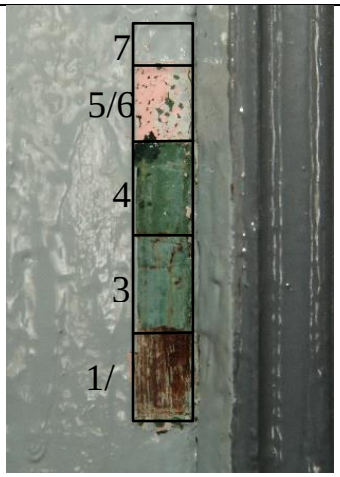
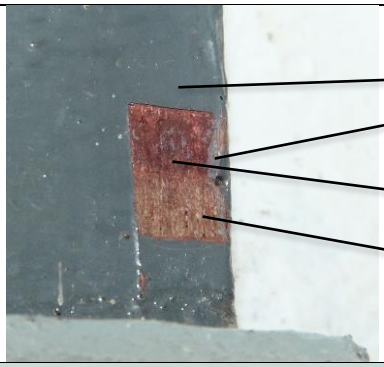
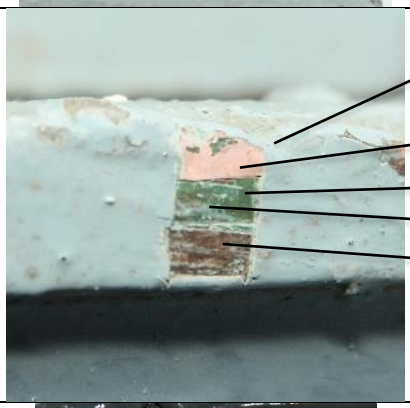
Observa-se a fixação de relógio, pregos diversos até uma altura mediana nas pilastras e fiação elétrica em diversos pontos do arco cruzeiro.

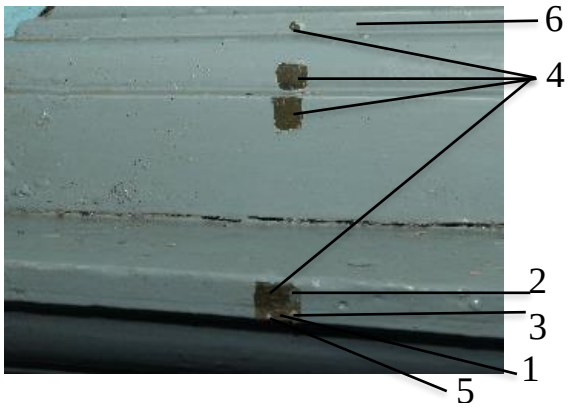
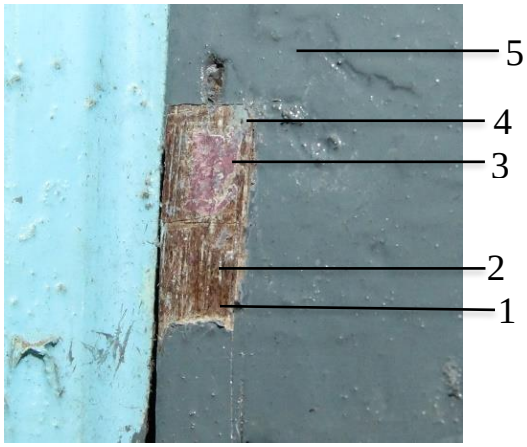
Uma camada grossa de tinta brilhante em cinza médio e cinza claro encontra-se sobre toda a extensão do bem. É possível observar que a repintura mais recente foi aplicada inclusive sobre regiões de perda de suporte por ataques de insetos xilófagos, além de regiões de perda pontual de pintura, pregos e irregularidades. Acredita-se que esta camada de pintura pode encobrir degradações que se tornarão visíveis somente após a sua remoção. (fotos fl 24/52)

Prospecções:

Janelas de prospecção foram abertas mecanicamente em diferentes locais do arco cruzeiro revelando a presença de camadas em rosa após a repintura cinza, seguida de camadas em tom de verde médio e verde claro, localizadas, por sua vez, acima de uma camada branca, possivelmente uma base de preparação. Nas laterais da coluna observou-se uma camada bordo fina abaixo da repintura cinza. Esta camada avermelhada também foi encontrada na junção dos entablamentos superiores com as pilastras.

Nas fotos antigas, preto e brancas, pesquisadas percebe-se que na década de 50 do século XX havia uma pintura imitando mármore já na década de 80 ele estava pintado em duas cores (fotos fls 13, 14 e 30/52 – figuras 20, 28 ,29 e 30.

Tabela 3: Prospecções – Arco Cruzeiro	
	Local: Canto superior direito do painel central do soco direito, face interna. • Camada 7: Repintura em cinza claro • Camada 6: Cinza muito claro • Camada 5: Rosa claro • Camada 4: Verde escuro e médio • Camada 3: Verde claro • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Acima do entablamento inferior, à direita, face posterior • Camada 4: Repintura cinza escuro • Camada 3: Cinza médio • Camada 2: Vermelho escuro • Camada 1: Supore (madeira)
	Local: Lateral à extrema direita no friso superior do entablamento inferior, face posterior • Camada 5: Repintura cinza claro • Camada 4: Rosa claro • Camada 3: Verde médio • Camada 2: Verde claro • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Canto superior esquerdo do soco direito, face posterior • Camada 6: Repintura cinza médio • Camada 5: Cinza muito claro • Camada 4: Rosa claro • Camada 3: Verde médio • Camada 2: Verde claro • Camada 1: Suporte (madeira)

	Local: Entablamento inferior, acima do soco esquerdo, face frontal • Camada 6: Repintura cinza claro • Camada 5: Cinza muito claro • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Verde claro • Camada 2: Azul acinzentado • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Canto esquerdo, logo acima do entablamento inferior esquerdo, face frontal. • Camada 5: Repintura em cinza médio • Camada 4: Cinza claro • Camada 3: Vermelho arroxeado • Camada 2: Branco (resquícios) • Camada 1: Suporte (madeira)

3.1.6 - Retábulos colaterais do arco cruzeiro

3.1.6.1 – Retábulo colateral do arco cruzeiro – lado do evangelho

Foi observado acúmulo de sujidades e particulados como poeira, fita adesiva, restos de flor, excrementos de aves e insetos, inclusive de insetos xilófagos. (fotos fl 25/52)

O suporte apresenta marcas de abrasão; vãos entre blocos, ocasionados por deslocamento dos mesmos ou sua fixação inadequada; substituição de blocos ou peças, perceptível por diferenças na talha e corte quando comparadas com peças similares presentes no retábulo. Também foram notados orifícios e fixação de pregos, tachas prateadas e parafusos em diversas regiões do retábulo, mas que se concentram em regiões mais inferiores, como a mesa. Eletrônicos e fios foram fixados no retábulo. (fotos fl 26/52)

As perdas de suporte encontradas configuram-se em diferentes dimensões. Observam-se perdas menores em arestas e quinas de peças, juntamente com áreas de fissuras. Perdas de blocos, como por exemplo, no arco do camarim e de algumas peças do lambrequim superior (uma destas peças encontra-se no interior do camarim). Notou-se perdas ocasionadas por ataques de insetos xilófagos,

confirmados pela presença de galerias aparente em regiões de perda de suporte e pelo acúmulo de excrementos de insetos xilófagos em quinas. (fotos fl 27/52)

Rachaduras e fissuras são encontradas no trono, na mesa do altar e nos painéis que a circundam. Estas rachaduras são em sua maioria longitudinais, indicando uma possível movimentação excessiva da madeira. Arestas e regiões com fixação de pregos apresentam pequenas fissuras, por vezes acompanhadas de perdas.

Nota-se que algumas regiões de distanciamento de blocos receberam complementações de madeira. Duas chapas recortadas de madeira – que ladeiam o camarim e o sacrário – são utilizadas como peanhas e foram adicionadas ao retábulo posteriormente à sua fatura. Acredita-se que alguns blocos foram substituídos, como parte da renda do camarim e na parte inferior dos painéis laterais. Também suspeita-se que algumas perdas de suporte mais antigas podem ter sido complementadas com alguma massa lisa, não perceptível pela presença da repintura, devido à superfície mais lisa do que a madeira que a circunda. (fotos fl 28/52)

O retábulo é completamente encoberto por repintura brilhante em azul claro, prateado e marrom. A Tarja apresenta repintura em branco, com elementos decorativos em marrom escurecido. Sobre a camada pictórica mais externa foram observados respingos de tintas, manchas de tinta spray e, na parte mais próxima ao piso (madeira), manchas amarelecidas que podem ser provenientes de materiais utilizados na manutenção do mesmo. Em determinadas áreas, como no trono do camarim, nota-se um estufamento da camada pictórica, de orientação horizontal. (fotos fl 29/52)

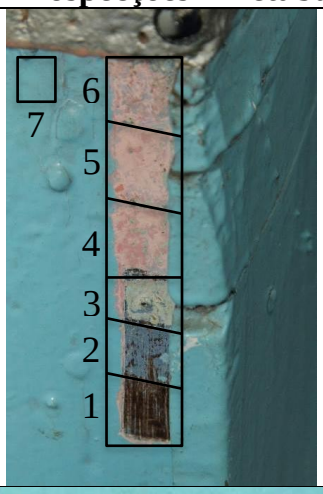
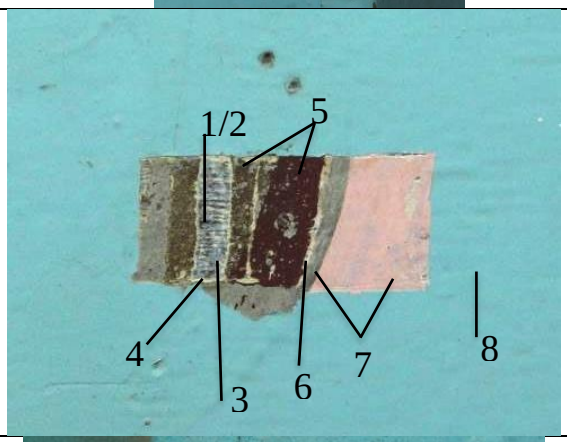
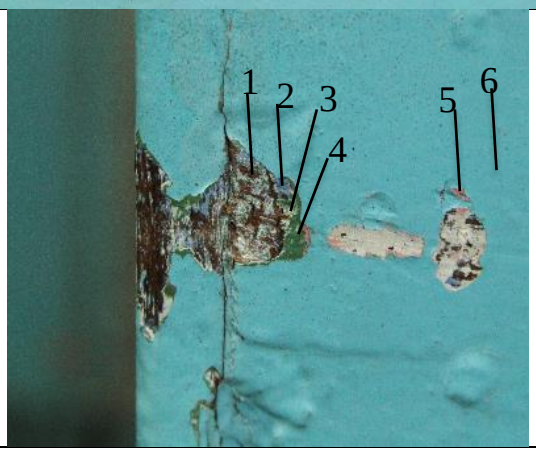
A despeito de sua espessura, é possível, como no frontal da mesa do altar, observar pinceladas e formas que sugerem uma pintura decorativa subjacente. A repintura, provavelmente, encobre outras degradações que não são passíveis de observação. Em algumas regiões se observa a pintura azul/marrom/prata sobre desníveis que sugerem perda de suporte.

Nas fotos do acervo do IPHAN da década de 50 e 80 do século passado percebemos na primeira data presença de pintura imitando mármore e intensa decoração no interior do camarim de ambos os retábulos do arco cruzeiro. (fotos fls 09, 13 e 14/52 - figuras 20,28,29 e 30)

Prospecções:
Foram observadas perdas de camada pictórica que se apresentam como totais, deixando o suporte à mostra, e parciais, que evidenciam a presença de mais de uma camada de pintura. Por meio da abertura de janelas de prospecção, foi possível observar uma camada lilás e outra rosa claro – por vezes com três tons de rosa – logo abaixo da camada azul clara mais externa. Abaixo destas camadas rosa, notou-se camadas em verde claro, seguida por uma camada de azul médio. No camarim, foi

encontrada uma camada de revestimento de papel, seguido por uma camada em bege com friso azul.

Na região central da madeira encontrou-se um maior número de camadas pictóricas, sendo elas: azul claro, prata, rosa, vermelho escuro, verde, branco, azul, base de preparação e madeira.

Tabela 4: Prospecções – Retábulo colateral do arco cruzeiro – lado do evangelho	
	Local: Canto superior da lateral esquerda da mesa do altar • Camada 7: Repintura em azul claro • Camada 6: Lilás • Camada 5: Rosa claro • Camada 4: Rosa médio • Camada 3: Verde muito claro • Camada 2: Azul médio • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Centro da mesa do altar • Camada 8: Repintura azul claro • Camada 7: Prata e rosa claro • Camada 6: Branco • Camada 5: Verde médio e marrom • Camada 4: Branco • Camada 3: Azul médio • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Aresta esquerda da mesa do altar, localizada ao centro • Camada 6: Repintura azul claro • Camada 5: Rosa claro • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Branco • Camada 2: Azul médio • Camada 1: Suporte (madeira)

3.1.6.2 – Retábulo colateral do arco cruzeiro – lado da epístola

Este retábulo apresenta degradações semelhantes ao retábulo localizado à esquerda do lado cruzeiro, com acúmulo de sujidades e particulados como poeira, teias de aranha, insetos mortos, excrementos de insetos e excrementos de pássaros. Dentre os excrementos de insetos observados, notou-se a presença de excrementos de insetos xilófagos que, juntamente com galerias aparentes por perda no suporte, evidenciam um ataque de insetos xilófagos ao retábulo.

Outras perdas de suporte foram encontradas em regiões de arestas/quinas e associadas a fissuras e rachaduras. Estas, em sua maioria, apresentam-se no sentido das fibras da madeira e são possivelmente resultado da movimentação do suporte. Muitas perdas menores se concentram em regiões mais baixas, como a mesa do altar. Do mesmo modo, nota-se marcas de impacto, orifícios pontuais e parafusos/pregos fixados em diversas áreas do retábulo.

Em algumas regiões observou-se variação na textura da superfície do suporte, encontrando-se uma região muito lisa em meio a áreas com textura de madeira. Suspeita que possa ter ocorrido complementações de perdas por alguma massa lisa, não perceptível pela presença da repintura.

Notou-se que alguns blocos apresentam textura diferenciada, além de composição diferenciada, como o sacrário. Neste retábulo, o sacrário é composto de diversos pequenos blocos retangulares, fixados um ao lado do outro. Em comparação com sacrários observados em outras igrejas, e inclusive nos sacrários presentes na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, é uma montagem não usual, indicando uma possível substituição completa da área. (fotos fl 30/52)

O retábulo encontra-se distanciado parcialmente do Arco Cruzeiro – localizado à sua esquerda – e da parede – à sua direita. Também se observou vãos entre blocos, criados pelo distanciamento do mesmo. Isto pode ocorrer devido a movimentação da madeira, diferenciada em cada bloco se apresentarem cortes variados. (fotos fl 31/52)

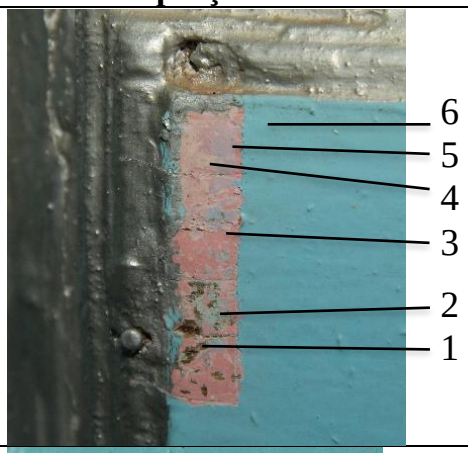
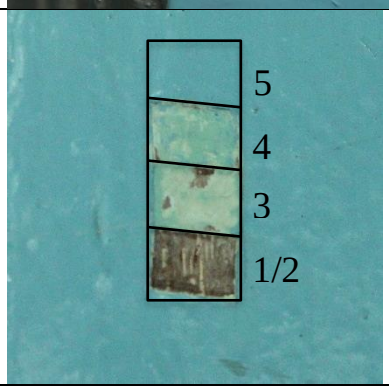
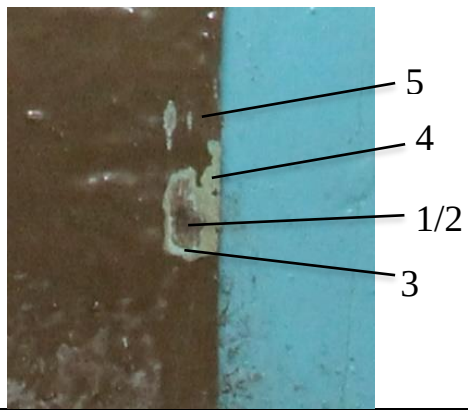
A camada pictórica apresenta acúmulo de sujidades, respingos de tinta, excrementos de pássaros e manchas amarelecidas que se concentram próximas ao piso ou peças de madeira aparente.

Observa-se, sobre todo o retábulo, a presença de camada de repintura em azul, marrom, branco e prata. De aspecto espesso e brilhante, apresenta grânulos em algumas áreas. (fotos fl 32/52)
Exibe perdas de camada pictórica, sendo estas, totais – deixando o suporte à mostra - e parciais, evidenciando a presença de outras camadas de pintura abaixo desta camada mais recente.

Prospecções:

Por meio da abertura de janelas de prospecção, observou-se uma equivalência com as camadas encontradas no retábulo colateral do Arco Cruzeiro, do lado do evangelho. Notou-se a presença de camadas lilás, em tons de rosa – logo abaixo da repintura azul claro – e verde claro.

Devido às camadas encontradas, suspeita-se que o painel localizado acima da mesa do altar seja um aproveitamento de partes de um outro retábulo. Abriu-se janela de prospecção no sacrário e observou-se que a presença de camadas em verde médio, verde claro, base de preparação e madeira.

Tabela 5: Prospecções – Retábulo colateral do arco cruzeiro – lado da epístola	
	Local: Canto superior esquerdo do painel acima da mesa do altar. • Camada 6: Repintura em azul claro • Camada 5: Lilás • Camada 4: Rosa Claro • Camada 3: Rosa médio • Camada 2: Verde claro • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Tábua central do sacrário, nível central. • Camada 5: Repintura em azul claro • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Verde claro • Camada 2: Branco (resquícios) • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Canto inferior do painel direito, abaixo dos frisos intermediários, acima da mesa do altar. • Camada 5: Repintura marrom • Camada 4: Verde acinzentado • Camada 3: Verde claro • Camada 2: Branco (resquícios) • Camada 1: Suporte (madeira)

3.1.7 – Cimalha da Nave

O forro da nave teve suas tábuas substituídas e só restou de mais antigo a sua cimalha.

Conforme pode ser constatado nas fotos do IPHAN o forro da nave foi substituído e removida a tela central. Esta tela como, pode ser visto nas fotos tem pintura artística representando a ascensão de Cristo, mas não se teve notícia da existência dela atualmente. Já a cimalha e o arco cruzeiro aparecem com duas cores, em fotos mais antigas o arco e a cimalha da capela mor tinha pintura faiscada, mas da nave não existem fotos deste período. (fotos fl 33/52)

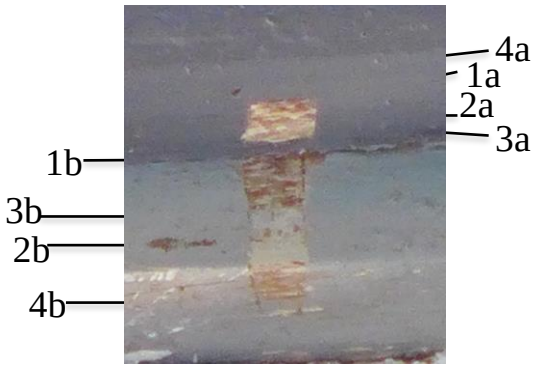
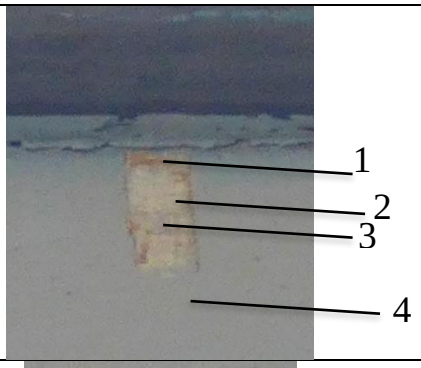
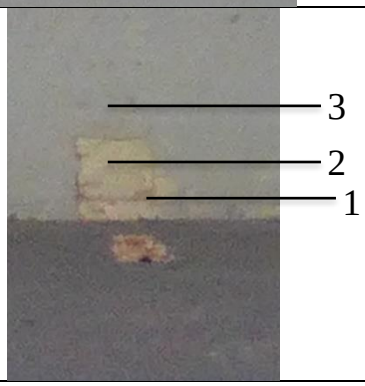
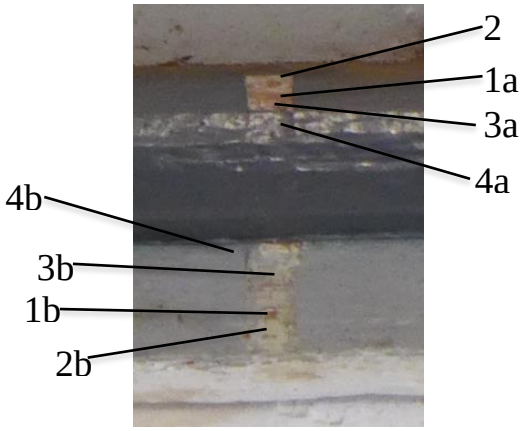
Esta apresenta um suporte bastante deformado com linhas curvas longitudinais ao longo da parede. Possivelmente isto seja empenamento em virtude da presença de águas pluviais. Ou mesmo ajustes diretamente sobre uma parede muito irregular. (fotos fl 34/52)

Todo o suporte exibe presença de ataques de insetos xilófagos, perdas, rachadura e deformações.

Complementações grosseiras com madeira e massa também podem ser percebidas através da grossa camada de tinta esmalte em tons de cinza que encobre toda ela e acompanha a intervenção realizada na cimalha da capela mor. (fotos fl 35/52)

Prospecções:
As prospecções na cimalha foram viáveis pela aproximação que o coro permite, portanto elas foram realizadas na região correspondente a este cômodo.

As cores encontradas foram o cinza claro com frisos externos em cinza mais escuro pintados com tinta esmalte brilhante sobrepondo a cor rosa, uma base de preparação branca e a madeira. Possivelmente houve remoção de estratos mais antigos para a aplicação das pinturas mais recentes.

Tabela 6: Prospecções – Cimalha da Nave	
	Local: Sessão acima do coro, à direita da nave • Camada 4a: Repintura em cinza médio • Camada 3a: Rosa médio • Camada 2a: Branco • Camada 1a: Suporte (madeira) • Camada 4b: Repintura em cinza claro • Camada 3b: Cinza muito claro • Camada 2b: Verde claro • Camada 1b: Suporte (madeira)
	Local: Sessão acima do coro, à direita da nave • Camada 4: Repintura em cinca claro • Camada 3: Cinza muito claro • Camada 2: Verde claro • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Sessão acima do coro, à direita da nave • Camada 3: Repintura em cinza claro • Camada 2: Verde claro • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Sessão acima do coro, à esquerda da nave • Camada 4a: Repintura em cinza médio • Camada 3a: Rosa médio • Camada 2a: Branco • Camada 1a: Suporte (madeira) • Camada 4b: Repintura em cinza claro • Camada 3b: Cinza muito claro • Camada 2b: Verde claro • Camada 1b: Suporte (madeira)

3.1.8 – Balaustrada da nave (mesa de comunhão)

A balaustrada da nave, que nos rituais anteriores tinha o papel de mesa de comunhão, toda entalhada e torneada é formada por 4 montantes curvos em foram de dois Cs, posicionam-se um em cada canto e dois nos apoios da cancela central. Cada lado é formado por 11 balaústres e a cancela de duas partes tem 3 balaústres para cada uma delas. Portanto a mesa de comunhão é formada por 28 balaústre e quatro montantes com apoio liso frisado com escalonamentos nas laterais tanto na parte superior quanto na inferior.

O conjunto da balaustrada se encontra com boa estabilidade, mas podem ser observados problemas pontuais como o primeiro montante da esquerda que apresenta grande rachadura na parte superior e outra na parte central e o da direita sofreu perda de um friso na parte central. (fotos fl 37/52)

Continuando do lado esquerdo existem 6 balaústres que estão se movendo, rodando com muita facilidade, 3 se movimentando levemente e só 2 permanecem fixos. Dois deles têm rachaduras longitudinais diversas.

No lado direito só 1 delas está rodando as demais estão bem fixas em compensação 9 delas estão trincadas. (fotos fl 38/52)

O desgaste é um fenômeno que ocorre em peças em movimento, como em eixos, cilindros, e peças semelhantes. Nesta balaustrada a fricção durante longo período de uso propiciou a perda de material em alguns destes encaixes, ocasionando-lhes o afrouxamento.

Na cancela 1 balaústre está com rachadura e dois sofreram perdas superficiais. Ela está em bom funcionamento, com movimentação mais pesada na folha da direita provocada por leve descaimento da dobradiça superior.

Todo ele apresenta desgastes, abrasões, manchas, furos, irregularidades na superfície e respingos de tinta.

Através das fotos pesquisadas é possível perceber que ela já foi decorada com pintura, imitando pedra de maneira bem interpretativa e fantasiada como todo o marmorizado desta época na nos elementos artísticos da igreja. (foto fl 36/52 - figura 77)

O verniz de acabamento já está bastante desgastado e sem brilho.

3.1.9 – Balaustrada do coro

Ela se apresenta com o suporte bastante atacado por insetos xilófagos, que provocaram perdas esparsas.

A superfície é bastante irregular e a borda da parte horizontal superior está muito danificada. (fotos fl 39/52)

Chama atenção ainda, muitas lascas, abrasões e perdas em todo o suporte
Existe uma complementação na parte inferior par fixação do último balaústre da direita que também serve para a fixação do conjunto à parede. (fotos fl 40/ 52)

Todo ele está recoberto por tinta esmalte azul bem vibrante.

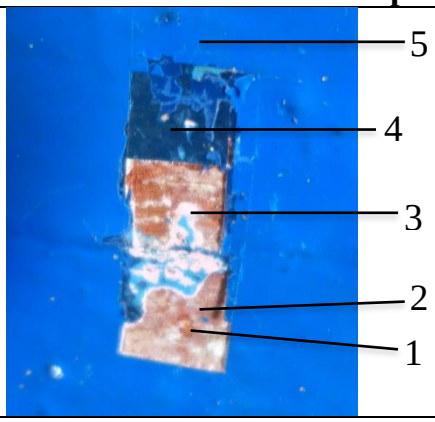
Prospecções:

Foram realizadas prospecções nos três níveis da balaustrada e encontrados estratos diferenciados em todas elas.

Portanto como já foi observado anteriormente a remoção das pinturas deverá ocorrer cautelosamente analisando cada camada de tinta e de base de preparação, utilizando-se inclusive das conclusões obtidas das cores nos demais elementos decorativos para se encaminhar para uma definição do que deve permanecer.

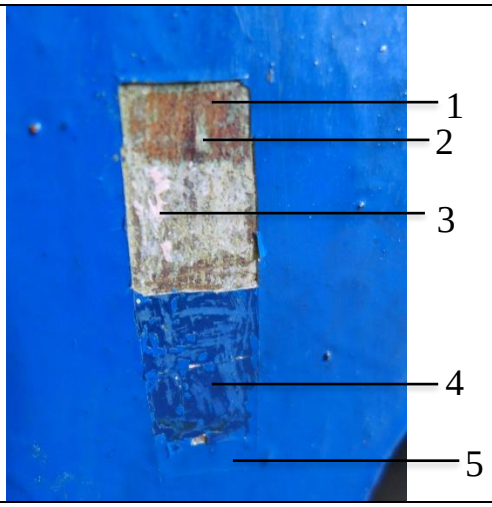
Em toda a arte aplicada deste templo as sucessivas aplicações de tinta nem sempre ocorreram sobre a anterior que aparentemente foi retirada em alguns pontos.

Tabela 7: Prospecções – Balaustrada do Coro



Local: Região central do apoio horizontal superior, à direita.

- Camada 5: Repintura em azul médio
- Camada 4: Azul escuro
- Camada 3: Branco
- Camada 4: Rosa médio
- Camada 5: Suporte (madeira)

	Local: Centro do terceiro balaústre da esquerda para a direita a partir da pilastra, sessão da direita. • Camada 5: Repintura em azul médio • Camada 4: Azul escuro • Camada 3: Rosa médio • Camada 2: Branco sujo (base) • Camada 1: suporte (madeira)
	Local: Suporte horizontal inferior, entre o terceiro e quarto balaústres, na sessão direita, da esquerda para a direita. • Camada 4: Repintura em azul médio • Camada 3: Azul claro sujo • Camada 2: Branco (resquícios) • Camada 1: Suporte (madeira)

3.1.10 – Retábulo da capela lateral esquerda

Em seu estudo de estado de conservação, notou-se acúmulo de sujidades e particulados como poeira, teias de aranha e excrementos de insetos xilófagos, assim como marcas de abrasão e respingos de tinta. O suporte apresenta perdas em extremidades e arestas, seja de pequenas dimensões ou blocos inteiros. Também pôde-se notar a perda de blocos inteiros – como frisos - e perda por ataques de insetos xilófagos, como observado na lateral esquerda inferior do retábulo e na parte mais ao fundo da ponta direita do tabuado central. (fotos fl 41/52)

Rachaduras e fissuras podem ser encontradas em diversos locais, como em extremidades de chapas/blocos, próximos a fixação por pregos e ao longo de blocos, indicando uma possível movimentação excessiva da madeira. Blocos soltos e em desalinho foram encontrados, assim como distanciamento de peças (vãos). Alguns destes vãos – como no encaixe lateral direito da mesa com o retábulo – são maiores, sugerindo uma montagem inadequada. (fotos fl 42/ 52)

As ferragens encontradas nas laterais do retábulo como puxadores, fechaduras, dobradiças, assim como pregos encontrados em diversas áreas, encontram-se oxidados.

Pela abertura lateral do retábulo foi possível ter acesso ao seu interior. Pôde-se notar que o interior – atualmente utilizado como local de armazenamento de decorações, eletrônicos e materiais de limpeza – apresenta marcas de escorrido e manchas, indicando um possível contato direto com umidade. Também foram observadas rachaduras, e respingos de tinta branca. (fotos fl 43/ 52)

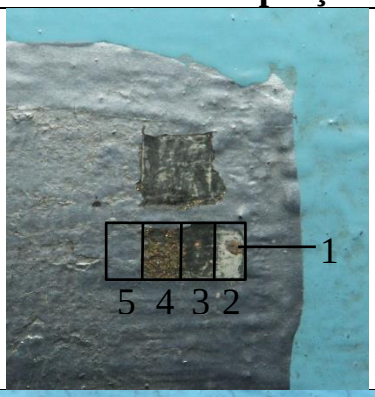
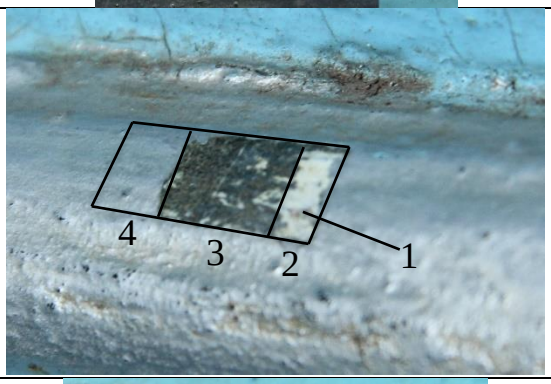
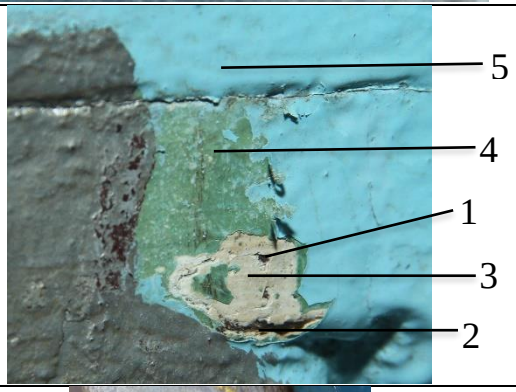
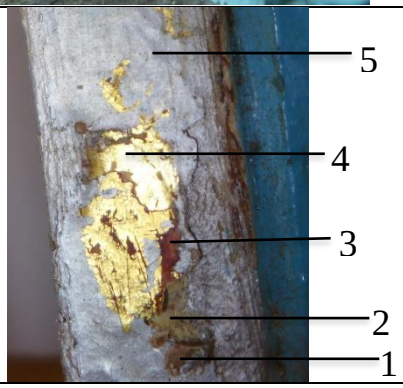
Nota-se que o retábulo apresenta um afundamento de sua porção direita, perceptível também na pilastra posterior. Este desalinho pode ter causado outros desníveis encontrados. (fotos fl 44/ 52)

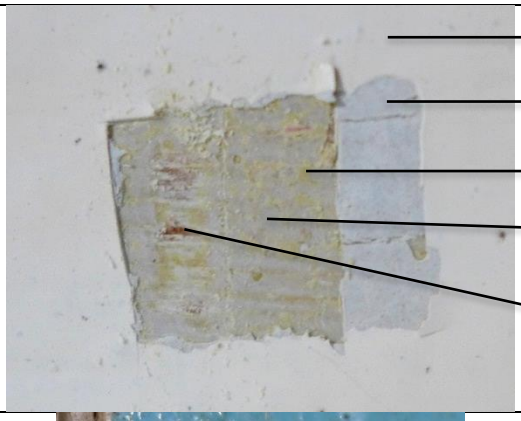
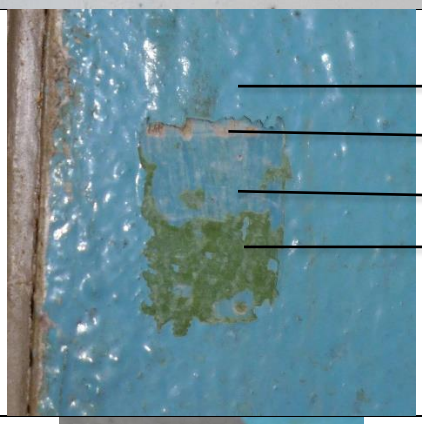
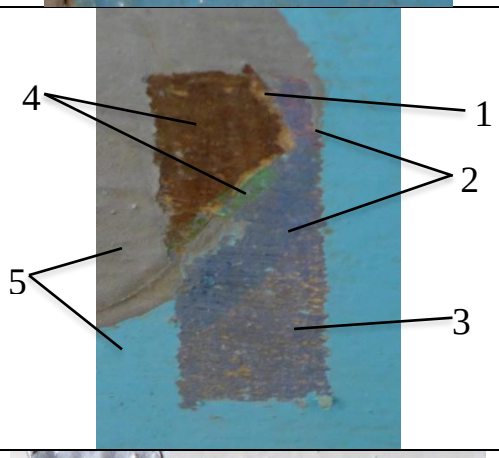
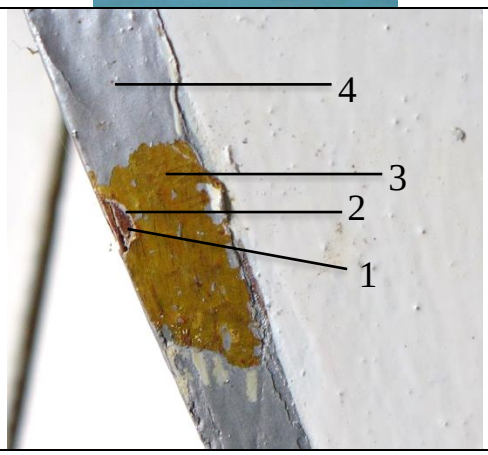
O retábulo encontra-se recoberto por uma repintura em azul e prata, apresentando aspecto brilhante e grânulos em determinadas regiões. A repintura não recobre o tampo da mesa, o tampo da parte central e a pintura decorativa ao centro da mesa. Esta, uma representação de um sagrado coração de Jesus, não apresenta sem brilho, aparenta ser mais fina e é circundado grosseiramente pela repintura. As gavetas laterais também não apresentam a camada mais recente de repintura e exibem camada sem brilho, em tons rebaixados de azul e verde.

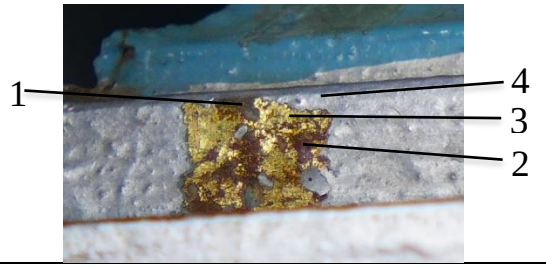
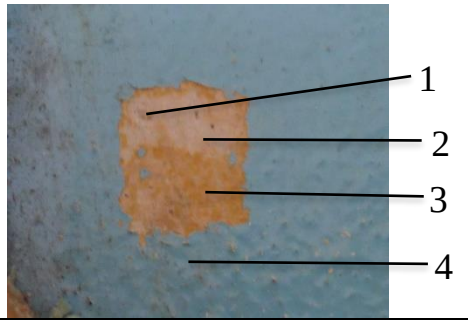
Sobre a camada mais recente de pintura observou-se, além do acúmulo de sujidades, marcas de abrasão, manchas de tinta e manchas amarelecidas em regiões próximas a peças de madeira aparente e piso.
A camada pictórica apresenta perdas que deixam o suporte aparente ou evidenciam a existência de outras camadas de pintura abaixo desta pintura mais externa.

Prospecções:
Observou-se a presença de camadas em verde escuro em regiões de frisos da mesa do altar, acompanhado de verde médio em regiões de pintura central da mesma peça. Este verde médio também foi encontrado na porta lateral dos arcos.

Foi encontrado, em frisos diversos, um douramento com bolo armênio sobre uma fita de papel. No fundo branco do retábulo pôde-se observar acúmulo de papéis diversos. Também notou-se em frisos a presença de purpurina dourada. No trono esquerdo observou-se a presença de pintura decorativa em tons de azul, lilás e roxo.

Tabela 8: Prospecções – Retábulo da capela lateral esquerda	
	Local: Canto superior direito da mesa do altar (pintura decorativa) • Camada 5: Repintura em prata • Camada 4: Partículas douradas • Camada 3: Verde escuro • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Friso prata imediatamente acima da mesa do altar, na sessão mais à direita. • Camada 4: Repintura em cinza • Camada 3: Verde escuro • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Área azul limítrofe com a pintura decorativa do frontal da mesa do altar, na região superior central. • Camada 5: Repintura em azul claro • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Branco • Camada 2: Amarelo • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Arco central, extremidade da direita • Camada 5: Repintura prata • Camada 4: Folha metálica dourada • Camada 3: Bolo armênio • Camada 2: Branco (suporte papel) • Camada 1: Suporte (madeira)

	Local: Fundo (parede) branca do retábulo, região central. • Camada 5: Repintura branca • Camada 4: Azul claro • Camada 3: Verde médio • Camada 2: Cinza claro • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Abaixo da fechadura da porta à esquerda do retábulo • Camada 5: Repintura azul claro • Camada 4: Verde médio • Camada 3: Azul claro • Camada 2: Branco (resquícios) • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Pintura decorativa da lateral esquerda do trono à esquerda do retábulo. • Camada 5: Repintura prata e azul claro • Camada 4: Marrom e verde médio • Camada 3: Lilás • Camada 2: Azul médio e vermelho • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Região central do friso esquerdo da peanha à esquerda do retábulo. • Camada 4: Repintura prata • Camada 3: Folha dourada • Camada 2: Branco (suporte papel) • Camada 1: Suporte (madeira)

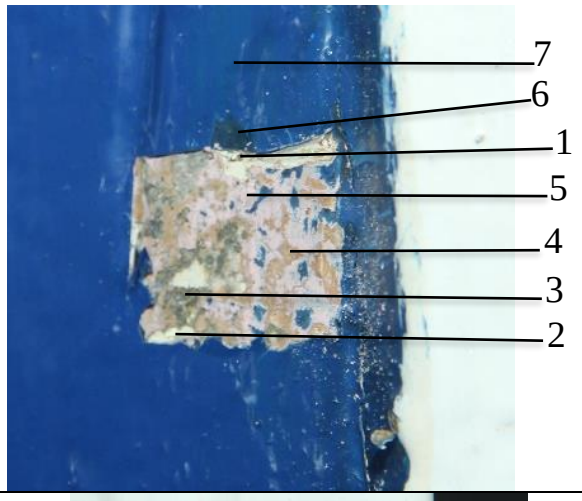
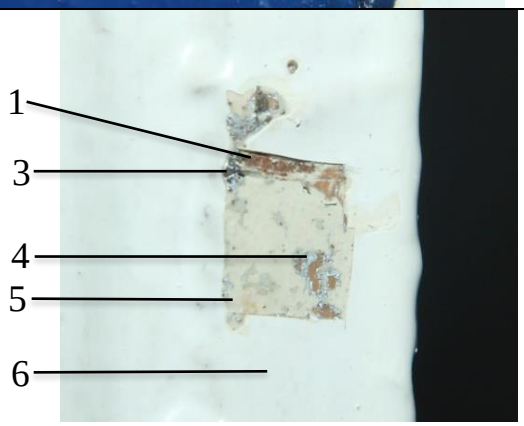
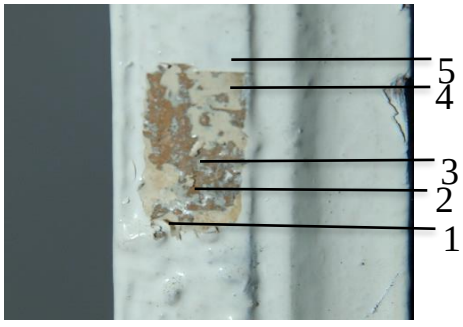
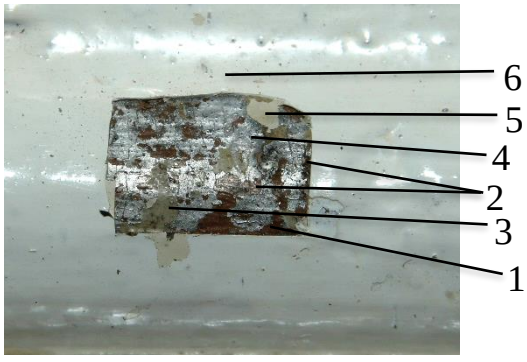
	Local: Frisos acima do terço inferior da segunda pilastra, da esquerda para a direita • Camada 4: Repintura prata • Camada 3: Folha metálica dourada • Camada 2: Bolo armênio • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Pilastra da direita da face frontal do retábulo, na parte superior da continuidade da pilastra. • Camada 4: Repintura azul claro • Camada 3: Laranja claro • Camada 2: Rosa claro • Camada 1: Suporte

3.1.11 – **Divisória da capela lateral da esquerda**

O conjunto apresenta-se estruturalmente estável apesar de ser identificável a presença de ataques de insetos xilófagos e perdas pontuais de suporte. As cancelas funcionam ainda, mas necessitam de revisão nas dobradiças e no prumo que está um pouco alterado.

A superfície pictórica é irregular e está recoberta por várias camadas de repinturas, através das prospecções foram identificadas perdas na pintura mais antiga. (fotos fl 46/ 52)

Prospecções:
As prospecções desta decoração corresponderam exatamente ao que foi encontrado na divisória do lado direito e está descrito no próximo item.

Tabela 9: Prospecções – Divisória da capela lateral da esquerda	
	Local: Lateral direita do painel azul da segunda pilastra da direita para a esquerda, parte superior do primeiro terço. • Camada 7: Repintura azul médio • Camada 6: Azul escuro • Camada 5: Rosa claro • Camada 4: Laranja claro • Camada 3: Verde escuro • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Friso à direita da segunda pilastra da direita para a esquerda, na parte superior do primeiro terço. • Camada 6: Repintura branca brilhante • Camada 5: Branco Fosco • Camada 4: Prata • Camada 3: Verde escuro • Camada 2: Laranja claro • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: cal: Friso à esquerda da segunda pilastra da esquerda para a direita, na parte central. • Camada 5: Repintura branca brilhante • Camada 4: Branco Fosco • Camada 3: Prata • Camada 2: Laranja claro • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Friso horizontal central, na face interior da segunda pilastra da esquerda para a direita. • Camada 6: Repintura branca brilhante • Camada 5: Branco Fosco • Camada 4: Prata • Camada 3: Cinza claro • Camada 2: Rosa claro e verde escuro • Camada 1: Suporte (madeira)

3.1.12– Retábulo da capela lateral da direita

Este retábulo está bastante comprometido pelo intenso ataque de insetos xilófagos. Estes ataques foram tão intensos nos arremates superiores que o frontal se soltou e restauraram dele dois fragmentos muito fragilizados pelas galerias de cupins. (fotos fl 47/52)

Em ambos os lados há separação no encontro com a parede do fundo, principalmente na parte superior. As junções entre os blocos de madeira estão se separando em vários pontos e em outros apresentam livres para se movimentarem sinalizando também para futura desunião. (fotos 48/52)

Todo o suporte se encontra com perdas, furos e lascas soltas.

O friso do frontal da mesa está preenchido grosseiramente com massa e está já está se soltando.

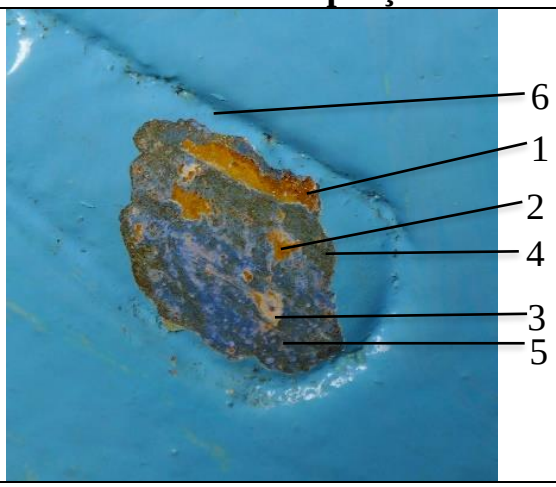
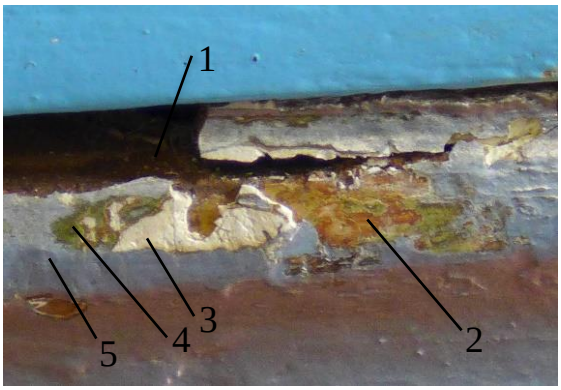
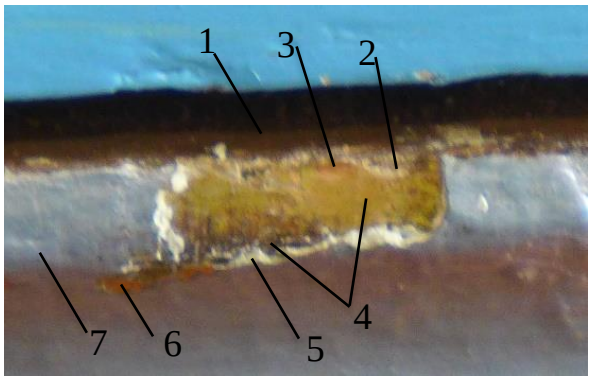
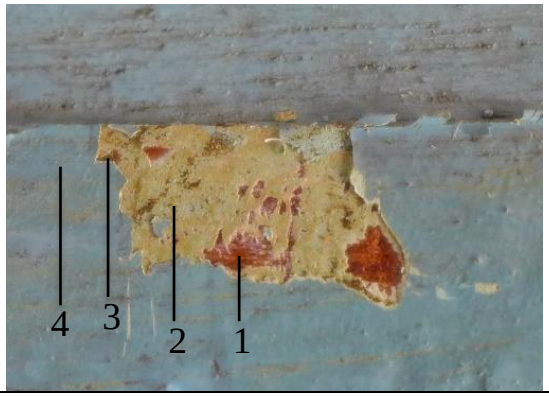
As laterais da mesa são portinholas com fechos e tramelas, e servem de espaço para guarda do mais diversos tipo de material de uso cotidiano. Elas estão rachadas, emendadas cheias de furos e perdas. (fotos 49/52)

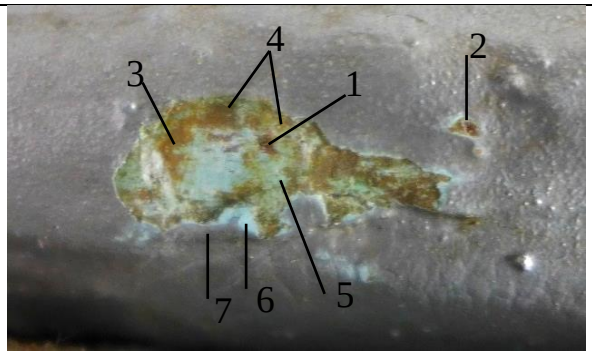
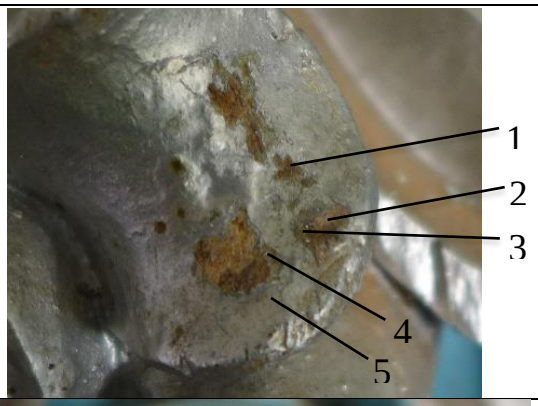
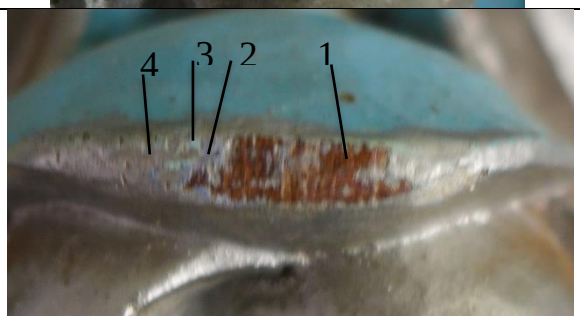
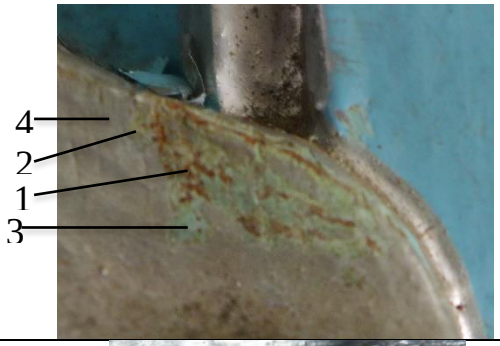
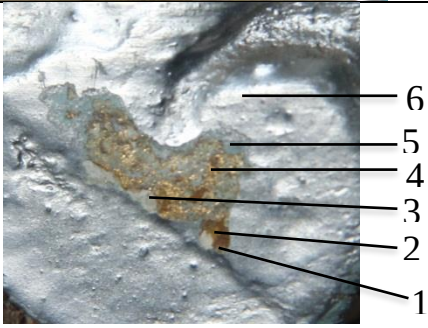
Todo o retábulo se mostra completamente revestido por camadas sucessivas de repintura.

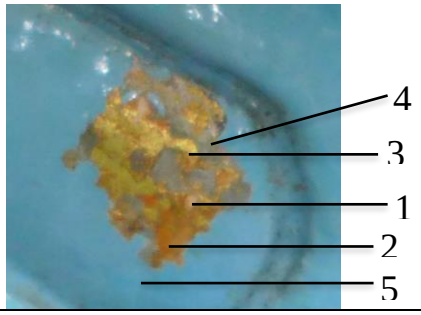
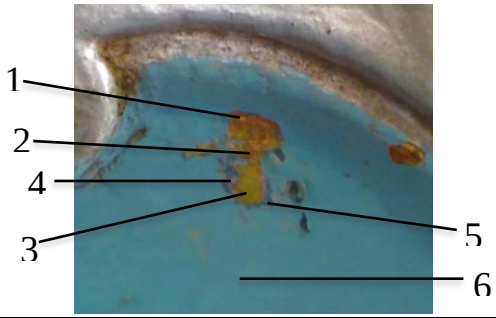
Prospecções:
As prospecções neste retábulo foram feitas nos relevos e no fundo com confirmação em pontos variados. Corroborando o que foi encontrado na decoração do presbitério neste foi percebido também a presença de uma tinta de cor esverdeada nos relevos.

Assim a sequência de cores dos relevos foram o prateado atual seguido de um tom verde claro sobre amarelo ocre ou ouro (folha de boa qualidade – só foram encontrados resquícios), bolo armênio avermelhado, base de preparação branca e madeira.

O restante tem cor atual azul claro em tinta esmalte brilhante sobrepondo um azul mais claro aparentando característica de tinta têmpera, base de preparação branca e madeira.

Tabela 10: Prospecções – Retábulo da capela lateral da direita	
	Local: Talha decorativa presente no canso superior esquerdo do frontal da mesa do altar. • Camada 6: Repintura em azul claro • Camada 5: Azul escuro • Camada 4: Verde escuro • Camada 3: Branco • Camada 2: Amarelo médio • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Parte superior central do friso que emoldura a decoração central do frontal da mesa do altar. • Camada 5: Repintura prata • Camada 4: Verde escuro • Camada 3: Branco • Camada 2: Amarelo médio • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Parte superior central do friso que emoldura a decoração central do frontal da mesa do altar. • Camada 7: Repintura em prata • Camada 6: Laranja • Camada 5: Branco • Camada 4: Verde escuro e verde claro • Camada 3: Laranja claro • Camada 2: Branco (sujo) • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Parte superior da pilastra central esquerda, próximo ao teto da capela. • Camada 4: Repintura em azul claro • Camada 3: Verde escuro • Camada 2: Branco (sujo) • Camada 1: Suporte (madeira)

	Local: Friso prateado ondulado inferior do entablamento superior, pilastra central esquerda, próximo ao teto. • Camada 7: Repintura em prata • Camada 6: Azul claro • Camada 5: Verde azulado claro • Camada 4: Verde escuro e verde claro • Camada 3: Laranja claro • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Folha direita da flor superior, pilastra central esquerda, próximo ao teto. • Camada 5: Repintura prata mais externa • Camada 4: Prata (2) • Camada 3: Verde médio • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Pétala superior da flor central, pilastra central esquerda, próximo ao teto. • Camada 4: Repintura prata • Camada 3: Verde claro • Camada 2: Lilás • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Folha direita do elemento fitomórfico decorativo, pilastra central esquerda, próximo ao teto. • Camada 4: Repintura prata • Camada 3: Verde azulado claro • Camada 2: Verde claro • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Lateral direita do retábulo, na voluta superior à extrema esquerda. • Camada 6: Repintura em prata • Camada 5: Azul claro • Camada 4: Purpurina dourada • Camada 3: Amarelo escuro • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)

	Local: Decoração superior esquerda do painel frontal da mesa, formato em "D" alongado • Camada 5: Repintura azul claro • Camada 4: Cinza médio • Camada 3: Dourado • Camada 2: Laranja • Camada 1: Branco
	Local: Decoração superior esquerda do painel frontal da mesa • Camada 6: Repintura azul claro • Camada 5: Azul escuro • Camada 4: Lilás • Camada 3: Dourado • Camada 2: Laranja • Camada 1: Branco

3.1.13 – Divisória da capela lateral da direita

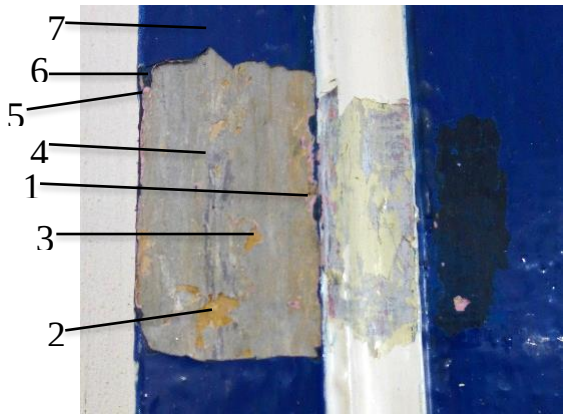
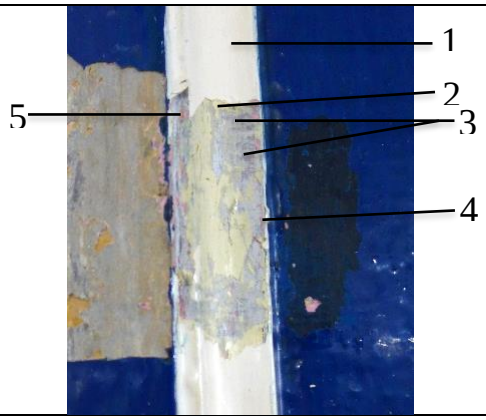
Esta capela segue o modelo da capela do lado esquerdo e tem o mesmo tipo de divisória, sendo que deste lado ela tem um detalhe decorativo no arremate superior das pilastras de união com a parede. São rocalhas entalhadas descendo verticalmente a partir do capitel.

O estado de conservação é razoável devido principalmente aos ataques de insetos xilófagos que provocaram perdas esparsas no suporte. Observam-se furos, fissuras e lascas no suporte. A superfície é sem acabamento fino e apresenta irregularidades em quase toda a extensão. (Fotos fl 51 e 52/52)
O conjunto está completamente recoberto por camadas de repinturas que deixam perceber perdas nas pinturas mais antigas através de desníveis neste último estrato.

Prospecções:

A divisória hoje tem as cores de azul real e branco pintado com tinta esmalte brilhante. As pinturas subjacentes sofreram muitas perdas com é possível perceber pela superfície irregular da pintura atual.

As prospecções exibiram na parte superior o azul atual com friso branco sobre rosa médio fundo e friso que por sua vez encobre um tom acinzentado com chances de ter um marmorizado leve e com friso azul claro e abaixo deste aparece um amarelo ocre claro a base de preparação branca e a madeira.

Tabela 11: Prospecções – Retábulo da capela lateral da direita	
	Local: Pilastra embutida na parede direita da capela, na sessão central esquerda. • Camada 7: Repintura azul médio • Camada 6: Azul escuro • Camada 5: Rosa médio • Camada 4: Tons de cinza e azul • Camada 3: Amarelo ocre • Camada 2: Branco • Camada 1: Suporte (madeira)
	Local: Pilastra embutida na parede direita da capela, na sessão central esquerda. • Camada 5: Repintura branca • Camada 4: Verde claro • Camada 3: Azul claro com azul escuro • Camada 2: Rosa médio • Camada 1: Suporte (madeira)

3.1.14 – Lavabo

O lavabo está solto e deixa visível avanço em sua parte de trás para encaixe em parede ou móvel próprio. Ele está em bom estado de conservação.

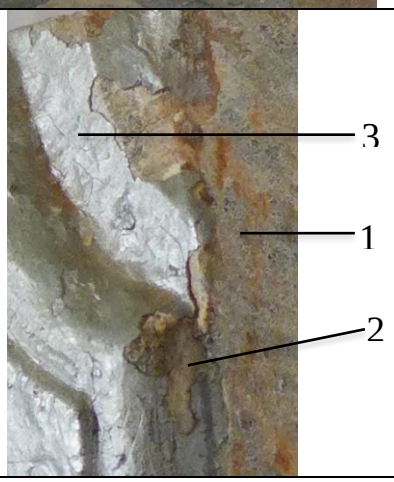
Percebem-se desgastes, abrasões e pequenas perdas superficiais na pedra. A região onde está encaixada a torneira de bronze tem maiores ocorrências de perda de suporte. E possível que ela tenha sido inserida posteriormente ao período de confecção da peça inscrito nela mesmo como sendo 1818. A torneira atual, já bastante elaborada na técnica de fundição pode ser de fatura posterior e, portanto a adaptação poderá ter provocado esta maior incidência de perda na região de contato.

A superfície pétrea foi inadequadamente revestida por tinta esmalte prateada.

A torneira apresenta-se escurecida e desgastada, principalmente no fecho e na parte frontal. (fotos fl 52/52)

Prospecções:

O lavabo é entalhado em pedra, a ser identificada, possivelmente um granito ou menos provável uma pedra sabão. E foi pintada com uma camada de tinta prateada bem recentemente.

Tabela 12: Prospecções – Lavabo	
	Local: Canto inferior esquerdo da face frontal • Camada 3: Prata • Camada 2: Branco (sujo) • Camada 1: Suporte (pedra)
	Local: Aresta superior direita • Camada 3: Prata • Camada 2: Branco (sujo) • Camada 1: Suporte (pedra)

3.2 – Testes de Solubilidade

3.2 – Testes de Solubilidade

Os testes de solubilidade realizados tiveram como objetivo testar a eficiência de (7) sete solventes em solubilizar as diversas camadas pictóricas presentes nos bens contemplados por este projeto.
Os solventes foram aplicados por meio de swob de algodão e haste de bambu, que foram friccionados sobre determinadas regiões. As especificações seguem abaixo:

SOLVENTES UTILIZADOS
Álcool Isopropílico
Solvente nº 7 – Masschelein Klein (Toluol + Álcool Isopropílico – 1:1)
Álcool etílico + Xilol (1:1)
Acetona
Água + Hidróxido de amônio (3:1)
Removedor pastoso automotivo
Dimetilformamida

PARÂMETROS DE SOLUBILIDADE PARA AS TINTAS:

- ALTA SOLUBILIDADE: +++
- MÉDIA SOLUBILIDADE: ++
- BAIXA SOLUBILIDADE: -+
- SEM SOLUBILIDADE: 0

TESTE DE SOLUBILIDADE - SERRO							
ELEMENTO	**SOLVENTES**						
	Alc. Isop.	**Solv. 7**	**Alc + Xilol**	**Aceton a**	**Ag. + Hid Am.**	**Remov .**	**DMF**
Retábulo Mor (lat. esq.altura da banqueta - azul claro atual)	**- +**	**+**	**- +**	**- +**	**- +**	**+ + +**	**+ +**
Presbitério (lat. dir.tom avermelhado)	**0**	**- +**	**- +**	**0**	**- +**	**+ +**	**+**
Arco cruzeiro (pilastra cinza e azuis atuais)	**- +**	**+**	**- +**	**- +**	**- +**	**+ + +**	**+ +**
Retábulo lateral esquerdo (mesa lat. esquerda - azul claro)	**- +**	**+**	**- +**	**- +**	**- +**	**+ + +**	**+ +**

Retábulo lateral direito (coluna marrom	- +	+	- +	- +	- +	+ + +	+ +
Balaustrada nave (balaústre verniz)	+	+ +	+ + +	- +	0	+ + +	+ + +
Balaustrada coro balaústre azul)	- +	+	- +	- +	- +	+ + +	+ +
Divisória capela lat. esq.(coluna azul atual)	- +	+	- +	- +	- +	+ + +	+ +
Divisória capela lat. dir.(coluna branco atual)	- +	+	- +	- +	- +	+ + +	+ +
Retábulo capela lat. esq.(mesa lat. esq.azul claro)	- +	+	- +	- +	- +	+ + +	+ +
Retábulo capela lat. dir.(mesa lat. direita azul)	- +	+	- +	- +	- +	+ + +	+ +

Os resultados obtidos por meio dos testes de solubilidade indicam uma resistência maior das camadas mais externas de pintura a solventes polares e de média a alta penetração, como o álcool Isopropílico, o solvente nº7 (Masschelein Klein), álcool etílico + xilol, acetona e água + hidróxido de amônio. O que se observou é que, para que estas camadas sejam sensibilizadas será necessário fricção excessiva e/ou muito tempo de permanência (por meio de compressas) o que inviabiliza a realização da remoção de repintura – processo que já demorado devido às suas especificidades. Também observou-se o surgimento de manchas esbranquiçadas em alguns locais de teste, o que indica uma solubilização parcial, porém não suficiente para a remoção completa da tinta em questão.

No entanto, obteve-se boa solubilização das camadas mais externas com o removedor pastoso automotivo e dimetilformamida. Estes dois solventes removeram de forma satisfatória as camadas de repintura, exigindo pouca fricção e, no caso do removedor pastoso, compressas rápidas. Recomenda-se então que a remoção de repintura seja realizada com estes dois solventes.

4 - PROPOSTAS DE RESTAURAÇÃO

4.1 - Propostas de intervenção

4.1 - Propostas de intervenção

Os bens contemplados neste projeto apresentam degradações em sua estrutura/suporte, assim como em sua camada pictórica. As propostas de intervenção foram elaboradas com a finalidade de atender às demandas de tratamento apresentadas pelas peças para permitir uma maior perenidade, para que possam ser usufruídas como bens históricos, artísticos e de culto.

Para tal espera-se recuperar sua unidade potencial, conceito trabalhado por Cesare Brandi, que coloca que "[...] a obra de arte, não constando de partes, ainda que fisicamente fracionada, deverá continuar a subsistir potencialmente como um todo em cada um de seus fragmentos e essa potencialidade será exigível em uma proposição conexa de forma direta aos traços formais remanescentes, em cada fragmento, da desagregação da matéria. " (BRANDI, 2008, p. 46). Ao se reestabelecer uma unidade potencial busca-se preservar, por meio da matéria, sua esfera intangível de valores e significações, assim como a "manifestação da imagem". De acordo com Brandi,

> *A consistência física da obra de arte deve necessariamente ter a precedência, porque representa o próprio local da manifestação da imagem, assegura a transmissão da imagem ao futuro e garante, pois, a recepção na consciência humana. (BRANDI, 2008, p. 30).*

Nos tratamentos pictóricos, assim como de suporte/estrutura, objetiva-se a preservação dos sinais de passagem de tempo a fim de se evitar a criação de um falso histórico e promover a manutenção do aspecto histórico dos bens. John Ruskin, apesar de sua aversão à pratica do restauro, ressalta veementemente a importância da preservação destas marcas e coloca que:

> *Sua glória está em sua idade, e naquela profunda sensação de ressonância, de vigilância severa, de misteriosa compaixão, até mesmo de aprovação ou condenação, que sentimos em paredes que há tempos são banhadas pelas ondas passageiras da humanidade. (RUSKIN, 2008, P. 68).*

Tomou-se como referência princípios norteadores para ações de conservação-restauração propostos por Camilo Boito em sua participação no Congresso para Engenheiros e Arquitetos Italianos (Roma, 1883), como a utilização de materiais diversos àqueles utilizados originalmente; consolidações e complementações serão executadas somente onde há a real demanda; e respeito às fases dos bens, realizando remoções de elementos/camadas somente quando manifestarem-se qualitativamente inferiores (KUHL, 2008, p. 21-22). Dessa forma espera-se preservar elementos artístico-históricos característicos; evitar acréscimos que alterem a autenticidade e intervir na obra somente o estritamente necessário.

Outro ponto colocado por Boito (1883) é a importância de se registrar as obras antes, durante e após as intervenções (KUHL, 2008, p. 22). Este registro deverá ser

composto por documentação fotográfica e anotações acerca do estado de conservação das peças e as intervenções realizadas. Propõem-se, neste projeto, a elaboração de relatórios mensais (contendo anotações e fotografias) de todo o processo de restauro dos bens integrados e móveis assim como o preenchimento de um Diário de Obra.

A Carta de Veneza, elaborada em 1964, também serve como documento norteador e reforça alguns pontos já colocados anteriormente, como respeito às fases das obras e excepcional remoção de etapas em detrimento de elementos de maior valor artístico, histórico, arqueológico ou estético; e a distinção entre materiais utilizados na substituição de partes faltantes (suporte e camada pictórica) e materiais originais (Carta de Veneza, 1964, p. 3).

Os materiais a serem utilizados nos tratamentos propostos foram selecionados de acordo com os critérios já citados anteriormente e devem preferencialmente apresentar certo grau de reversibilidade, pois, como coloca Brandi (2008), "qualquer intervenção não deve tornar impossível, mas sim, facilitar as intervenções futuras" (BRANDI, 2008, P. 48).

Nos processos de adição de materiais – seja em complementações de suporte, consolidações, nivelamento, reintegrações, entre outros – os mesmos devem diferir não somente em natureza química e época, mas também em sua forma de apresentação. Kuhl (2009) ressalta que a distinguibilidade é um critério essencial em práticas de restauração

> *... pois a restauração (que é vinculada às ciências históricas) não propõe o tempo como reversível e não pode induzir o observador ao engano de confundir a intervenção ou eventuais acréscimos com o que existia anteriormente, além de dever documentar a si própria. (KUHL, 2009, p. 25)*

Conforme pode ser observado nas estratigrafias, não foram obtidos recursos suficientes para uma definição conclusiva só no projeto no que tange aos aspectos estéticos. A igreja passou por várias intervenções, pois nela é intensa a atividade com os congados que a levam a passar por frequentes repinturas e inclusão de elementos decorativos. Estas repinturas vêm sendo executadas, como se observou nos vários pontos onde se buscou abrir prospecções, sobre superfície previamente raspada ou lixada, permanecendo em quase todos os pontos somente resquícios de tintas diversas. Para executar as prospecções foi bastante árduo o exercício de detectar área com remanescentes mais numerosos.

Diante do acima exposto a proposição é pela cuidadosa remoção dos estratos, um a um, de forma a se obter referência e subsídio suficiente para uma conclusão do que poderá ser restaurado ou que sirva de modelo para a definição da(s) core(s)/estrato que melhor atenderá à harmonia do conjunto. Isto só será possível no desenvolvimento da obra, quando o contato intenso com o bem e a visão de grandes

áreas poderá descortinar um certo momento decorativo relacionado com os demais exibindo assim a resposta mais segura para este intento.

Devido à revisão estética recorrente do ambiente, conforme já explicitado nos parágrafos anteriores, a situação se mostrou de tal forma confusa que nem ao menos o recolhimento de material para estudos em laboratório se mostrou objetivo neste estágio (camadas subjacentes de pintura encontram-se raspadas ou lixadas). Assim, não se realizou análises químicas no desenvolvimento deste projeto e estão incluídos nas especificações técnicas e planilhas os custos com horas técnicas adicionais de profissionais restauradores/técnicos para que se possa realizar, se necessário, com estes valores, análises e cortes estratigráficos que possam clarear o que for sendo descortinado na remoção por camada conforme está sugerido na proposta de tratamento. É importante que as ações a serem tomadas, a partir do que for sendo encontrado durante a restauração, sejam definidas, a cada etapa, em conjunto com os técnicos de acompanhamento da obra, do IPHAN.

4.1.1 – Retábulo-mor

PROBLEMA	**INTERVENÇÃO**	**METODOLOGIA**
	TRATAM. DO SUPORTE	
Bens móveis expostos	Remoção, embalagem e armazenamento	As imagens sacras deverão ser removidos cuidadosamente do retábulo, fotografados, fichados com laudo técnico e embalados para armazenamento.
Acúmulo de sujidades na parte de trás.	Higienização.	Higienização com trinchas, escova e/ou vassourinha de piaçava. Remoção de sujidades com aspirador de pó.
Ataques de insetos xilófagos.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás mineral) em espaçamentos entre junções de peças por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Fissuras e rachaduras.	Colagem das rachaduras.	Recorte na madeira original no formato de "rabo de andorinha"; colocação de peça similar em madeira (cedro); estabilização com grampos e sargentos; fixação com cola PVA.

Separações das partes e desnivelamentos.	Avalição, complementação e nivelamento.	As partes separadas da parede e desniveladas deverão ser avaliadas em relação à edificação e preenchidos os espaços livres e os desníveis.
Peças mal fixadas ou se soltando.	Refixação de peças soltas.	Inserção de parafusos galvanizados em orifícios furados com máquina elétrica. Se necessário, reforçar a fixação com cola PVA sem diluição.
Presença de pregos industriais.	Revisão e substituição.	Avaliação das fixações, remoção e substituição por parafusos galvanizados quando for percebida qualquer alteração.
Fios elétricos diretamente nos degraus do trono, atrás da banqueta.	Projeto elétrico.	Deverá ser observado, no projeto elétrico da edificação, uma opção mais segura para a disposição dos fios condutores.
Perdas de peças estruturais comprometidas por ataques de insetos xilófagos.	Substituição e/ou reforço.	Utilização de madeiras com angelim, peroba, ipê ou similar recortada no mesmo formato e fixada após a remoção da anterior com parafusos galvanizados, barra rosqueada, porca e /ou cola PVA (sem diluição).
Perdas diversas de suporte e lacunas.	Recomposição de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
Preenchimento inadequado das lacunas de suporte.	Remoção das massas irregulares.	Remoção mecânica com bisturi cirúrgico e se necessário com auxílio de formão e macete.
Distanciamento entre peças.	Calafetação.	Preenchimento com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em só um dos lados.
Supedâneo com verniz desgastado.	Remoção e reaplicação de verniz.	Remoção com solvente a ser testado e aplicação de verniz para madeira naval fosco.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA		

Acúmulo de sujidades na frente.	Higienização da frente.	Higienização com trinchas e pincéis macios.
Revestimento de papel dourado.	Remoção do papel dourado.	Remover o papel com auxílio de bisturi, e/ou solventes (compressa de CMC com álcool etílico ou acetona).
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.
Repintura.	Remoção das repinturas.	Realizar testes de remoção das tintas, em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (acetona, removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc).
Desprendimento de camada pictórica original ou a escolhida para permanecer.	Fixação da camada pictórica.	Fixação com álcool polivinílico diluído em água e álcool etílico (várias diluições) pincelamento.
Fragilidade do suporte com risco de perda de pintura durante desmonte parcial.	Faceamento.	Fixação sobre a camada fragilizada de Pellon com Carboximetilcelulose
Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original.	Remoção mecânica e limpeza química.	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimentos na camada pictórica após remoção de repintura.	Revisão da fixação da camada pictórica.	Refixação da camada pictórica por aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico ou cola PVA diluída em água destilada a 50%. Acomodar por pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon.
Base de preparação com lacunas.	Emassamento e nivelamento de lacunas.	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas para madeira.
Lacunas de pintura e manchas.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e

		verniz de Paraloid B72, nas técnicas de rigatino, pontilhismo e/ou ilusionismo. Nas pinturas a têmpera fosca poderá haver a opção pelo Mowiol 8:88 diluído a 15% em água adicionada aos pigmentos. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)
Áreas sem pintura em substituições do suporte e forro do camarim.	Aplicação de nova camada de pintura.	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.
Frisos, cordões e relevos com douramento (se for constatado).	Se constatado a presença de folha de ouro reaplicação, caso contrário utilização de mica dourada.	Reconstituição das camadas de preparação em relação ao grau de perda (gesso, bolo armênio e encolagem) e aplicação de folha de ouro ou aplicação de mica diluída em Paraloid B72 com pincel.
Acabamentos necessários na camada pictórica	Apresentação estética	Atenuação de manchas e reintegrações aparentes por nova reintegração nas técnicas citadas anteriormente após remontagens de peças.
Ausência de uma camada de proteção	Aplicação de verniz de proteção	Para o douramento, aplicar Paraloid B72 diluído a 10% em xilol. Para as demais pinturas, se estas apresentarem características de têmpera fosca, será empregado o álcool polivinílico diluído em água destilada e álcool 92º na proporção: 75 g X 375 ml x 750ml. Poderão ser aplicados por aspersão ou pincelamento.

4.1.2 – Pintura do Forro da Capela-mor e Cimalha

PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
TRATAM. DO SUPORTE		
Acúmulo de sujidades na parte de trás do forro e da cimalha	Higienização	Higienização com trinchas, escova e/ou vassourinha de piaçava. Remoção de sujidades com aspirador de pó.
Ataques de insetos xilófagos do forro e da cimalha.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) nas áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Fragilização do suporte por ataques de insetos xilófagos do forro e da cimalha.	Avaliação das partes a serem desmontadas.	Mapeamento e avaliação de peças para desmonte parcial ou total.
Peças selecionadas para desmonte do forro e partes da cimalha.	Desmonte individual e cuidadoso das peças selecionadas.	Cravos serão cortados com ceguetas e as peças deverão ser acomodadas cuidadosamente.
Apodrecimento de suporte (madeira) do forro e da cimalha.	Recuperação estrutural por banhos sucessivos de Paraloid B72.	Remoção da camada mais frágil com trincha macia. Pincelamento de Paraloid B-72 a 5% em Xilol até se obter aspecto de reidratada, seguido de sucessivas aplicações nas concentrações de 10%, 15% e 20% até atingir resistência satisfatória. Complementação das perdas com massa de pó de serra com PVA e água destilada, aplicada em consistência de farofa.
Fissuras e rachaduras do forro e da cimalha.	Contenção das rachaduras.	Recorte na madeira original no formato de "rabo de andorinha"; colocação de peça similar em madeira (cedro); estabilização com grampos e sargentos; fixação com cola PVA.
Estruturas comprometidas por ataques de insetos xilófagos e penetração de água, do forro e da cimalha.	Revisão de estrutura.	Avaliação e revisão das estruturas dos elementos para determinar tratamentos ou substituições, entre eles as cambotas.

Tábuas empenadas.	Desempeno.	Confecção de sulcos pelo verso e preenchimento com taquinhos de madeira (Cedro).
Complementações inadequadas.	Remoção.	Remoção mecânica com bisturi e/ou formão.
Perdas diversas de suporte e lacunas do forro e da cimalha.	Recomposição de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
Partes desmontadas do forro e da cimalha.	Remontagem das partes desmontadas e nivelamento das junções.	As peças deverão ser refixadas e niveladas com parafusos galvanizados após perfuração com máquina elétrica.
Distanciamento entre peças do forro e da cimalha.	Calafetação.	Preenchimento com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em só um dos lados.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA		
Acúmulo de sujidades na frente do forro e da cimalha.	Higienização da frente.	Higienização com trinchas e pincéis macios.
Fragilidade do suporte com risco de perda de pintura durante desmonte parcial.	Faceamento.	Fixacão sobre a camada fragilizada de Pellon com Carboximetilcelulose.
Desprendimento de camada pictórica do forro e da cimalha.	Preparação prévia para desmonte através da fixação da camada pictórica.	Fixação com álcool polivinílico diluído em água e álcool etílico (grande diluição) por aspersão e em seguida pincelamento.
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.
Repintura do forro e da cimalha.	Remoção das repinturas.	Realizar testes de remoção em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc). A remoção do forro será só no fundo branco.
Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original do	Remoção mecânica e limpeza	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e

forro e da cimalha.	química.	químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimentos na camada pictórica após remoção de repintura do forro e da cimalha.	Revisão da fixação da camada pictórica.	Refixação da camada pictórica por aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico ou cola PVA diluída a 50% em água destilada. Acomodar por pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon.
Base de preparação com lacunas do forro e da cimalha.	Emassamento e nivelamento de lacunas.	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas para madeira.
Lacunas de pintura e manchas do forro e da cimalha.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e verniz de Paraloid B72, na técnica rigatino e pontilhismo. Nas pinturas a têmpera fosca poderá haver a opção pelo Mowiol 8:88 diluído a 15% em água adicionado aos pigmentos. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)
Áreas sem pintura em substituições do suporte do forro e da cimalha.	Aplicação de nova camada de pintura em áreas de substituição do suporte.	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.
Acabamentos necessários na camada pictórica do forro e da cimalha.	Apresentação estética.	Atenuação de manchas e reintegrações aparentes por nova reintegração nas técnicas citadas anteriormente após remontagens de peças.
Ausência de uma camada de proteção do forro e da cimalha.	Aplicação de verniz de proteção.	Aplicar Paraloid B72 diluído a 10% em xilol ou álcool polivinílico diluído em água destilada e álcool 92º na proporção: 75 g x 375 ml x 750ml. Poderão ser aplicados

		por aspersão ou pincelamento.

4.1.3 – DECORAÇÃO DO PRESBITÉRIO

PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
	TRATAM. DO SUPORTE	
Estrutura encobrindo o conjunto.	Desmonte.	Documentação fotográfica, mapeamento para remontagem e desmonte da estrutura com ferramentas apropriadas.
Acúmulo de sujidades.	Higienização.	Higienização com trinchas e pincéis macios.
Ataques de insetos xilófagos.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) nas áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Fissuras e rachaduras.	Contenção das rachaduras.	Recorte na madeira original no formato de "rabo de andorinha"; colocação de peça similar em madeira (cedro); estabilização com grampos e sargentos; fixação com cola PVA.
Perdas diversas de suporte e lacunas.	Recomposição de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
	TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA	
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.

Repintura.	Remoção das repinturas.	Realizar testes de remoção em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc).
Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original.	Remoção mecânica e limpeza química.	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimentos com craquelês na camada pictórica após remoção de repintura.	Revisão da fixação da camada pictórica.	Refixação da camada pictórica por aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico. Acomodar por pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon.
Base de preparação com lacunas.	Emassamento e nivelamento de lacunas.	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas para madeira.
Lacunas de pintura e manchas.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e verniz de Paraloid B72, na técnica rigatino e pontilhismo. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)
Áreas sem pintura em substituições do suporte.	Aplicação de nova camada de pintura em áreas de substituição do suporte	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.
Ausência de camada de proteção.	Aplicação de verniz de proteção.	Aplicar Paraloid B72 diluído a 10% em xilol ou álcool polivinílico diluído em água destilada e álcool 92º na proporção: 75 g x 375 ml x 750ml. Poderão ser aplicados por aspersão ou pincelamento.

4.1.4 – Arco Cruzeiro

PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
	TRATAM. DO SUPORTE	
Acúmulo de sujidades.	Higienização.	Higienização com trinchas e pincéis macios.
Ataques de insetos xilófagos	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) nas áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Fissuras e rachaduras.	Contenção de aberturas com ”rabo de andorinha” de madeira; preenchimento ambos os casos pelo verso.	Recorte na madeira original no formato de “rabo de andorinha”; colocação de peça similar em madeira (cedro); estabilização com grampos e sargentos; fixação com massa de pó de serra e cola PVA.
Perdas diversas de suporte e lacunas.	Complementação de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
Distanciamento entre tábuas ou peças.	Calafetação.	Preenchimento com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em só um dos lados.
	TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA	
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.
Repintura.	Remoção de repintura.	Realizar testes de remoção em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc).
Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original.	Remoção mecânica e limpeza química.	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e

		químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimentos na camada pictórica original após remoção de repintura.	Fixação.	Refixação da camada pictórica por aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico ou cola PVA diluída em água destilada a 50%. Acomodar por pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon.
Base de preparação com lacunas.	Emassamento e nivelamento.	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
Lacunas de pintura e manchas.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e verniz de Paraloid B72 ou de álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)
Partes substituídas.	Aplicação de nova camada de pintura em áreas de substituição.	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.
Acabamentos necessários na camada pictórica.	Apresentação estética.	Atenuação de manchas e reintegrações aparentes por nova reintegração nas técnicas citadas anteriormente após remontagens de peças.

4.1.5 – Retábulos Colaterais do Arco Cruzeiro (2 unidades similares)

PROBLEMA	**INTERVENÇÃO**	**METODOLOGIA**
	TRATAM. DO SUPORTE	
Bens móveis expostos	Remoção, embalagem e armazenamento	As imagens sacras e os resplendores de madeira deverão ser removidos cuidadosamente dos retábulos, fotografados, fichados em laudo técnico e embalados para

		armazenamento.
Acúmulo de sujidades na parte de trás.	Higienização.	Higienização com trinchas, escova e/ou vassourinha de piaçava. Remoção de sujidades com aspirador de pó.
Ataques de insetos xilófagos no futuro.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás mineral) em espaçamentos entre junções de tábuas por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Fissuras e rachaduras.	Colagem das rachaduras.	Recorte na madeira original no formato de "rabo de andorinha"; colocação de peça similar em madeira (cedro); estabilização com grampos e sargentos; fixação com cola PVA.
Separações das partes e desnivelamentos.	Avalição, complementação e nivelamento.	As partes separadas da parede e desniveladas deverão ser avaliadas em relação à edificação e preenchidos os espaços livres e os desníveis.
Peças mal fixadas ou se soltando.	Refixação de peças soltas.	Inserção de parafusos galvanizados em orifícios furados com máquina elétrica. Se necessário, reforçar a fixação com cola PVA sem diluição.
Fios elétricos perpassando a superfície.	Projeto elétrico.	Deverá ser observado no projeto elétrico da edificação uma opção mais segura para a disposição dos fios condutores.
Perdas de peças estruturais comprometidas por ataques de insetos xilófagos.	Substituição e/ou reforço.	Utilização de madeiras com angelim, peroba, ipê ou similar recortada no mesmo formato e fixada após a remoção da anterior com parafusos galvanizados, barra rosqueada, porca e /ou cola PVA (sem diluição).
Perdas diversas de suporte e lacunas.	Complementação de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído

		em água destilada, na consistência de farofa.
Complementações inadequadas do suporte.	Remoção.	Remoção mecânica com bisturi cirúrgico e se necessário com auxílio de formão e macete.
Distanciamento entre peças.	Calafetação.	Preenchimento com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em só um dos lados.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA		
Acúmulo de sujidades na frente.	Higienização da frente.	Higienização com trinchas e pincéis macios.
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.
Repintura.	Remoção das repinturas.	Realizar testes de remoção das tintas em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc).
Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original.	Remoção mecânica e limpeza química.	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimento de camada pictórica original ou a escolhida para permanecer.	Fixação da camada pictórica.	Fixação com álcool polivinílico diluído em água e álcool etílico (várias diluições) pincelamento.
Base de preparação com lacunas.	Emassamento e nivelamento de lacunas.	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas para madeira.
Lacunas de pintura e manchas.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e verniz de Paraloid B72, nas técnicas de rigatino, pontilhismo e/ou ilusionismo. Nas pinturas a têmpera fosca poderá haver a opção pelo Mowiol 8:88 diluído a 15% em

		água adicionado aos pigmentos. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)
Áreas sem pintura em substituições do suporte.	Aplicação de nova camada de pintura.	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.
Frisos, cordões e relevos com douramento.	Se constatado a presença de folha de ouro reaplicação, caso contrário. Utilização de mica dourada	Reconstituição das camadas de preparação em relação ao grau de perda (gesso, bolo armênio e encolagem) e aplicação de folha de ouro ou aplicação de mica diluída em Paraloyd B72 com pincel.
Acabamentos necessários na camada pictórica.	Apresentação estética.	Atenuação de manchas e reintegrações aparentes por nova reintegração nas técnicas citadas anteriormente após remontagens de peças.
Ausência de uma camada de proteção.	Aplicação de verniz de proteção.	Aplicar Paraloid B72 diluído a 10% em xilol, ou se as pinturas apresentarem características de têmpera fosca, empregar o álcool polivinílico diluído em água destilada e álcool 92º na proporção: 75 g X 375 ml x 750ml. Poderão ser aplicados por aspersão ou pincelamento.

4.1.6 - Cimalha da nave

PROBLEMA	**INTERVENÇÃO**	**METODOLOGIA**
	TRATAM. DO SUPORTE	
Acúmulo de sujidades na parte de trás.	Higienização.	Higienização com trinchas, escova e/ou vassourinha de piaçava. Remoção de sujidades com aspirador de pó.

Ataques de insetos xilófagos.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) nas áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Fragilização do suporte por ataques de insetos xilófagos.	Avaliação das partes a serem desmontadas.	Mapeamento e avaliação de partes para desmonte.
Partes selecionadas para desmonte.	Desmonte cuidadoso das partes selecionadas.	Cravos serão cortados com ceguetas e as partes deverão ser acomodadas cuidadosamente.
Fissuras e rachaduras.	Contenção das rachaduras.	Recorte na madeira original no formato de "rabo de andorinha"; colocação de peça similar em madeira (cedro); estabilização com grampos e sargentos; fixação com cola PVA.
Empenamentos.	Desempeno.	Confecção de sulcos pelo verso e preenchimento com taquinhos de madeira (Cedro) quando possível, caso contrário amenizar com fixação de parafusos galvanizados.
Complementações inadequadas.	Remoção.	Remoção mecânica com bisturi e/ou formão.
Perdas diversas de suporte e lacunas.	Recomposição de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
Partes desmontadas.	Remontagem das partes desmontadas e nivelamento das junções.	As peças deverão ser refixadas e niveladas com parafusos galvanizados após perfuração com máquina elétrica.
Distanciamento entre peças.	Calafetação.	Preenchimento com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em só um dos lados.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA		
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após

atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.		o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.
Repintura.	Remoção das repinturas.	Realizar testes de remoção em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc).
Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original.	Remoção mecânica e limpeza química.	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimentos na camada pictórica após remoção de repintura.	Fixação.	Fixação da camada pictórica por aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico ou cola PVA diluída em água destilada a 50% de concentração. Acomodar por pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon.
Base de preparação com lacunas.	Emassamento e nivelamento de lacunas.	Emassamento de lacunas com massa a base de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas para madeira.
Lacunas de pintura e manchas.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e verniz de Paraloid B72, na técnica rigatino e pontilhismo. Nas pinturas a têmpera fosca poderá haver a opção pelo Mowiol 8:88 diluído a 15% em água adicionado aos pigmentos. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)
Áreas sem pintura em substituições do suporte.	Aplicação de nova camada de pintura em áreas de substituição do suporte.	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.

Acabamentos necessários na camada pictórica.	Apresentação estética.	Atenuação de manchas e reintegrações aparentes por nova reintegração nas técnicas citadas anteriormente após remontagens de peças.
Ausência de camada de proteção.	Aplicação de verniz de proteção.	Aplicar Paraloid B72 diluído a 10% em xilol ou álcool polivinílico diluído em água destilada e álcool 92º na proporção: 75 g x 375 ml x 750ml. Poderão ser aplicados por aspersão ou pincelamento.

4.1.7– Balaustrada da nave (mesa de comunhão)

PROBLEMA	**INTERVENÇÃO**	**METODOLOGIA**
	TRATAM. DO SUPORTE	
Acúmulo de sujidades.	Higienização.	Higienização com trinchas e escova Remoção de sujidades com aspirador de pó.
Possíveis ataques de insetos xilófagos no futuro.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás mineral) em espaçamentos ou após remoção de verniz, por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Fissuras e rachaduras.	Contenção das rachaduras.	Recorte na madeira original no formato de "rabo de andorinha"; colocação de peça similar em madeira (cedro); estabilização com grampos e sargentos; fixação com cola PVA.
Perdas diversas de suporte e lacunas.	Recomposição de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
Cancela com dobradiça com leve descaimento	Refixação da dobradiça	Revisão da fixação do cravo da dobradiça. Inserir cavilhas de madeira para propiciar melhor aderência.

TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA		
Verniz oxidado e irregular.	Remoção do verniz antigo.	Testar solventes para remoção do verniz de forma a não se danificar o suporte
Ausência de camada de proteção.	Aplicação de novo verniz de proteção.	Aplicação de Paraloid B72 10% a 20% em Xilol, por aspersão ou pincelamento.

4.1.8 – Balaustrada do coro

PROBLEMA	**INTERVENÇÃO**	**METODOLOGIA**
TRATAM. DO SUPORTE		
Acúmulo de sujidades.	Higienização	Higienização com trinchas e/ou escova. Remoção de sujidades com aspirador de pó.
Ataques de insetos xilófagos.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás mineral) em espaçamentos por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Perdas diversas de suporte e lacunas.	Recomposição de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA		
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.
Repintura.	Remoção das repinturas.	Realizar testes de remoção em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc).

Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original.	Remoção mecânica e limpeza química.	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimentos na camada pictórica após remoção de repintura.	Fixação.	Fixação da camada pictórica por aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico ou cola PVA diluída em água destilada a 50% de concentração. Acomodar por pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon.
Base de preparação com lacunas.	Emassamento e nivelamento de lacunas.	Emassamento de lacunas com massa a base de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas para madeira.
Lacunas de pintura e manchas.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e verniz de Paraloid B72, na técnica rigatino e pontilhismo. Nas pinturas a têmpera fosca poderá haver a opção pelo Mowiol 8:88 diluído a 15% em água adicionado aos pigmentos. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)
Áreas sem pintura em substituições do suporte.	Aplicação de nova camada de pintura.	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.
Ausência de uma camada de proteção.	Aplicação de verniz de proteção.	Aplicar Paraloid B72 diluído a 10% em xilol ou álcool polivinílico diluído em água destilada e álcool 92º na proporção: 75 g x 375 ml x 750ml. Poderão ser aplicados por aspersão ou pincelamento.

4.1.9– Retábulo capela lateral da esquerda

PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
	TRATAM. DO SUPORTE	
Bens móveis expostos	Remoção, embalagem e armazenamento	As imagens sacras e o castiçal deverão ser removidos cuidadosamente do retábulo, fotografados, fichados em laudo técnico e embalados para armazenamento.
Acúmulo de sujidades na parte de trás.	Higienização.	Higienização com trinchas, escova e/ou vassourinha de piaçava. Remoção de sujidades com aspirador de pó.
Interior servindo de guarda de objetos diversos.	Liberação da área.	Remoção dos objetos e realocação para os mesmos.
Ataques de insetos xilófagos.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) nas áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Fragilização do suporte por ataques de insetos xilófagos.	Avaliação das eventuais peças a serem desmontadas.	Mapeamento e avaliação de peças para desmonte parcial ou total.
Estruturas comprometidas por ataques de insetos xilófagos e alterações inadequadas.	Revisão de estrutura.	Avaliação e revisão das estruturas dos elementos para determinar tratamentos ou substituições.
Peças selecionadas para desmonte.	Desmonte individual e cuidadoso das peças selecionadas.	Cravos serão cortados com ceguetas e as peças deverão ser acomodadas cuidadosamente.
Fissuras e rachaduras.	Preenchimento.	Preenchimento das aberturas e perdas com massa de pó de serra e cola PVA, estabilizados por grampos e sargentos.
Perdas diversas de suporte e lacunas.	Complementação de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
Peças desmontadas e/ou	Remontagem das peças	Refixação com parafusos

soltas.	desmontadas.	galvanizados em orifícios perfurados com máquina elétrica.
Peças se soltando e/ou fora da posição correta.	Refixação das partes ao suporte.	As peças serão refixadas com parafusos galvanizados, introduzidos em orifícios furados com máquina elétrica.
Distanciamento entre peças.	Calafetação.	Preenchimento com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em só um dos lados.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA		
Acúmulo de sujidades.	Higienização.	Higienização com trinchas e pincéis macios.
Fragilidade do suporte com risco de perda de pintura durante desmonte parcial.	Faceamento.	Fixação sobre a camada fragilizada de Pellon com Carboximetilcelulose.
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.
Repintura.	Prospecção e/ou remoção de repintura.	Realizar testes de remoção em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc).
Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original.	Remoção mecânica e limpeza química.	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimentos na camada pictórica após remoção de repintura.	Fixação.	Fixação da camada pictórica por aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico ou cola PVA diluída em água destilada a 50% de concentração. Acomodar por pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon.
Base de preparação com lacunas.	Emassamento e nivelamento.	Emassamento de lacunas com massa a base de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.

Lacunas de pintura e manchas.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e verniz de Paraloid B72 ou de álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)
Acabamentos necessários na camada pictórica.	Apresentação estética.	Atenuação de manchas e reintegrações aparentes por nova reintegração nas técnicas citadas anteriormente após remontagens de peças.
Áreas sem pintura em substituições do suporte.	Aplicação de nova camada de pintura.	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.
Ausência de uma camada de proteção.	Aplicação de verniz de proteção.	Aplicar Paraloid B72 diluído a 10% em xilol ou álcool polivinílico diluído em água destilada e álcool 92º na proporção: 75 g x 375 ml x 750ml. Poderão ser aplicados por aspersão ou pincelamento.

4.1.10 – Divisória da capela lateral da esquerda

PROBLEMA	**INTERVENÇÃO**	**METODOLOGIA**
	TRATAM. DO SUPORTE	
Ataques de insetos xilófagos.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) nas áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções das peças por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Pequenas perdas de suporte e lacunas.	Complementação de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de

		pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
Cancelas fora do prumo.	Nivelamento das cancelas.	Revisão e/ou substituição das dobradiças mantendo o padrão da original.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA		
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.
Repintura.	Remoção de repintura.	Realizar testes de remoção em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc).
Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original.	Remoção mecânica e limpeza química.	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimentos na camada pictórica após remoção de repintura.	Fixação.	Fixação da camada pictórica por aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico ou cola PVA diluída em água destilada a 50% de concentração. Acomodar por pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon.
Base de preparação com lacunas.	Emassamento e nivelamento.	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
Lacunas de pintura e manchas.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e verniz de Paraloid B72 ou de álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)

Áreas sem pintura.	Aplicação de nova camada de pintura.	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.
Ausência de uma camada de proteção.	Aplicação de verniz de proteção.	Aplicar Paraloid B72 diluído a 10% em xilol ou álcool polivinílico diluído em água destilada e álcool 92º na proporção: 75 g x 375 ml x 750ml. Poderão ser aplicados por aspersão ou pincelamento.

4.1.11 – Retábulo capela lateral da direita

PROBLEMA	**INTERVENÇÃO**	**METODOLOGIA**
	TRATAM. DO SUPORTE	
Bens móveis expostos	Remoção, embalagem e armazenamento	As imagens sacras e os castiçais deverão ser removidos cuidadosamente do retábulo, fotografados, fichados em laudo técnico e embalados para armazenamento.
Acúmulo de sujidades na parte de trás.	Higienização.	Higienização com trinchas, escova e/ou vassourinha de piaçava. Remoção de sujidades com aspirador de pó.
Interior servindo de guarda de objetos diversos.	Liberação da área.	Remoção dos objetos e realocação para os mesmos.
Ataques de insetos xilófagos.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) nas áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Preenchimento de lacuna de suporte inadequado (friso frontal da mesa).	Remoção das massas e complementações.	Remoção com bisturi e/ou formão partes complementadas.
Fissuras e rachaduras.	Preenchimento.	Preenchimento das aberturas e perdas com massa de pó de serra e cola PVA, estabilizados

		por grampos e sargentos.
Perdas diversas de suporte e lacunas.	Complementação de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
Peças se soltando e/ou fora da posição correta.	Refixação das partes ao suporte.	As peças serão refixadas com parafusos galvanizados, introduzidos em orifícios furados com máquina elétrica.
Distanciamento entre peças.	Calafetação.	Preenchimento com taliscas de madeira (cedro) fixadas com PVA em só um dos lados.
TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA		
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.
Repintura.	Prospecção e/ou remoção de repintura.	Realizar testes de remoção em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc).
Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original.	Remoção mecânica e limpeza química.	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimentos na camada pictórica após remoção de repintura.	Fixação.	Fixação da camada pictórica por aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico ou cola PVA diluída em água destilada a 50% de concentração. Acomodar por pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon.
Base de preparação com lacunas.	Emassamento e nivelamento.	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
Lacunas de pintura e manchas.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e verniz de Paraloid B72, nas

		técnicas de rigatino, pontilhismo e/ou ilusionismo. Nas pinturas a têmpera fosca poderá haver a opção pelo Mowiol 8:88 diluído a 15% em água adicionado aos pigmentos. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)
Áreas sem pintura em substituições do suporte.	Aplicação de nova camada de pintura.	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.
Frisos, cordões e relevos com douramento (se for confirmada a presença deste).	Se constatado a presença de folha de ouro reaplicação, caso contrário utilização de mica dourada.	Reconstituição das camadas de preparação em relação ao grau de perda (gesso, bolo armênio e encolagem) e aplicação de folha de ouro ou aplicação de mica diluída em Paraloyd B72 com pincel.
Acabamentos necessários na camada pictórica.	Apresentação estética.	Atenuação de manchas e reintegrações aparentes por nova reintegração nas técnicas citadas anteriormente após remontagens de peças.
Ausência de uma camada de proteção.	Aplicação de verniz de proteção.	Para o douramento, aplicar Paraloid B72 diluído a 10% em xilol. Para as demais pinturas, se estas apresentarem características de têmpera fosca, será empregado o álcool polivinílico diluído em água destilada e álcool 92º na proporção: 75 g X 375 ml x 750ml. Poderão ser aplicados por aspersão ou pincelamento.

4.1.12 – Divisória da capela lateral da direita

PROBLEMA	INTERVENÇÃO	METODOLOGIA
	TRATAM. DO SUPORTE	
Ataques de insetos xilófagos.	Desinfestação e imunização do suporte.	Aplicação de Termidor (2% em aguarrás) nas áreas desmontadas, galerias abertas na superfície e espaçamentos entre junções de tábuas por pincelamento, gotejamento com de equipo soro e/ou seringas hipodérmicas.
Pequenas perdas de suporte e lacunas.	Complementação de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Inserção de enxerto de madeira (cedro) recortada no formato da perda e fixação com PVA (puro). Aplicação de massa de pó de serra com PVA diluído em água destilada, na consistência de farofa.
	TRATAM. DA CAMADA PICTÓRICA	
Acúmulo de sujidades.	Higienização.	Higienização com trinchas e pincéis macios.
Abertura de janelas de prospecção indica que as pinturas foram raspadas para aplicação da repintura mais atual. Necessária remoção camada a camada da repintura.	Avaliação realizada por conservador-restaurador da camada pictórica	Durante todo o processo de remoção de repintura será necessária a avaliação da camada pictórica presente após o processo. Só após a realização desta é que se decidirá a continuidade do procedimento.
Repintura.	Prospecção e/ou remoção de repintura.	Realizar testes de remoção em diferentes áreas com bisturi e/ou solventes (removedor automotivo/ hidróxido de amônio/dimetil formamida, etc).
Sujidade aderida e manchas na superfície pictórica original.	Remoção mecânica e limpeza química.	Deverão ser realizados testes mecânicos com bisturi e químicos com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Desprendimentos na camada pictórica após remoção de repintura.	Fixação.	Fixação da camada pictórica por aplicação de álcool polivinílico, água e álcool etílico ou cola PVA diluída em

		água destilada a 50% de concentração. Acomodar por pressão de dedo ou espátula de osso sobre Pellon.
Base de preparação com lacunas.	Emassamento e nivelamento.	Emassamento de lacunas com massa de álcool polivinílico e carbonato de cálcio. Nivelamento com lixas d'água.
Lacunas de pintura e manchas.	Reintegração cromática.	Reintegração com pigmento e verniz de Paraloid B72 ou de álcool polivinílico, nas técnicas de pontilhismo, tracejado e/ou ilusionismo. (Aqui considerou-se a existência de camada pictórica decorativa abaixo da repintura após a remoção de repintura e estima-se a realização deste processo em toda esta camada)
Áreas sem pintura em substituições do suporte.	Aplicação de nova camada de pintura.	Aplicar tinta látex ou acrílica comercial branca e pigmento, trabalhando a harmonização com pátinas e cores do elemento.
Ausência de uma camada de proteção.	Aplicação de verniz de proteção.	Aplicar Paraloid B72 diluído a 10% em xilol. Para as demais pinturas, se estas apresentarem características de têmpera fosca, será empregado o álcool polivinílico diluído em água destilada e álcool 92º na proporção: 75 g X 375 ml x 750ml. Poderão ser aplicados por aspersão ou pincelamento.

4.1.13 – Lavabo

PROBLEMA	**INTERVENÇÃO**	**METODOLOGIA**
	TRATAM. DO SUPORTE	
Acúmulo de sujidades.	Higienização.	Higienização com trinchas e pincéis macios.
Pintura inadequada.	Remoção.	Realizar testes de remoção com solventes (Hidróxido de amônio, álcool, acetona etc).
Sujidade aderida e manchas na	Remoção mecânica e limpeza	Deverão ser realizados testes mecânicos delicadíssimos com

superfície.	química.	bisturi e químicos (preferencialmente) com diferentes solventes para a escolha do material adequado.
Complementação grosseira ao redor da torneira.	Remoção.	Recomenda-se a utilização de maquinário especializado para o trabalho com rochas, atentando-se para a proteção das regiões circundantes.
Perdas e lacunas mais incômodas do suporte.	Recomposição de áreas faltantes e consolidação do suporte.	Utilização de resina epóxi e pó de pedra sabão.
Torneira com metal oxidado.	Limpeza.	Limpeza com hidróxido de amônia e álcool a 50% de concentração, utilizar esfregaço de algodão e se necessário misturar a esta fibra de manta metálica (Bombril), cuidando para o entorno não ser abrasionado.
Proteção do metal.	Aplicação de verniz.	Aplicação de verniz de Paraloyd B72 a 15% de concentração em Xilol por pincelamento.
Retirada e substituição do lavabo por pia moderna na sacristia.	Remoção da pia nova e readaptação do lavabo no lugar.	Chumbamento do lavabo na parede com adequações hidráulicas.
Ausência de bacia para complementação do lavabo	Aquisição de peça similar ao que é percebido na foto antiga.	Pesquisar um modelo ou encomendar uma pia de pedra sabão em forma conchoíde.
Falta de acabamentos.	Inserção da bacia e acabamentos na parede.	Chumbamento da bacia, adaptações hidráulicas de esgotamento e acabamentos com massa e tinta na parede.

4.2 – Especificações Técnicas

4.2 - Especificações técnicas

Os materiais e técnicas a serem utilizados na restauração dos elementos artísticos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário deverão seguir as normas e padrões internacionais de excelência para a conservação e restauração de decorações internas em monumentos históricos e artísticos. Seguem abaixo as especificações correspondentes ao que foi proposto para cada tipo de intervenção.

4.2.1 – Proteção dos ambientes internos da obra

Os ambientes internos da obra deverão ser protegidos de acordo com o estágio de tratamento no qual os bens se encontram. O piso no qual serão montados andaimes deverá ser coberto com borracha antiderrapante. Os locais restantes de pouco acesso, assim como áreas de transito serão protegidos com uma camada de lona plástica e, acima desta, uma camada de madeirite.

Os itens do mobiliário serão retirados do interior da igreja e relocados para um local a ser definido pelos responsáveis pela mesma.

Os itens de arte aplicada serão protegidos com papel kraft com a finalidade de isolá-los de poeiras e demais partículas solidas. As regiões que sob ameaça de danos por impacto serão protegidos com folha de madeirite.

Os bens cuja restauração será concomitante com outros itens da igreja permanecerão descobertos durante o trabalho e serão devidamente protegidos ao serem concluídos.

4.2.2 - Montagem de andaimes/plataforma de trabalho/armazenagem de materiais da obra/medidas de segurança

Para a obra de restauração de bens móveis deverão ser observados os atendimentos pertinentes às etapas específicas de condução técnica que proporcionem segurança ao acervo e às estruturas arquitetônicas ali presentes. Para tal, deverão constar as orientações a seguir:

Serão montadas estruturas metálicas de andaimes (com número de patamares suficiente para atingir o ponto mais alto a ser intervido com paineis de andaimes tipo torre nas dimensões individualizadas de 1,00 x 1,00 m ou 1,50 x 1,00 m), devidamente forradas com tábuas de pinho ou madeirites, de forma a possibilitar o acesso em toda extensão dos elementos artísticos. Os patamares aos redor dos pisos deverão ser protegidos com rodapés de madeira para evitar queda de ferramentas ou vasilhames com solventes/tintas/etc. e com guarda-corpo resistente (montado com tubos metálicos) nos vãos para garantir a completa segurança dos técnicos em ação.

Todos os andaimes a serem utilizados deverão ser do tipo autoportantes e metálicos e não poderão ser montados sobre os elementos artísticos. Nos locais onde exista a possibilidade de contato com as estruturas dos andaimes, os elementos artísticos aplicados deverão contar com proteção apropriada.

As bases dos andaimes deverão estar localizadas sobre áreas seguras e protegidas de forma a não prejudicar os pisos e suportes

As plataformas de trabalho deverão ser cuidadosamente montadas e desmontadas, para não causarem prejuízos aos elementos existentes – quinas, decorações, frisos, cimalhas, etc.

Deverão ser adquiridas ou mesmo produzidas estantes para guarda de equipamentos e materiais, bem como bancadas de apoio para o preparo de colas, tintas, vernizes, etc.

O acondicionamento do material inflamável deverá ser feito em área ventilada observando a sinalização de segurança, informações sobre as caracteristicas dos produtos e mantendo extintores de incêndio acesssíveis nestas áreas. Os solventes deverão ser armazenados em armários de aço, devidamente sinalizados, com indicação de uso e trancados evitando o acesso de pessoas não autorizadas. As áreas internas da igreja não poderão ser utilizadas como depósito de materiais. Estes deverão ser dispostos em depósito provisório a ser construído na área externa da igreja, juntamente com a estrutura prevista no projeto arquitetônico.

As instalações elétricas deverão ser feitas por profissional especializado, cuidando para dividir corretamente as cargas quando do uso de aparelhos de maior consumo de energia, e na fiação correta com dupla proteção e gradeamento para as lâmpadas incandescentes.

É essencial a distribuição de extintores de incêndio de pó químico em todos os ambientes, em quantidade suficiente para atender toda a extensão da obra e de fácil acesso, incluindo aí um em patamar intermediário do andaime e outro no espaço de armazenamento de materiais.

Os funcionários deverão sempre se apresentar devidamente uniformizados e com todos os equipamentos de EPIS disponíveis e sendo utilizados nas devidas especificações.

O canteiro de obra deverá se limpo diariamente e ao final dos serviços removidos todo o entulho e lixo acumulados.

4.2.3 – Identificação, laudo técnico, documentação, embalagem e armazenamento dos bens móveis:

As peças do acervo móvel da igreja como: imagens sacras, castiçais, relicários, relógio de parede e grande rosário de contas deverão ser cuidadosamente removidas dos retábulos e do arco cruzeiro. Cada uma delas deverá ser fotografada inteira nas quatro posições, como também, focando os pontos de degradação. Um laudo técnico contendo informações fundamentais para identificação e reconhecimento do estado de conservação de cada uma deverá ser elaborado, onde também deverá constar o local indicado pelos responsáveis para armazenamento.

As peças deverão ser higienizadas com trinchas e pincéis macios, envolvidas em papel de seda, depois tecido TNT branco e dependendo do local de armazenagem com papel Kraft externamente. Deve ser evitado ao máximo o uso de fitas adesivas.

Estas deverão ser empregadas com parcimônia somente na parte mais externa da embalagem e sempre que possível substituída por tiras de algodão ou TNT amarrando nas bordas, sem pressionar a peça.Elas deverão ser armazenadas em ambiente seguro, higienizado, sem foco de umidade ou emissão excessiva de calor.

4.2.4 – Higienização parte de trás:

A parte de trás dos retábulos, das cimalhas e do forro deverá ser higienizada com trinchas, escova e/ou vassourinha de piaçava. O aspirador de pó deverá ser usado para remoção de grandes quantidades de sujidade.

4.2.5 – Higienização:

As áreas decoradas deverão ser limpas superficialmente com trinchas e espanadores macios para remoção de poeira, teias de aranhas, excrementos de insetos etc. Exceção a ser observada nos casos de descolamento severo de estratos de pintura quando a higienização deverá ser imediatamente suspensa e a fixação deverá anteceder a esta.

4.2.6 - Fixação prévia da pintura:

Na camada pictórica em desprendimento severo, ainda que com repintura, será imprescindível uma fixação emergencial antecedendo atitudes como higienização e desmontes. Ela deverá ser feita por intermédio de aspersores com álcool polivinílico.

O álcool polivinílico (Mowiol 8-88) deverá ser diluído em água destilada e álcool 92º na seguinte proporção: 75 g X 375 ml x 750 ml. A consistência do referido preparado poderá ser alterada de acordo com a reação da pintura; muito provavelmente na primeira aplicação o Mowiol deverá estar bastante diluído, portanto, com maior concentração de água e álcool.

4.2.7 - Demarcação em mapas das partes dos bens a serem desmontadas:

Alguns dos bens integrados da Igreja apresentam fragilização estrutural ou de suporte fazendo-se necessário o seu desmonte total ou parcial para que sejam tratados adequadamente. Esta ação deverá ser realizada somente quando as possibilidades da intervenção, na posição original da(s) peça(s), já tenham se esgotado. A opção pela menor intervenção é um dos princípios fundamentais da restauração e deve ser sempre levado em conta.

No caso da definição pelo desmonte é importante que as peças sejam avaliadas, identificadas e demarcadas em mapeamentos individuais para que sejam desmontadas em seguida.

Os mapas serão desenhados em papel em escala de prancheta e deverão conter todas as medidas específicas para remontagem.

4.2.8 – Preparação para desmonte de peças e tábuas policromadas

Nas peças que serão desmontadas deverá ser observada a resistência da camada pictórica. Quando for detectada a fragilização do suporte sob ela por ataques de insetos xilófagos, apodrecimentos ou outra qualquer situação que coloque em risco a decoração a ser restaurada, deve-se proteger a pintura a fim de se evitar perdas. Será feito o faceamento da camada pictórica com a fixação de Pellon cortado em pedaços de tamanho médio posicionado sobre a mesma com Carboximetilcelulose (CMC). Este será aplicado através de pincelamento e o Pellon será então massageado com os dedos para sua devida acomodação.

Para facilitar a posterior remoção do faceamento, sempre que os testes prévios se mostrarem seguros deverá ser aplicada uma camada generosa de verniz (Dammar por exemplo), que não interaja com a pintura e possibilite a sua remoção (aguarrás mineral) logo após a retirada da película de proteção.

4.2.9 – Desmonte parcial dos bens

Com as partes frágeis devidamente faceadas, o restante das pinturas fixado e o mapeamento das partes executado, segue-se para o desmonte das tábuas ou partes das peças selecionadas. Será retirada uma peça ou tábua de cada vez, com muito cuidado

para não danificar ainda mais o suporte e/ou a camada pictórica. Deve-se cortar os cravos com cegueta, mantendo a peça apoiada o tempo todo para que não incorra em riscos de queda.

4.2.10 – Descendimento das tábuas ou peças retiradas das partes altas

Após o seu desmonte, deve-se descer as tábuas ou peças pousadas temporariamente no piso do andaime através de maca de madeirite com apoios laterais e corda. Deve-se descer uma tábua ou peça de cada vez, cuidadosamente.

4.2.11 – Acomodação das tábuas removidas

Assim que forem descendidas, as tábuas serão acomodadas adequadamente sobre tabiques de madeira forrados com papel Kraft ou diretamente sobre a bancada de trabalho.

4.2.12 – Desinfestação e imunização do madeirame:

Para a desinfestação/ imunização do madeirame deverá ser utilizado o produto de nome comercial Termigama[1] ou similar, diluído a 2% em aguarrás mineral, aplicado em todo o madeirame dos elementos artísticos da capela, bem como nas peças novas de substituição/complementação.

As formas de aplicação sugeridas são através de seringas hipodérmicas (em áreas de perdas de suporte, por galerias que serão desobstruídas com formões afiados pelo verso e demais acessos disponíveis) e/ou por pincelamento. Nas partes não desmontadas com orientação vertical ou de extensas áreas compactas de madeira este processo será realizado por gotejamento - com equipo de soro hospitalar.

Em bens que não forem acessíveis pelo verso e que não possibilitarem a confecção de orifícios para gotejamento a desinfestação/imunização serão feitas através de galerias que atingirem a superfície, distanciamento entre peças e outros acessos.

4.2.13 - Revisão da estrutura e substituição de peças

Todas as estruturas de sustentação dos elementos artísticos deverão passar por criteriosa revisão, de forma que sejam observados todos os pontos de desagregação e instabilidade. No caso das peças danificadas, as mesmas deverão ser substituídas por

[1] O Termigama é um inseticida do grupo químico do Fenil Pirazol e tem sido indicado por diversos especialistas, tais como os responsáveis pelo Departamento de Biologia Animal (Casa dos Cupins) da Universidade Federal de Viçosa/MG.

outras novas, enquanto as que se encontrarem com pequenos danos deverão ser recuperadas.
As peças de substituição deverão ser de qualidade similar às originais e fixadas com parafuso galvanizados e nos casos de peças muito espessas utilizar a barra rosqueada.

4.2.14 – Tratamento do suporte com apodrecimento

Para o tratamento das regiões com fragilização por apodrecimentos é bom que seja removida toda a área comprometida, desde que não ofereça riscos à estabilidade da superfície pictórica. Em seguida inicia-se aplicação de Paraloid B-72 a no máximo 5% de concentraçào em xilol até que a madeira perca o aspecto ressecado. Serão realizados então banhos suscessivos (entre secagens) de Paraloid B-72 a 10%, 15% e 20% em xilol, progressão esta elevada à medida que o suporte apresentar um aumento de resistência, para que possa mais uma vez exercer seu papel estrutural.

4.2.15 – Fixação de junções deslocadas e partes fora do prumo ou empenadas

Devido a remontagens incorretas e adaptações inadequadas de mobiliário, algumas partes encontram-se soltas, sendo a sua fixação necessária. Deve-se definir a melhor posição para as peças e fixá-las por meio de inserção de parafusos galvanizados em orifícios feitos com máquina elétrica e/ou reforçados com cola PVA sem diluição.

No caso de tábuas do forro desniveladas, deverá ser feito o enfraquecimento da tábua com veios recortados em forma de cunha, longitudionais, com até 2 com de abertura no ponto máximo. Estes sulcos deverão ser preenchidos com pequenos tacos de madeira cortados na forma vazia em dimensões de no máximo5 cm de comprimento dependendo do tamanho do veio. Estas peças serão coladas com cola PVA.

Nas cancelas da balaustrada (mesa de comunhão) deverão ser revistas as fixações das dobradiças ou mesmo a substituição destas por outras similares.

4.2.16 – Colagem e/ou preenchimento das rachaduras e fissuras

As rachaduras e fissuras encontradas em diversos bens da Igreja que serão desmontados precisam ser contidas para conferir novamente estabilidade do suporte. A recolocação das partes deve ser feita com auxílio de pressão com grampos e sargentos, sempre que possível. O procedimento adotado para o tratamento é rebaixar, através de recorte com formão, a madeira original em formato de “duplo rabo de andorinha”, confeccionar peça similar, também em madeira (cedro ou equivalente) e fixar levemente com cola PVA preenchendo a área livre.

Quando não for possível realizar este procedimento, deverá ser feito o preenchimento das aberturas com talisca de cedro no formato das rachaduras de maior dimensão e

colada somente um dos lados. Deverá ser mantida uma abertura para permitir movimentação futura do suporte. As fissuras mais estreitas serão preenchidas com massa de pó de serragem com PVA.

As fissuras e rachaduras encontradas no lavabo deverão ser preenchidas com resina Epóxi Araldite para pedras com pó de pedra-sabão de cor similar à da pedra do suporte.

4.2.17 – Consolidação de orifícios

Os orifícios encontrados nas peças serão preenchidos com massa de pó de serragem misturado com PVA e água destilada.

4.2.18 – Consolidação do suporte e complementação de áreas de perda

A consolidação do suporte será utilizada nos bens que apresentarem perdas e fragilidades, seja por perda de peças em remontagens, ataques de insetos xilófagos, apodrecimento de suporte, entre outros.

Em perdas maiores deve-se fazer um enxerto de madeira recortada (cedro) no formato da perda, que será colado com PVA puro e se possível com reforço de cavilhas de madeira. Nas demais perdas, a consolidação/complementação será feita com o emprego de massa de pó de serragem com cola PVA e água destilada (1:1). Essa massa deverá conter uma parte de pó de serragem e uma parte igual de microesfera de vidro e atingir, quando associada com a cola + água, ter consistência de farofa (mistura mais seca) e será aplicada em sucessivas camadas após a secagem da anterior.

Para a consolidação do lavabo de pedra será aplicada resina epóxi Araldite (para pedras) com pó de pedra-sabão em tonalidade próxima ao do suporte original.

4.2.19 – Remoção de partes coladas e/ou confeccionadas de forma grosseira

Algumas peças apresentam complementações inadequadas em massa ou madeira, que deverão ser removidas mecânicamente com bisturis, formões ou quimicamente com solvente que não ataque a pintura original - escolhido através de testes feitos anteriormente. Esta etapa exigirá muita acuidade na execução.

4.2.20 – Confecção e fixação das partes faltantes no suporte

As partes faltantes das peças, tais como entalhes e frisos, deverão ser confeccionadas em madeira de lei (cedro ou similar) e coladas com PVA e reforço de parafusos de metal galvanizado.

4.2.21 – Limpeza e remoção de oxidação de cravos e parafusos:

Cravos, pregos, fechaduras e dobradiças oxidadas podem manchar e danificar a madeira circundante. Deve-se aplicar ácido fosfórico a 10% em água destilada com swab de algodão, precedido de teste localizado para segurança da atuação. O produto removerá as oxidações e estabilizará o suporte. Deve-se avaliar a possibilidade de se substituir peças.

4.2.22 – Tratamento de cambotas originais e fixação de novas cambotas:

Para que as tábuas do forro sejam refixadas de forma adequada, é importante que as cambotas tenham sua capacidade estrutural reestabelecida. Dessa forma, as peças originais serão submetidas a limpeza, desinfestação, imunização, remoção de suporte apodrecido e a banhos de Paraloid B-72 para enrijecimento do suporte. De acordo com as perdas sofridas pelas cambotas antigas, partes ou peças completas serão confeccionadas em angelim e fixadas na lateral da antiga cambota, nas posições correspondentes às regiões de perda. As cambotas serão furadas com furadeira, fixadas com parafuso de rosca e estabilizadas com porca na extremidade.

4.2.23 – Remoção do papel dourado

Para a remoção do papel dourado conforme registrado na pagina 79 do projeto, a remoção mecânica com auxílio de bisturi para iniciar o processo é muito eficaz. Nos pontos de resistêncai deverá ser preparada uma compressa de CMC na consistência de grude com 12% de alcool etílico ou 8% de acetona adicionado a esta e colocado com compressa de algodão por aproximadamente 5 segundos sobre o ponto determinado. Em seguida com auxílio do bisturi proceder a retirada das tiras douradas.

4.2.24 – Avaliação de todo o processo de remoção de repintura:

Devido aos resultados obtidos nas prospecções dos bens com camada pictórica e repintura, que não permitiram uma definição conclusiva, será necessário que a remoção das repinturas seja feita camada a camada. Após a remoção completa da primeira camada deverá ocorrer uma avaliação da camada pictorica subjacente, agora totalmente descoberta, para que seja definida a sua permanência ou remoção. Esta avaliação deverá ocorrer durante todo o processo de remoção de repintura e a decisão final deverá ser realizada conjuntamente com a fiscalização (IPHAN).

4.2.25 – Remoção de repintura e verniz oxidado

Para se realizar a remoção da repintura e verniz utilizar solventes apolares (levando-se em conta a tinta a madeira, a têmpera seca e os douramentos, se houver, com base

de preparação muito suscetível a água) serão testados, a fim de se determinar o mais adequado que remova a repintura sem comprometer a camada subjacente. Caso não seja selecionado nenhum produto que atenda às premissas, será feita remoção mecânica.

Para a remoção mecânica será utilizado o bisturi cirúrgico de lâmina descartável. Sempre que necessário o trabalho deverá ser definido com auxílio de lupas binoculares ou lupas de pala. Toda a ação deve ser realizada com extremo cuidado de forma a não danificar a camada subjacente, seja a própria madeira, a tinta ou o ouro, se houver (este é muito vulnerável a este tipo de remoção).

No caso da pintura a óleo que cobre a pedra do lavabo deverá ser utilizado o hidróxido de amônia.

4.2.26 – Remoção mecânica e limpeza química:

A limpeza da pintura, exercida de forma mais profunda, deverá remover a sujidade aderida sobre o filme pictórico. Para tal intervenção deverão ser realizados testes com solventes para que seja determinado o produto ideal a ser empregado na intervenção.

Em alguns elementos artísticos deverão ser realizados testes de solubilidade para a remoção dos respingos de tinta e sobre a sua superfície.

Para remoção de camadas ou particulados aderidos, utilizar bisturi e espátulas odontológicas.

A limpeza da superfície do lavabo ocorrerá com água destilada e escova macia. Para remoção de manchas, testes serão realizados com Hidróxido de amônio, Peróxido de oxigênio (50 vol.) e Hiposulfito de sódio em diversas diluições em água destilada.

4.2.27 - Revisão da fixação:

Após a limpeza da pintura, deverá ser feita uma criteriosa revisão da fixação. Neste momento o fixador a ser utilizado deverá ser levemente mais espesso que o primeiro e aplicado com pincéis macios. As escamas da camada pictórica que ainda estiverem se soltando deverão ser acomodadas com o referido fixador e Pellon, Melinex® ou Millar® de 100 microns.

No caso da resposta com o álcool polivinílico ter se mostrado insatisfatória testar a cola PVA diluída em pelo menos 60% de água destilada com aplicação de pincel e remoção de excessos com auxílio do Pellon.

4.2.28 - Remontagem e fixação de peças soltas:

As partes desmontadas deverão ser remontadas com parafusos galvanizados, após perfuração com máquina elétrica, que serão camuflados com preenchimento de massa – a mesma utilizada para o emassamento – e reintegrada também dentro da mesma opção de tinta definida para a reintegração cromática da pintura e na técnica do tracejado ou pontilhismo para facilitar futuras desmontagens.

A fixação das partes soltas também deve ser feita no local e posição corretos através da inserção de parafusos galvanizados em orifícios furados com máquina elétrica. Se necessário, reforçar a fixação com cola PVA sem diluição.

4.2.29 - Emassamento e nivelamento das lacunas de superfície:

O emassamento das lacunas de superfície será feito utilizando-se de uma massa constituída de álcool polivinílico (Mowiol) e carbonato de cálcio, aplicada por intermédio de espátulas odontológicas. Para o nivelamento serão utilizadas lixas para madeira, nº 80, nº 120, nº 180 e nº 220.

4.2.30 - Reintegração cromática e apresentação estética:

Para a reintegração será utilizado Paraloid B 72, diluído a 8% em Xilol ou Diacetona álcool (que é menos tóxica), misturado a pigmentos da marca Mahler e Sennelier, na técnica denominada rigatino que consiste na feitura de finos traços sobrepostos e/ou o pontilhismo que utiliza de pequenos pontos sobrepostos para alcançar a cor desejada. Poderá ainda ser escolhida a técnica ilusionista que imita as características da pintura original com cores previamente determinadas, até que seja obtido um aspecto almejado. Eventualmente, nas áreas de pintura lisa, poderão ser usadas tintas à base látex com os mesmos pigmentos diluídos previamente em água destilada.

As lacunas de pintura deverão ser preenchidas nas cores correspondentes de forma a reintegrar a composição pictórica. Manchas que não desaparecerem com as limpezas também deverão ser suavizadas, utilizando-se de retoques sutis da mesma tinta.

Nos casos onde eventualmente se encontre folha de ouro deverá ser avaliada a possibilidade de reintegração com rigatino nas cores verde amarelo e vermelho de aquarela profissional ou mesmo a utilização de folha de ouro 22 Kts sobre bolo armênio nas técnicas do ouro brunido ou mordente conforme o aspecto do que for encontrado.

Sendo apenas purpurinas a reintegração será a base de mica com Paraloid B72.

Ao se avaliar o processo de reintegração para o forro da capela mor considerou-se a presença de pintura decorativa subjacente à repintura. Se sua existência for confirmada após a remoção, a camada pictórica deverá ser devidamente reintegrada. Na planilha foi considerado o quantitativo total, que deverá ser reduzido caso não seja encontrada pintura lisa e seja realizada somente a aplicação de tinta lisa no fundo (Em seguida será apresentado quantitativo adequado à esta previsão).

4.2.31 - Aplicação de nova pintura

A aplicação de uma nova pintura pode ocorrer diante de duas situações: se após a remoção da repintura a camada subjacente for avaliada como desinteressante, ou seja, sem decoração, sem características peculiares que lhe agreguem valor específico, por exemplo; se não for encontrada pintura abaixo da camada removida. Caso a opção seja a aplicação de uma nova camada, deve-se buscar harmonização com as cores e pátinas encontradas nas áreas vizinhas. Serão utilizadas tinta látex ou acrílica comercial branca misturada a pigmentos.
Aconselha-se que, mesmo sendo desprezada a camada pictórica antiga e se opte por uma repintura, que seja aplicado um verniz separando os resquícios mais antigos da repintura que se for aplicar. Neste caso, pode ser utilizado um verniz de Paraloid B72 em concentração mais espessa – 20% em Xilol, de forma a facilitar a reversibilidade da intervenção.

4.2.32 - Calafetação:

Espaços entre tábuas e peças serão preenchidos com taliscas de madeira - cedro ou similar - fixadas com PVA sem diluição em um dos lados.

4.2.33 – Realocação do lavabo:

O lavabo deverá ser realocado na sacristia conforme foi identificado na foto de acervo. A pia moderna deverá ser retirada. Uma nova bacia deverá ser pesquisada para aquisição, observando sutis detalhes que são possíveis de captar na foto antiga.

O lavabo e a bacia deverão ser assentados por pedreiro e técnico hidráulico para pronto funcionamento. Maiores especificações deste processo encontram-se detalhadas no projeto arquitetônico.

4.2.34 – Apresentação estética:

Utilizar as mesmas técnicas e materiais citados para a reintegração cromática na suavização de manchas, adaptações tonais em áreas de reintegração e demais ajustes para se obter uma leitura da obra sem ruídos.

4.2.35 - Aplicação de verniz:

Deverá ser empregado o preparado de álcool polivinílico (Mowiol 8-88) diluído em água destilada e álcool 92º na seguinte proporção: 75 g X 375 ml x 750ml. Esse verniz poderá ser aplicado por aspersão ou pincelamento sobre toda a superfície pictórica.

O verniz escolhido para a mesa de comunhão (balaustrada) é o Paraloid B72 10% a 20% em Xilol, sendo estável e reversível. Pode ser aplicado por aspersão ou pincelamento sobre toda a superfície.

4.2.36 – Acabamentos gerais:

Os acabamentos gerais consistem na revisão dos serviços, tais como frestas aparentes ou parafusos descobertos, os quais não tenham sido devidamente ocultos, no intuito de se obter melhores resultados estéticos nos elementos trabalhados.

4.2.37 - Documentação técnica e fotográfica:

Todas as etapas do trabalho serão documentadas através de fotografias e relatórios técnicos, registrando o aspecto geral e os detalhes mais significativos. Também deverão ser documentadas as áreas mais danificadas, mostrando ao máximo os problemas existentes e as soluções adotadas no tratamento.

Deverá ser elaborado um Diário de Obra durante toda a realização do trabalho. Este documento deverá ser pelo restaurador responsável – presente na obra em período integral – e preenchido diariamente. Nele deverão constar informações sobre o atual estado de conservação dos itens, novas alterações de registro de toda intervenção realizada. Também deverão constar informações sobre a manutenção da obra e sobre o corpo de funcionários.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Marianna; GUIGLEMETI, Denise O; GUIGLEMETI, Wallace A; MENDES, Marylka; SLAIBI, Tais Helena de Almeida. **Materiais empregados em conservação-restauração de bens culturais.** 2 ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Conservadores-restauradores de Bens Culturais, 2011.

ATTWATER, Donald. **Dicionário de Santos**. 2 ed. São Paulo: Art Editora, 1991.

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação.** 3 ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

BOITO, Camillo. **Os Restauradores**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

Carta de Veneza, II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos. 1964. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf. Acesso em 09/03/2016.

Carta de Atenas, I Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos. 1933. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=233. Acesso em 09/03/2016.

INVENTÁRIO NACIONAL DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS. Ministério da Cultura, SPHAN/Pró-Memória.

KUHL, Beatriz Mugayar. Os Restauradores e o Pensamento de Camillo Boito. In: BOITO, Camillo. **Os Restauradores.** 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

KUHL, Beatriz Mugayar. **História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos**. Revista CPC, 2005, v. 1, n. 1. Disponível em <http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/conteudo_revista_arti_arquivo_pdf/kuhl_pdf.pdf > Acesso em 09/03/2016.

MEGALE, Nilza Botelho. **Invocações da Virgem Maria no Brasil.** 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

RUSKIN, John. **A Lâmpada da Memória.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

SARMIENTO, Ernesto. **Iconografia y Simbologia: Breves apuntes para el primer curso de restauración de monumentos y obras de arte**. Cusco, 1975

TAVARES, Jorge Campos**. Dicionário de Santos**. 3 ed. Porto: Lello Editores, 2004.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea: vidas de santos**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2003.

6 – FICHA TÉCNICA

6 – FICHA TÉCNICA

Levantamentos
Rosangela Reis Costa – Restauradora
Bárbara Mesquita dos Santos Gomes - Restauradora

Levantamento Histórico
José Bizzotto Ramos - Historiador

Vistoria/Diagnóstico
Rosangela Reis Costa – Restauradora
Bárbara Mesquita dos Santos Gomes - Restauradora

Elaboração Projeto/Desenhos/Mapeamentos/Digitação
Rosangela Reis Costa – Restauradora
Bárbara Mesquita dos Santos Gomes – Restauradora

Fotografias
Rosangela Reis Costa – Restauradora
Bárbara Mesquita dos Santos Gomes - Restauradora

Responsabilidade de Execução
Século 30 Arquitetura e Restauro Ltda

ANEXO 1 – FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO

ANEXO 2 – MAPEAMENTO DE DEGRADAÇÕES DE PATOLOGIAS

ANEXO 3 – DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA